

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

HELDRINO JOTEMINGA CORREIA

Matrícula: 11412ECO002

**PERFIL EXPORTADOR E CRESCIMENTO ECONÔMICO: UMA ANÁLISE DE
PAINEL PARA ECONOMIAS AFRICANAS**

UBERLÂNDIA

2016

HELDRINO JOTEMINGA CORREIA

Matrícula: 11412ECO002

PERFIL EXPORTADOR E CRESCIMENTO ECONÔMICO: UMA ANÁLISE DE PAINEL
PARA ECONOMIAS AFRICANAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia.

Área de Concentração: Desenvolvimento Econômico

Orientadora: Profa. Dra. Michele Polline Veríssimo

UBERLÂNDIA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

C824p Correia, Helderino Joteminga, 1983-
2016 Perfil exportador e crescimento econômico : uma análise de painel
para economias africanas / Helderino Joteminga Correia. - 2016.
87 f. : il.

Orientador: Michele Polline Veríssimo.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Economia.
Inclui bibliografia.

1. Economia - Teses. 2. Exportação - Teses. 3. Comércio
internacional - Teses. 4. África - Condições econômicas - Teses. I.
Veríssimo, Michele Polline, 1978-. II. Universidade Federal de
Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Economia. III. Título.

CDU: 330

HELDRINO JOTEMINGA CORREIA

PERFIL EXPORTADOR E CRESCIMENTO ECONÔMICO: UMA ANÁLISE DE PAINEL
PARA ECONOMIAS AFRICANAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Economia.

Área de Concentração: Desenvolvimento Econômico

Uberlândia, 17 de Fevereiro de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Michele Polline Veríssimo – IEUFU

Prof. Dr. Flávio Vilela Vieira – IEUFU

Prof. Dra. Vanessa Marzano Araújo – ICAUFMG

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Profa. Dr. Michele Polline Veríssimo, pela ajuda e incentivos desde a definição do tema da dissertação, pela paciência e por ter aceitado este desafio de realizar o trabalho sobre África. Professora, muito obrigado pela dedicação a este trabalho e incentivos recebidos, serei eternamente grato.

Agradeço a minha querida mãe Teresa Albino Nhaga e meus irmãos Luís Paralta Malu, Vitcha Paralta Malu, Heldomiro Henrique Correia, João Henrique Correia Junior e Hedjofre Henrique Nhaga Correia pelo apoio e incentivo durante estes anos do mestrado.

À secretária do Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Uberlândia Camila Lima Bazani, e aos professores, que através dos seus conhecimentos e esforços proporcionaram uma formação e aprendizado imensos. Muito obrigado por contribuírem na ampliação da minha visão econômica.

Aos meus colegas da turma de mestrado, principalmente aos amigos Douglas Braz Dias, Júlio Fernando Costa Santos, Matheus Silva de Paiva e Theo Santine Antunes, Quero agradecer pelo convívio, apoio, parceria e conversas que deixaram o ambiente acadêmico muito mais interessante. Sem vocês este mestrado não seria a mesma coisa, muito obrigado!

Ao amigo Victor Manuel Barbosa Vicente pelo estímulo e apoio, e ao primo Helmer Dinis Siqueira obrigado pelo incentivo.

Ao Prof. Dr. Guilherme Jonas da Silva, pelo apoio e incentivo com sua experiência, sugestão e contribuições valiosas para a realização deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Flávio Vilela Vieira, pelas sugestões e contribuições que possibilitaram realizar este trabalho. Professor muito obrigado pela ajuda e sugestões recebidas.

Ao Governo Brasileiro que, via CAPES, concedeu bolsa que foi fundamental para meus estudos.

Terminando, agradeço uma pessoa querida e muito especial, minha companheira, parceira e amiga Caroline Buosi Molina. Muito obrigado “Branquinha”, os seus apoios e incentivos, compreensão, paciência e estímulo, desde processo seletivo e durante os anos dos estudos, foram fundamentais pra chegar este momento. Obrigado por estar ao meu lado. Quero dizer que fostes uma das minhas maiores incentivadoras. Muito Obrigado!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo avaliar a relação entre o perfil exportador e a taxa de crescimento do produto nas economias africanas. No capítulo 1, apresenta-se a literatura sobre o tema e trabalhos que analisam o caso específico da África. Parece haver consenso de que as exportações contribuem para o crescimento econômico. Entretanto, não há consenso quanto aos benefícios que se incorporam a partir dos produtos exportados. A divergência reside entre a abordagem da Maldição dos Recursos Naturais, em que concentração das exportações em produtos primários pode não contribuir para o crescimento econômico de forma eficiente. Outra linha de trabalho defende a ideia de não existir tal relação. O capítulo 2 apresenta, por meio de análise descritiva, dados macroeconômicos e de comércio internacional das economias africanas. A partir de dados de 52 países para período de 1990 a 2014, pode-se observar que o continente africano apresenta melhorias no contexto macroeconômico, com aumento das exportações em conjunto à elevação das taxas de crescimento, sugerindo uma relação positiva entre as variáveis. Os indicadores do comércio revelam a inserção da África na economia global, tendo como principais parceiros União Europeia, EUA, China e alguns países emergentes. Além disso, a análise revela uma pauta exportadora muito concentrada em petróleo e *commodities* agrícolas. A maioria dos países da África convive com saldo negativo da balança comercial, em função da exportação de produtos primários de baixo valor agregado e a importação de produtos manufaturados, de maior valor agregado. Por fim, o capítulo 3 realiza uma investigação empírica através de método econométrico de dados em painel. Os resultados obtidos sugerem existência de relação positiva entre as exportações e o crescimento econômico, isto é, há evidências de que as taxas de crescimento das economias africanas podem ser estimuladas pela expansão da participação das exportações no PIB. Os coeficientes estimados são positivos e estatisticamente significativos tanto na estimação pelo efeito fixo, como pela estimação por GMM System. A estimação dos modelos de crescimento por efeitos fixo ou aleatório indica uma relação direta e estatisticamente significativa entre exportação de petróleo/minerais e a taxa de crescimento dos países africanos. Assim, o perfil das exportações revela ser importante para a determinação da taxa de crescimento. Os resultados obtidos a partir das estimativas não corroboram com os argumentos da literatura denominada Maldição dos Recursos Naturais para o período analisado, visto que, exportar recursos naturais, especialmente petróleo e minerais, foram relevantes para explicar o desempenho da taxa de crescimento das economias.

Palavras-Chave: Perfil Exportador; Crescimento Econômico; Dados em Painel; África.

ABSTRACT

This study aims to evaluate the relationship between the export profile and the African GDP growth rate. Chapter 1 presents the literature on the subject and studies that analyze the specific case of Africa. There seems to be a consensus that exports contribute to economic growth. However, there is no consensus on the benefits that are incorporated from exported products. The divergence lies between the approach of the Natural Resources Curse, where concentration of exports in commodities does not contribute to economic growth. Another work line supports the idea there is no such relation. Chapter 2 presents, through descriptive analysis, macroeconomic and international trade data for African economies data. Based on data from 52 countries for the period 1990-2014, it can be observed that the African continent has improved in macroeconomic terms, with increased exports and economic growth rates, suggesting a positive relationship between the variables. Trade indicators show Africa's integration into the global economy, with European Union, USA, China and some emerging countries as main partners. In addition, the analysis showed that the export is concentrated in oil and agricultural commodities. Most African countries face a negative trade balance, depending of primary products exports with low added value and imports of manufactured goods. Finally, Chapter 3 presents an empirical research using panel data analysis. The results suggest, in general, evidences that exports are important for explaining the African economic growth rate of African economies can be stimulated by the expansion of the share of exports in GDP. The estimated coefficients are positive and statistically significant in both the fixed effect estimation, as the estimation by GMM System. The estimation of growth models for fixed or random effects indicates a direct and statistically significant relationship between export oil / minerals and the growth rate of African countries. Thus, the export profile turns out to be important to determine the growth rate. The results obtained from the estimates do not corroborate the literature arguments called Curse of Natural Resources for the period analyzed, since export natural resources, especially oil and minerals, were relevant to explain the performance of the growth rate of economies.

Keywords: Export Profile; Economic Growth; Panel Data; Africa.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Modelo de crescimento com exportações totais e exportações de recursos naturais - Efeito Fixo (EF) ou Aleatório (EA), países da África.....	49
Tabela 2: Modelo de crescimento com exportações de petróleo/minerais e de produtos agrícolas - Efeito Fixo (EF) ou Aleatório (EA), países da África.....	50
Tabela 3: Modelo de Crescimento com exportações totais e exportações de recursos naturais - Estimação GMM System, países da África.....	52
Tabela 4: Modelo Crescimento com Exportações de Petróleo/Minerais e Produtos Agrícolas - Estimação GMM System, Países da África	54
Tabela A1: PIB real (US\$ milhões), média, 1990-2014.....	68
Tabela A2: PIB real per capita (US\$), média, 1990-2014.....	69
Tabela A3: Taxa de crescimento do PIB real (%), média, 1990-2014.....	70
Tabela A4: Taxa de crescimento do PIB real per capita (%), média, 1990-2014.....	71
Tabela A5: Taxa de crescimento populacional (%), média, 1990-2014.....	72
Tabela A6: Formação bruta de capital fixo (% PIB), média, 1990-2014.....	73
Tabela A7: Gasto do governo (% PIB), média, 1990-2014.....	74
Tabela A8: Taxa de inflação (%), média, 1990-2014.....	75
Tabela A9: Despesa do governo com educação (% PIB), média, 1990-2014.....	76
Tabela A10: Índice de Desenvolvimento Humano, 1990-2013.....	77
Tabela B1: Exportações (US\$ milhões), média, 1990-2014.....	79
Tabela B2: Importações (US\$ milhões), média, 1990-2014.....	80
Tabela B3: Saldo comercial (US\$ milhões), média, 1990-2014.....	81
Tabela B4: Participação das exportações dos países no total exportado pelo continente (%).	82
Tabela B5: Participação das importações dos países no total importado pelo continente (%).	83
Tabela B6: Composição das exportações dos países africanos (%), 2013.....	84
Tabela B7: Composição das importações dos países africanos (%), 2013.....	85
Tabela B8: Destino das exportações dos países africanos (%), 2013.....	86
Tabela B9: Origem das importações dos países africanos (%), 2013.....	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Síntese da revisão da literatura sobre perfil exportador e crescimento econômico para as economias africanas	24
Quadro 2: Relação de variáveis, definições e fonte	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – LITERATURA SOBRE PERFIL EXPORTADOR E CRESCIMENTO ECONÔMICO PARA AS ECONOMIAS AFRICANAS	13
1.1 Abundância de Recursos Naturais e Crescimento Econômico.....	13
1.2 Evidências para as Economias Africanas	19
1.3 Conclusão	23
CAPÍTULO 2 – INDICADORES MACROECONÔMICOS E DE COMÉRCIO INTERNACIONAL DAS ECONOMIAS AFRICANAS.....	26
2.1 Indicadores Macroeconômicos dos Países Africanos.....	26
2.2 Indicadores Comerciais dos Países Africanos	32
2.3 Conclusão	37
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E RESULTADOS	40
3.1 Metodologia.....	40
3.1.1 Modelos de Painel Estático	41
3.1.2 Modelos de Painel Dinâmico	42
3.2 Especificação dos Modelos Econométricos e Base de Dados	45
3.3 Resultados.....	48
3.4 Conclusão	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	61
ANEXO A – INDICADORES MACROECONOMICOS DOS PAÍSES AFRICANOS.....	67
ANEXO B – INDICADORES DE COMÉRCIO INTERNACIONAL DOS PAÍSES AFRICANOS	78

INTRODUÇÃO

O debate sobre a relação entre padrão de especialização das exportações e crescimento econômico remonta à própria teoria econômica. Desde Adam Smith, com a sua teoria das “vantagens absolutas”, a literatura já demonstrava certa preocupação sobre o assunto. E, ao longo do tempo, não faltaram estudos que tentaram verificar a relação entre as exportações e o crescimento econômico. Algumas das teorias como, por exemplo, os modelos de “Export-Led Growth” e “Growth-Driving Export”, buscam verificar a associação entre tais variáveis.

Neste contexto, seguindo a experiência de vários países, como o caso dos Tigres Asiáticos, China, Índia e Brasil, reforça-se a ideia de que as exportações podem ser a saída para o crescimento das economias ainda em desenvolvimento, como é o caso dos países africanos, pois o continente conta ao seu favor com uma grande quantidade de recursos naturais de alto valor comercial que poderia alavancar suas exportações de bens.

Neste sentido, nas últimas décadas, verifica-se um aumento de estudos preocupados com o crescimento das economias africanas, onde é cada vez maior a busca de uma estratégia de crescimento econômico sustentado. A partir de 1980, com as reformas de mercado, as exportações africanas aumentaram o seu peso no comércio mundial. Da mesma forma, houve o correspondente crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) daquelas economias durante as duas últimas décadas.

No entanto, muitos trabalhos desenvolvidos na literatura econômica, especialmente naquela denominada de “Maldição dos Recursos Naturais”, lidam com a preocupação sobre a existência de uma relação causal entre o perfil exportador e a dinâmica do crescimento econômico no longo prazo. Deste modo, passou-se a ponderar sobre o papel da composição da pauta exportadora entre produtos primários e manufaturados como elementos dinamizadores do processo de crescimento do produto, pois pressupõe-se que as exportações de bens manufaturados teriam efeitos mais robustos sobre o crescimento econômico do que as exportações baseadas em recursos naturais.

O debate sobre a relação entre exportações e crescimento econômico tem avançado muito, sendo que grande número de estudos empíricos mostram uma relação positiva entre as exportações e o desempenho das economias, o que se apresenta como possível solução para o entrave ao crescimento de muitos países, principalmente depois de muitos deles adotarem modelos de crescimento baseados em exportações. No entanto, ainda há espaço para a discussão sobre a relação verificada entre o padrão de especialização da estrutura produtiva e exportadora e o crescimento econômico.

Sabendo-se que boa parte dos países africanos conta com um perfil exportador baseado em produtos intensivos em recursos naturais e com uma estrutura industrial bastante defasada em relação aos países avançados, mesmo perante os chamados países emergentes, em que se destacam Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC), o presente estudo tem por objetivo principal investigar as relações entre o perfil dos produtos exportados e a taxa de crescimento do PIB real *per capita* das economias africanas.

O problema a ser investigado consiste em verificar se as exportações de produtos intensivos em recursos naturais, especialmente produtos agrícolas e petróleo, têm contribuído para alavancar a taxa de crescimento do PIB dos países africanos. A hipótese inicial é a de que a alta participação dos produtos intensivos em recursos naturais na pauta comercial dos países africanos, em razão da sua natureza de baixo valor agregado, baixa elasticidade-renda da demanda e menores efeitos de encadeamento com os demais setores da atividade econômica, podem não contribuir significativamente para a taxa de crescimento do PIB daquelas economias. Os atuais modelos das exportações africanas, baseados na grande participação dos recursos naturais, se caracterizam pela grande vulnerabilidade às mudanças dos preços mundiais, por menores elasticidades-renda da demanda, por baixo valor agregado e pelos menores efeitos de aprendizagem quando comparados aos produtos manufaturados.

O presente estudo analisa as economias africanas pelo fato de que estas ainda fazem parte do grupo de países que apresentam problemas de crescimento e desenvolvimento econômico. Em comparação a outros países, tratam-se de economias “subdesenvolvidas” e com crescimento econômico aquém do seu potencial. Apesar de mudanças importantes nos últimos anos, uma grande parte do continente ainda continua sendo caracterizado por economias pobres, com baixos níveis de renda e mercados internos fracos.

Segundo os dados do Banco Africano para Desenvolvimento (2013), nos últimos anos, o continente acumulou um crescimento do PIB abaixo do esperado, em torno de 5%, ainda não desfruta de um crescimento sustentado e a sua participação no PIB mundial é muito pequena. Outro fato importante é a estrutura produtiva que se apresenta com baixo grau de diversificação e é fortemente baseada nos produtos primários. As exportações destes produtos têm sido, em muitos países, a maior fonte de renda, chegando a responder por mais de 50% da toda produção nacional. Acredita-se que a mudança desta condição deva começar pela implementação de estratégias de crescimento econômico através da diversificação do perfil exportador, com produtos de alta elasticidade-renda das exportações. O presente estudo pretende contribuir com essa discussão na medida em que será realizada uma descrição do cenário econômico dos países que compõem o continente africano e fará uma estimação

empírica para avaliar a relação entre a qualidade das exportações e o crescimento do produto africano por meio da análise de dados em painel.

Assim, esta dissertação está composta por três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo trata da literatura sobre perfil exportador e crescimento econômico, passando pelos principais aspectos da literatura sobre a “Maldição dos Recursos Naturais” sistematizados por estudos voltados para o caso dos países africanos. O segundo capítulo realiza uma análise descritiva das economias africanas, com base nos indicadores macroeconômicos e do comércio internacional daqueles países. No terceiro capítulo, apresentam-se a metodologia e os dados utilizados na análise de painel para verificar a relação entre crescimento econômico e perfil exportador das economias africanas, e também se discute os resultados obtidos.

CAPÍTULO 1 – LITERATURA SOBRE PERFIL EXPORTADOR E CRESCIMENTO ECONÔMICO PARA AS ECONOMIAS AFRICANAS

A relação entre o crescimento econômico e as exportações dos países vem sendo amplamente discutida na literatura, com vários resultados surgindo a partir da utilização dos mais diferentes métodos. Grande parte dessa literatura sugere uma relação direta entre crescimento econômico e as exportações.¹ No entanto, alguns trabalhos vêm investigando os reflexos das exportações sobre a dinâmica de crescimento econômico quando estas são baseadas em recursos naturais, o que sugere a importância da análise do perfil exportador como determinante do produto.

Neste sentido, a primeira seção deste capítulo resume alguns dos principais trabalhos que ressaltam o papel dos recursos naturais sobre o processo de crescimento das economias. A segunda seção sistematiza a literatura que analisa os determinantes do crescimento econômico para os países africanos, bem como o impacto da exportação dos produtos baseados em recursos naturais (petróleo/minerais e agrícolas) sobre o desempenho daquelas economias.

1.1 Abundância de Recursos Naturais e Crescimento Econômico

O propósito desta seção é apresentar algumas visões sobre a relação entre abundância de recursos naturais e crescimento econômico, considerando principalmente a questão da “Maldição dos Recursos Naturais” e a relevância da composição das exportações sobre a atividade produtiva.

A literatura sobre a “Maldição dos Recursos Naturais” parte do pressuposto de que países ricos em recursos naturais tendem a apresentar um desempenho fraco da economia se comparados a países dotados de menos recursos, ou seja, há uma relação inversa entre crescimento econômico e abundância de recursos naturais, motivada, em termos gerais, pela forma como estes recursos são aplicados, pelos baixos efeitos de encadeamento no setor de recursos naturais em comparação ao setor manufatureiro, pela volatilidade dos preços daqueles bens e pela baixa elasticidade-renda da demanda.

¹ Esta dissertação parte do pressuposto que as exportações são relevantes para explicar o crescimento das economias, aceitando a importância dos modelos de crescimento liderados pelo lado da demanda. Todavia, não discutiremos aqui a literatura teórica sobre tal relação, nem faremos a revisão sobre modelos de crescimento, sejam do lado da oferta (neoclássicos) ou do lado da demanda (keynesianos), visto que a principal contribuição deste trabalho é tratar da análise do perfil exportador baseado em recursos naturais sobre o crescimento com foco nos países africanos. Assim, optou-se por revisar apenas a literatura com ênfase no objeto de análise.

Considerados os pioneiros no assunto, Sachs e Warner (1995) argumentam que os países com recursos naturais abundantes apresentaram um crescimento econômico inferior aos países pobres em tais recursos. Os autores percebem que os países que possuíam uma grande participação das exportações dos recursos naturais no PIB tiveram taxas de crescimento mais baixas no período 1971-1989. A relação entre a abundância de recursos naturais e o crescimento econômico foi denominada pela literatura como a “Maldição dos Recursos Naturais”.

Na tentativa de sanar algumas lacunas do trabalho de 1995, Sachs e Warner (1997) também obtiveram que economias com alta participação das exportações de recursos naturais no PIB entre 1970 e 1990 cresceram lentamente no período. Esta relação negativa entre produtos primários e o crescimento econômico motivou uma investigação conceitual, pois esperava-se uma contribuição positiva da existência de recursos naturais para o aumento da riqueza e do poder de compra de países em termos de suas importações, como também se esperava que esses recursos pudessem contribuir para o aumento das taxas de investimento e do crescimento econômico.

Para Sachs e Warner (2001), a “maldição” pode ser explicada pelo argumento de que os países ricos em recursos naturais executam políticas econômicas ineficientes, levando-as a apresentar problemas de crescimento econômico. Além disso, estes produtos são caracterizados por baixas elasticidades-renda da demanda, baixos efeitos de aprendizagem, menor valor agregado, além de sofrerem a volatilidade dos preços internacionais das *commodities*, tendo o seu bom desempenho atrelado às condições de preços favoráveis. As exportações intensivas em recursos naturais também tendem a promover a existência de atividades *rent-seeking*, gerando burocracia e corrupção, o que prejudica os investimentos e o crescimento econômico devido ao ambiente institucional de baixa qualidade. Nesta direção, Sachs e Warner (2001) continuaram obtendo uma relação inversa entre crescimento econômico e abundância de recursos naturais, mesmo quando medidas de qualidade institucional foram adicionadas às estimações empíricas. Portanto, para os autores, a Maldição dos Recursos Naturais possui suporte empírico, não sendo explicada por outras variáveis ou por formas alternativas de se medir a abundância de recursos.

Frankel (2010) analisa as razões do argumento de que muitas economias ricas em recursos naturais não conseguem crescer de forma rápida. Esta análise se baseia na hipótese do declínio secular dos preços das *commodities* minerais e agrícolas no mercado internacional, a visão dos recursos naturais como a única saída para as economias, a possibilidade de os recursos naturais estarem em posse do governo ou elite local, ambiente com instituições fracas, propensão ao conflito e existência da Doença Holandesa. O autor

conclui que um ambiente com instituições fortes e com políticas semelhantes às de alguns países ricos em recursos naturais que foram bem-sucedidos, como o caso do Chile, seria possível superar as armadilhas da “maldição”, envolvendo, por exemplo, indexação dos contratos de petróleo, cobertura das receitas das exportações, denominação da dívida em termos de petróleo, regras fiscais, e/ou a criação de fundos de *commodities* transparentes.

Van der Ploeg (2013) investiga se os recursos naturais são “maldição” ou podem se transformar em “benção”, procurando entender porque algumas economias ricas em recursos naturais foram bem-sucedidas, enquanto outras não. Esta análise se baseia na hipótese de que a abundância de recursos naturais induz a apreciação da taxa de câmbio real e um declínio das exportações dos setores não intensivos em recursos naturais. O autor também avalia se os recursos naturais provocam mudança de espírito empresarial, de qualidade das instituições, além do Estado de direito e do grau de desenvolvimento financeiro. São obtidas evidências de que a abundância de recursos naturais tem relação com a apreciação da taxa de câmbio real e com o declínio das exportações dos setores não intensivos em recursos naturais. Além disso, os países com grande participação das exportações primárias no PIB têm crescimento ruim e alta desigualdade, especialmente quando possuem instituições fracas, Estado de direito ruins e corrupção forte. De forma diferente, os países ricos em recursos naturais que apresentaram boa qualidade das instituições, abertura comercial e altos investimentos em tecnologia de exploração tiveram efeitos positivos sobre o crescimento do produto.

African Bank (2007) analisa as perspectivas de desenvolvimento de muitas economias africanas intensivas em recursos naturais, e a contribuição da volatilidade das exportações de recursos naturais para variação do crescimento do PIB *per capita*, do crescimento e desenvolvimento em geral. Além disso, avalia quais os fatores políticos e sociais permitem utilização ou não dos recursos para promover o desenvolvimento e como, ou por que, a Maldição dos Recursos Naturais foi evitada em alguns casos, e como pode ser superada. Conclui-se que um *boom* de recursos naturais pode, em certas circunstâncias, ser um importante catalisador para o crescimento e desenvolvimento econômico. E que a referida “maldição” pode ser evitada com conhecimento, boas instituições e políticas eficazes.

Brazilian et al. (2013) analisam o impacto da busca pela descoberta e exploração de recursos naturais na África Ocidental e no Golfo da Guiné e as expectativas da possível nova fonte de riqueza sobre o desenvolvimento econômico nesses países. Assim, procuraram avaliar as implicações macroeconômicas e de governação da recente procura por petróleo e gás natural na África Ocidental. Os autores argumentam que a história mostra resultados mistos em termos de ganhos sociais e estabilidade política. Assim, concluem que, para que a exploração de novas fontes de petróleo e gás possa contribuir para o desenvolvimento

socioeconômico, é preciso usar a riqueza do petróleo para a expansão e acesso à energia, o que estabelece as bases para o caminho da industrialização. Além disso, deve-se pensar o setor agrícola com a possibilidade de Doença Holandesa, tendo em vista o risco de declínio dessa atividade com o avanço da indústria petrolífera, sendo importante estimular uma gestão transparente e eficaz dos recursos.

Para Stiglitz (2007), existe uma relação entre abundância de recursos naturais (principalmente petróleo) e a inflação associada à elevação dos preços nacionais da habitação. Analisando o caso da Nigéria e de alguns países ricos em recursos naturais, o autor percebeu o paradoxo da abundância de recursos naturais: países com grandes quantidades de recursos naturais desfrutando de taxas de crescimento mais baixas e nível de pobreza maior do que países com poucos recursos naturais. No caso da Nigéria, a renda *per capita* caiu 15% de 1975 para 2000. O autor associa a Maldição dos Recursos Naturais às más governanças, falta de transparência da receita proveniente de recursos naturais, apropriação da riqueza pública e uso ineficiente do dinheiro de recursos naturais, mas salienta que tal “maldição” não é *status quo* dos países ricos abundantes em recursos naturais e que a mesma pode ser evitada.

Cabe destacar alguns trabalhos que defendem uma relação positiva entre recursos naturais e desempenho econômico, visto que tais recursos podem contribuir para o aumento da riqueza do país. Assim, a comercialização desses produtos aumenta o consumo e proporciona taxas de investimento mais elevadas.

Nesta linha, Stijns (2000) questiona a existência de relação negativa entre abundância de recursos naturais e crescimento econômico. Para o autor, os recursos naturais por si só não parecem ter uma influência significativa nas taxas de crescimento. A alegação de que ser um país dependente das exportações de recursos naturais diminui sua taxa esperada de crescimento é diferente de argumentar que reservas minerais ou alta produção dessas reservas está associada à taxa de crescimento mais lenta. Afirma ainda que a abundância de recursos naturais pode refletir o estado de especialização tecnológica que tem sido usado para o seu desenvolvimento. Os estudos geológicos e a descoberta de recursos naturais podem contribuir para a produtividade, o que depende da natureza do processo de aprendizagem e, portanto, as externalidades positivas obtidas podem ser tão fortes quanto aquelas verificadas na atividade manufatureira, favorecendo o crescimento econômico.

Alguns trabalhos também assinalam que a composição das exportações se mostra relevante para explicar as dinâmicas de crescimento das economias. Com este argumento, Rodrik (2006) aponta que o significativo crescimento da economia chinesa na década de 2000 está associado não somente ao aumento do volume exportado, à mão de obra barata, às políticas de abertura comercial e à manutenção da taxa de câmbio real chinesa em patamares

desvalorizados, mas, principalmente, à mudança do perfil exportador chinês para além de produtos intensivos em recursos naturais e manufaturas leves. A economia chinesa incorporou valor agregado e tecnologia aos seus produtos exportados, o que justifica os seus ganhos de produtividade e de crescimento do produto.

Fosu (1990a) analisa os impactos da composição das exportações sobre o crescimento das economias em desenvolvimento. Partindo de uma função de produção ampliada e da hipótese de heterogeneidade do setor exportador em relação à produtividade, e usando método econométrico MQO para 64 países em desenvolvimento no período 1960-1980, o trabalho ressalta que a composição das exportações, tal como o seu aumento, são importantes para explicar o crescimento - sendo que as exportações primárias apresentaram pouco efeito sobre crescimento do PIB nos países menos desenvolvidos, enquanto as exportações dos setores manufatureiros tiveram efeito positivo e significativo - e impactam positivamente o crescimento econômico nesses países.

Em outro trabalho, Fosu (1990b) analisa a validade da hipótese para os países africanos de que o crescimento das exportações impacta positivamente a taxa de crescimento econômico nos países menos desenvolvidos. O autor utiliza dados sobre taxa de crescimento média anual de 28 países africanos através da estimativa de séries de tempo com corte transversal para o período 1960-70 e 1970-1980, e fundamenta no modelo de função de produção ampliada, que inclui variáveis trabalho, formação de capital e exportações. O resultado obtido aponta que, para os países em desenvolvimento, africanos ou não, as exportações possuem efeito semelhante sobre o crescimento econômico, embora, para os países africanos este efeito foi menor do que outros países menos desenvolvidos não africanos. Entretanto, o efeito menor da exportação sobre crescimento nos países africanos se explica pela composição das exportações, com a grande participação dos produtos agrícolas.

Para Herzer e Nowak-Lehmann (2004), a diversificação das exportações pode afetar positivamente o crescimento do produto, porque o aumento do número dos setores exportadores contribui para reduzir a dependência em poucas mercadorias sujeitas a grandes flutuações de preços. Os autores investigam a relação de longo prazo entre a diversificação da exportação e crescimento partindo da hipótese de que a diversificação está ligada ao crescimento econômico através das externalidades de aprendizagem do setor exportador. Usando dados do Chile de 1962 a 2001, obteve-se resultados de que a diversificação das exportações desempenha importante papel no crescimento econômico, principalmente, para países que são dependentes de produtos agrícolas e de mineração.

Cuaresma e Worz (2005) testam a hipótese de que as exportações em setores intensivos em tecnologia possuem maior potencialidade de externalidade positiva, como

também maior produtividade. A partir de informação das exportações de 33 indústrias em 45 países industrializados e em desenvolvimento, o trabalho chega à conclusão de que existe um diferencial qualitativo entre as exportações de alta e baixa tecnologia em relação ao crescimento da produção. Assim, a composição de exportação é importante para explicar o crescimento econômico.

Hesse (2008) mostra que a diversificação pode contribuir para o maior crescimento, principalmente nos países em desenvolvimento, visto que ajuda a eliminar a instabilidade da exportação e o impacto negativo do comércio de produtos primários devido à dependência de *commodities*, cuja demanda global é instável. O autor analisa o impacto da diversificação das exportações no crescimento da renda *per capita*, e os resultados apontam a não linearidade entre diversificar as exportações e os seus benefícios nos países em desenvolvimento, diferentemente dos países mais avançados, com evidência de que a concentração das exportações em poucos produtos tem sido prejudicial para o desempenho dos países em desenvolvimento no período 1961-2000.

Sanjuán-Lopez e Dawson (2010) avaliam a contribuição das exportações agrícolas para o crescimento econômico nos países em desenvolvimento no período 1970-2004, desagregando as exportações em produtos agrícolas e não agrícolas, e separando os países segundo grupos de renda, usando dados de 42 países e técnicas de painel. Entre os resultados obtidos, destaca-se a existência de relação de longo prazo entre o PIB e as exportações agrícolas e não agrícolas. Os efeitos de longo prazo das exportações agrícolas sobre o PIB diminuem com o aumento da renda, isto é, para países com rendimento baixo, a exportação agrícola possui efeitos maiores sobre o PIB do que a exportação não agrícola. Para países com renda média ou superior, a exportação não agrícola contribui mais para o crescimento econômico. Assim, as exportações agrícolas podem desempenhar papel semelhante ao das exportações não agrícolas para o crescimento, principalmente nos países de baixa renda.

Em síntese, percebe-se que, para modelos estruturais de crescimento econômico, a diversificação das exportações e a transformação da pauta exportadora de produtos primários para manufaturados pode permitir alcançar um crescimento sustentado através da melhora nos termos de troca e da redução na instabilidade a que a exportação é sujeita devido à volatilidade dos preços de mercado dos produtos primários. Assim, o processo de crescimento econômico acontece com uma mudança estrutural em que a produção passa de produtos de “baixo valor agregado” para produtos de “alto valor agregado”.

1.2 Evidências para as Economias Africanas

Savvides (1995) examina os fatores que explicam a diferença nas taxas de crescimento *per capita* entre os países da África fundamentando, baseando-se no modelo de crescimento endógeno para entender a taxa do crescimento. O autor conclui que as economias africanas com maior orientação para exterior, isto é, aquelas que estavam inseridas dentro do circuito da economia internacional, tiveram crescimento mais rápido. A inflação, a variação de consumo do governo, o investimento, taxa do crescimento da população e o nível de desenvolvimento financeiro também contribuíram para diferença da taxa do crescimento econômico dos países.

Hussain (1999) desenvolve uma análise empírica sobre a diferença das taxas de crescimento entre países africanos e asiáticos, por meio da taxa de crescimento da população e das exportações, fluxo de capital e mudanças nos termos de troca de cada país. A análise consistiu na estimação da taxa de crescimento para 27 países africanos e 11 países asiáticos para o período 1971-1990. Dentre os resultados obtidos, destaca-se que o crescimento da economia pode ser explicado pela expansão das exportações, principalmente, para os países africanos, cujo baixo desempenho da economia se explica pela dinâmica de comércio exterior.

Daya e Steenkamp (2002) analisam os efeitos da exportação dos produtos agrícolas sobre a economia da África do Sul no período 1996-2005. Os autores levam em conta a tendência, a composição e a direção das exportações. Verifica-se que as exportações sul-africanas aumentaram de cerca de 16% do PIB em 1996 para mais de 20% do PIB em 2005, acompanhando o crescimento do produto nacional. Os autores partem da hipótese de que as reformas políticas dos anos 1990, com a integração global da economia sul-africana e o acordo no âmbito da Organização Mundial do Comércio (OMC), contribuíram para o aumento do comércio dos produtos agrícolas do país e concluem que, no período analisado, a exportação de produtos agrícolas registrou taxas de crescimento superiores aos demais setores da economia devido aos acordos comerciais e aos novos parceiros, apresentando vantagem comparativa na exportação de produtos agrícolas em comparação à economia mundial.

Amavilah (2003) averigua o papel das exportações no crescimento da Namíbia para o período 1968-1992. Os resultados obtidos indicam que o aumento das exportações contribuiu para o aumento na taxa de crescimento do produto no curto prazo. As exportações de produtos manufaturados e não minerais tiveram efeitos quase nulos sobre o crescimento, no entanto, as exportações foram importantes para a produtividade do trabalho na Namíbia. Os resultados ainda indicam que o fator de oferta interna dos produtos de exportação foi mais importante para o crescimento do que os fatores da demanda externa.

Abou-Stait (2005) busca responder se o crescimento das exportações teve impacto positivo no crescimento do Egito entre 1977-2003, considerando que o país passou por ajustamento estrutural e reforma com o acordo assinado com o Fundo Monetário Internacional (FMI) em 1991, passando de uma economia centralmente planejada para uma economia de mercado livre. O trabalho testou se as variáveis exportações, importações e PIB são cointegradas usando a abordagem de Johansen, e se as exportações têm efeito sobre o PIB e o investimento usando causalidade de Granger. Os resultados assinalam que as variáveis exportação, importação e PIB não são cointegradas, e que a exportação tem efeito no PIB, mas não existe causalidade entre exportação e o investimento. A análise de Vetores Auto Regressivos (VAR) mostrou que os choques das exportações levam a uma resposta significativa do PIB. Por outro lado, os choques das exportações têm uma baixa resposta no investimento, reforçando a fraca relação entre a exportação e o investimento para o Egito.

Iyoha (2005) analisa o papel da África no comércio mundial e quais as limitações e as opções para mudança de sua marginalização atual para o desenvolvimento econômico a partir de abordagem *export-led*, partindo da análise do impacto da integração econômica regional no comércio intracontinental, do estatuto da Organização Mundial do Comercio (OMC), das restrições internas e externas ao comércio africano, principalmente, subsídios agrícolas e barreiras comerciais. O autor conclui que há necessidade urgente da África diversificar as suas exportações através de uma mudança estrutural sistemática, isto é, para melhorar desempenho da economia, a África precisa transformar seus principais produtos de exportação e aumentar o número de produtos exportados.

Meyersson et al. (2008) separam as exportações de recursos naturais de 44 países da África Subsaariana para China, EUA, Índia e o Mundo no período 1990-2006, a fim de verificar a importância das demandas desses parceiros sobre as vendas de produtos primários africanos. As variáveis analisadas envolvem crescimento econômico, instituições políticas e violação dos direitos humanos. Os resultados alcançados pelas estimações Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) e por Mínimos Quadrados em dois estágios (MQ2E) apontam que as exportações de recursos naturais para a China contribuem no curto prazo para o crescimento econômico nos países africanos (um aumento de 1% nas exportações para a China aumenta a taxa de crescimento do produto africano em 0,2%), mais do que exportar para os EUA, a Índia e o Mundo, pois aumenta a formação bruta de capital e o investimento na indústria (principalmente extrativa). No entanto, os autores obtêm que exportar recursos naturais para China e EUA tem efeitos adversos sobre os direitos humanos, ao passo que exportar para a Índia melhora os direitos humanos. Verifica-se que as exportações de recursos naturais apresentam efeito negativo sobre a qualidade das instituições políticas. Os autores

acreditam que as características dos parceiros comerciais são importantes para os resultados, e sugerem que a Maldição dos Recursos Naturais incorpora efeitos heterogêneos para os países africanos.

Jordaan e Eita (2009), avaliam a relação de causalidade entre exportações e o crescimento econômico, desenvolvendo análise para Botswana no período 1996-2007, usando o teste de Causalidade de Granger. As evidências apontam causalidade bidirecional entre exportações e crescimento econômico no país. Os autores assinalaram a importância de dedicar parte dos recursos para a produção de bens e serviços no mercado interno, pois a expansão do mesmo pode aumentar o crescimento, e, assim, promover ainda mais as exportações e o crescimento econômico. Concluíram que as exportações de diamante e outros minerais contribuíram para o rápido crescimento da economia na década de 1990.

Mutenyo (2011) argumenta que as exportações, tanto a nível regional e internacional, podem ser fonte para o crescimento das economias africanas. Observa-se que, seguindo as reformas de liberalização do mercado e do comércio na década de 1980, as exportações africanas aumentaram de 22% do PIB em 1983 para média de 32% nas duas últimas décadas. Da mesma forma, o crescimento real do PIB subiu de uma média de -3% em 1983 para média de mais de 4% no período. No entanto, mesmo com o aumento das receitas de exportações, o desempenho exportador africano em proporção total mundial foi declinante (de 4,1% em 1981 para 2,4% em 2009), com concentração das exportações pela África do Sul. As exportações da região são dominadas por *commodities* agrícolas primárias, petróleo e minerais, o que contribui para a deterioração dos termos de troca. Além disso, os destinos das exportações africanas também são pouco diversificados, concentrados em EUA e União Europeia, com pouco comércio na África. Por fim, o ambiente institucional, com altos níveis de corrupção, elevados custos de negócios e de infraestrutura, e o protecionismo comercial sobre as exportações da África também limitam a capacidade de se aumentar as exportações.

Akpan et al. (2012) buscam identificar o papel do setor industrial na trajetória do PIB da Nigéria, e também entender a relação de longo prazo entre produção industrial, exportações não petrolíferas e crescimento econômico no período 1970-2007 por meio do método econométrico de Vetor de Correção de Erros (VEC). Os autores apontam que existe uma relação de longo prazo estável, unidirecional positiva e significativa entre a produção industrial e as exportações não petrolíferas. Embora a relação tenha sido positiva, o desempenho da indústria foi fraco, isto porque as políticas industriais do país no período não foram suficientes para incentivar a exportação não petrolífera.

Celina e Enyim (2012) também analisam a relação entre exportações e crescimento econômico na Nigéria. Os autores partem do argumento de que a capacidade de exportação

impacta positivamente o crescimento nos países em desenvolvimento, especialmente, na Nigéria. E esse impacto é cada vez mais prejudicado pelas flutuações nas exportações dos principais produtos que dependem dos preços voláteis e geralmente baixos em relação os manufaturados. As evidências revelam a existência de relação no longo prazo entre exportação e crescimento econômico, e o teste de causalidade das variáveis mostram que, pelo menos no curto prazo, nem crescimento e nem exportação causa um ou outro, pois os resultados não foram significativos.

Em linha, Adenugba e Dipo (2013) também investigam o desempenho da exportação não petrolífera no crescimento econômico da Nigéria no período 1981-2010. Tendo em vista a dependência do país em relação à exportação de petróleo, os autores analisam se a diversificação da exportação e o aumento de produtos não petrolíferos pode contribuir para o progresso daquela economia. O argumento é de que a especialização das exportações em petróleo não tem permitido um crescimento equilibrado da Nigéria, sendo que este crescimento é prejudicado pelo baixo desempenho em outros setores. Os resultados obtidos pela estimação de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) apontam que as exportações de produtos não derivados do petróleo ainda têm baixo desempenho na economia do país. A exportação de petróleo continua a ser o mais importante determinante do crescimento do PIB, e a economia da Nigéria ainda está longe da diversificação das exportações para além do petróleo. Para que o país possa atingir um crescimento sustentado, os autores sugerem que se deve incentivar a produção e exportação de *commodities* de maior valor agregado e os incentivos ligados às exportações não petrolíferas devem ser continuamente revistos e melhorados.

Ajmi et al. (2013) desenvolvem um estudo sobre a causalidade da dinâmica entre as exportações e o crescimento econômico baseado no caso da África do Sul. O estudo utiliza dados sobre as exportações e do PIB real do país para um período de 100 anos (1911 a 2011). Os autores estimaram o teste de causalidade de Granger com dados lineares e não lineares. Dentre os resultados encontrados, o método linear de causalidade de Granger indicou que as exportações não têm efeito sobre o PIB e vice-versa. Para o método não linear de causalidade de Granger, os resultados apresentaram causalidade bidimensional entre o PIB e as exportações. Assim, as exportações contribuem para crescimento do PIB através do emprego e renda. As operações de exportação podem permitir a entrada das empresas em mercados externos e ganho de vantagens competitivas através do aumento das relações locais e conhecimento técnico a longo prazo. E o crescimento da economia pode contribuir para as exportações por meio do desenvolvimento humano, capital físico e tecnologia.

Wamboye e Mookerjee (2013) buscam entender os efeitos do desenvolvimento financeiro sobre a exportação de produtos manufaturados nos países africanos, no período 1975-2007, a partir de uma amostra de 29 países. Os autores partem da hipótese de que nos países com o financiamento para a exportação de bens manufaturados, os mercados financeiros são mais desenvolvidos. Estabelecem ainda que a estrutura jurídica e a composição das exportações são importantes para explicar a relação entre a exportação e o financiamento dos produtos manufaturados na África. Usando como *proxy* o crédito privado, os autores concluem que os países cujo setor financeiro é relativamente desenvolvido foram os que apresentaram maior exportação de produtos manufaturados.

Oladipo (2014) investiga como a volatilidade nos preços mundiais e a instabilidade das exportações de produtos primários impacta o crescimento econômico dos países da África Subariana e, principalmente, na Nigéria. O trabalho utiliza dados trimestrais para período 1970-2011 através de abordagem econométrica Vector Auto Regressivo (VAR). Os resultados apontam que a instabilidade nas exportações afeta negativamente o crescimento econômico e o nível dos investimentos, ou seja, a volatilidade nos preços dos principais produtos das exportações (produtos primários) e a sucessiva instabilidade nas exportações afetam a taxa de crescimento da economia e o investimento da Nigéria.

Sannasse et al. (2014) partem da hipótese de necessidade dos países pobres ou em desenvolvimento modificarem a composição de suas exportações, diversificando a economia para além de produtos agrícolas. Com objetivo de avaliar o impacto da diversificação das exportações para desempenho econômico nas Ilhas Maurícias no período 1980-2010, os autores observam que a falta de diversificação das exportações contribui para a diminuição e as flutuações das receitas de exportação, e influencia o investimento e o emprego, pois a maior diversificação das exportações diminui os efeitos de choques adversos. Afirmam ainda que o nível das exportações é importante para o crescimento, mas a diversificação da pauta e do destino das exportações poderá contribuir mais.

1.3 Conclusão

Em suma, a abordagem da relação entre perfil exportador e crescimento econômico tem sido avaliada por uma variedade de estudos, porém, percebe-se diferenças nos resultados obtidos dependendo do país e da análise metodológica utilizada, conforme sintetiza o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Síntese da revisão da literatura sobre perfil exportador e crescimento econômico para as economias africanas

Trabalho	País(es)	Período	Resultados
Savvides (1995)	28 países africanos	1960 a 1987	A participação na economia internacional contribui para crescimento econômico. Inflação, consumo do governo e o nível desenvolvimento financeiro impacta negativamente o crescimento econômico.
Hussain (1999)	27 países africanos	1971 a 1990	Expansão das exportações explica a dinâmica econômica.
Dava e Steenkamp (2002)	África do Sul	1996 a 2005	Aumento das exportações foi acompanhado do crescimento do produto nacional.
Amavilah (2003)	Namíbia	1968 a 1992	Aumento das exportações contribui para crescimento do PIB no curto prazo. As exportações não minerais tiveram efeito nulos sobre crescimento.
About-Stait (2005)	Egito	1997 a 2003	Exportações contribuem para crescimento do PIB, mas não afetam o investimento.
Iyoha (2005)	África	1980 a 2000	Diversificar as exportações é importante para melhorar o desempenho econômico africano.
Mayerson et al. (2008)	44 países da África Subsaariana	1990 a 2006	Destino das exportações dos recursos naturais explica o crescimento econômico.
Jordaan e Eita (2009)	Botswana	1996 a 2007	É importante dedicar parte dos recursos naturais para dinamizar mercado interno, assim aumentar o crescimento da economia.
Muntenyo (2011)	África	1980 a 2009	As exportações contribuem para crescimento econômico, porém a concentração em <i>commodities</i> primárias agrícolas, petróleo e minerais deteriora essa relação.
Akpan et al. (2012)	Nigéria	1970 a 2007	Existe relação de longo prazo entre a produção industrial e a exportação não petrolífera, mas a falta de políticas industriais leva à fraca contribuição da indústria e da exportação não petrolífera para o PIB.
Celina e Enyim (2012)	Nigéria	1972 a 2009	Relação positiva entre exportação e crescimento econômico no longo prazo.
Adenugba e Diop (2013)	Nigéria	1981 a 2010	A exportação de petróleo continua sendo o mais importante determinante do crescimento.
Ajmi et al. (2013)	África do Sul	1911 a 2011	Exportações contribuem para o crescimento do PIB.
Wamboye e Mookerjee (2013)	29 países da África	1975 a 2007	O desenvolvimento do setor financeiro contribui para a maior exportação de produtos manufaturados.
Oladipo (2014)	África Subsaariana	1970 a 2011	As exportações de produtos primários impactam negativamente o crescimento, causada pela volatilidade dos preços.
Sannasse et al. (2014)	Maurícia	1980 a 2010	A falta da diversificação da economia leva à diminuição e às flutuações das receitas de exportação, e impacta o investimento e geração do emprego.

Fonte: Elaboração própria.

Desta forma, este trabalho pretende colaborar com esta área de estudo, por meio de uma análise empírica da relação entre perfil exportador e crescimento econômico, considerando principalmente o caso dos países africanos que apresentam um perfil exportador concentrado em recursos naturais (petróleo e recursos naturais). Essa análise da composição das exportações pode ser importante para explicar a dinâmica econômica no continente africano, e também para entender se e como as exportações podem contribuir para a estabilidade/instabilidade macroeconômica e maior/menor vulnerabilidade das referidas economias.

Na sequência do trabalho, serão apresentados os principais dados macroeconômicos e de comércio internacional dos países africanos.

CAPÍTULO 2 – INDICADORES MACROECONÔMICOS E DE COMÉRCIO INTERNACIONAL DAS ECONOMIAS AFRICANAS

Este capítulo realiza uma análise descritiva de variáveis relevantes para o entendimento dos fatores que contribuem para explicar o crescimento de longo prazo das economias africanas. A primeira seção se concentra na apresentação dos principais indicadores macroeconômicos e sociais dos países africanos, agrupados conforme as cinco regiões do continente². E a segunda seção descreve os dados da pauta comercial das economias, além dos principais produtos, destinos e origens do comércio internacional africano.

2.1 Indicadores Macroeconômicos dos Países Africanos³

A Tabela A1 apresenta o comportamento do PIB real (em US\$ milhões) para os países africanos, em média, no período de 1990 a 2014. Percebe-se que, em termos gerais, o continente africano vem obtendo PIB reais mais elevados ao longo do tempo. Todavia, existe uma grande disparidade regional, em que, em média geral do período, as regiões da África de Norte (US\$ 192,57 milhões) e do Sul da África (US\$ 52,15 milhões) apresentaram os maiores valores médios para o PIB real, enquanto que as regiões da África Ocidental (US\$ 42,72 milhões), Central (US\$ 28,92 milhões) e Oriental (US\$ 19,06 milhões) apresentaram indicadores de PIBs reais menos expressivos.

Cabe destacar que os países com os PIB reais mais elevados em média do período são Egito (US\$ 511,03 milhões), Nigéria (US\$ 450,25 milhões), que se destaca entre os países de maior crescimento médio, mesmo fazendo parte de uma das regiões de menor PIB real do continente, e a África do Sul (426,13 milhões). Percebe-se a existência de grande desigualdade entre os países e as regiões no PIB real, sendo que estas desigualdades podem ser relacionadas ao desempenho dos demais indicadores macroeconômicos, como também em função do perfil exportador dos países.

A Tabela A2 mostra o PIB *per capita* real dos países africanos (em US\$), em média, para o período de 1990 a 2014. Também é possível observar uma elevação do PIB real *per capita* para o continente africano ao longo do período. Os destaques dentre as regiões são

² Para facilitar a análise, o continente africano foi dividido em cinco regiões de acordo com a subdivisão regional adotada pelo Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) que são: África de Norte, África Ocidental, África Oriental, África Central e Sul da África.

³ Em virtude do tamanho, as Tabelas contendo os indicadores analisados nesta seção estão localizadas no Anexo A ao final deste trabalho.

África do Norte (média de US\$ 8.663), África Central (média de US\$ 5.828) e a Sul da África (média de US\$ 4.605).

Vale ressaltar que a região central da África envolve os países que apresentaram os menores indicadores para o PIB real, mas a região possui um PIB *per capita* real médio maior do que a média do continente, isso porque alguns países, como o caso da Guiné Equatorial (US\$ 20.605) e do Gabão (US\$ 15.426), conseguiram aumentar a sua renda *per capita* e se destacar entre os maiores PIB *per capita* do continente, juntos com Seychelles (US\$ 15.732) na África Oriental. Estes fatores podem estar associados a questões populacionais, por serem países de pequena população, e ao próprio processo de crescimento e desenvolvimento econômico local.

Na Tabela A3, apresenta-se as taxas percentuais médias de crescimento do PIB real dos países africanos no período de 1990 a 2014. O continente africano, em média, contou com uma taxa de crescimento do PIB real de 4,17% no período, e as diversas regiões apresentaram um comportamento dessa variável semelhante à média do continente. Todavia, o desempenho econômico comportou-se de forma diferente para os períodos, o que caracteriza ausência de crescimento sustentado entre os países. No período 1990-1994, o desempenho da economia para maioria dos países foi fraco, em torno de 1,32%. A partir dos períodos seguintes, as regiões apresentaram taxas médias de crescimento mais parecidas (aproximadamente 4%), o que pode estar associado às transformações e às reformas de mercado que aconteceram na maioria das economias africanas na década anterior, como observado por Mutenyo (2011).

Observa-se que as regiões mais pobres do continente – África Ocidental, África Oriental e África Central – apresentaram taxas médias de crescimento do PIB real mais elevadas do que a África de Norte, sugerindo alguma convergência de renda entre os países africanos. Os países com maiores taxas médias de crescimento do PIB real foram Guiné Equatorial (20,98%), Cabo Verde (7,33%) e Uganda (6,71%), enquanto os países com menores taxas médias de crescimento foram República Centro Africano (0,3%), Zimbabwe (0,5%) e República Democrática do Congo (0,68%). Esta diferença nas taxas médias de crescimento do PIB real pode ser explicada em parte pelos diferentes níveis de desenvolvimento econômico entre os países, dotação de recursos naturais, estabilidade social e política, também pelas exportações e o desempenho da economia global, das quais estes países são muitos dependentes.

A Tabela A4 ilustra as taxas médias de crescimento do PIB *per capita* real dos países africanos entre 1990 a 2014. Em termos gerais, o continente africano teve um crescimento relativamente pouco expressivo do PIB real *per capita*, com média de 1,76% no período de referência. Destaca-se as regiões Sul (2,02%), Norte (1,93%) e África Central (1,88%) que

cresceram, em média, acima da taxa geral do continente (1,76%), sendo que as duas primeiras regiões podem ser consideradas as mais ricas da África.

Novamente, é possível visualizar taxas médias negativas de crescimento do PIB *per capita* real no período 1990-1994, tanto para o continente africano (-1,30%), como para a maioria das regiões e países, com a exceção da África de Norte, que apresentou uma variação positiva de 0,4% no período. Assim, pode-se perceber fraco desempenho econômico das economias africanas no período 1990 a 1994. Essa situação começou a mudar a partir do período seguinte, e o produto real *per capita* da África passou a apresentar sinais de melhoras e taxas médias positivas, com um crescimento de 3,14% entre 1995-1999. Mas, a partir de 2000, as taxas médias de crescimento do PIB real *per capita* foram inferiores ao período 1995-1999.

Nesse contexto, o fato de que o crescimento médio do PIB *per capita* tenha sido relativamente baixo para as regiões sugere a necessidade da redução de pobreza e a desigualdade de renda continental. Este cenário pode estar associado com os efeitos que impacta na taxa de crescimento do PIB *per capita*, tais como desempenho do PIB real e/ou questões ligadas ao fenômeno populacional, como a taxa de crescimento populacional que ainda continua alta conforme ilustra a Tabela A5.

A Tabela A6 apresenta a evolução da formação bruta de capital fixo (FBKF) (em % do PIB) das economias africanas no período de 1990 a 2014, o que possibilita entender a capacidade de ampliação produtiva dessas economias por meio de investimentos correntes em ativos fixos. Conforme os dados da referida tabela, percebe-se que não há grande discrepância da participação da FBKF entre as regiões, pois as taxas ficaram próximas da média do continente, que foi de 22% do PIB, e está relacionada com o desempenho econômico e o nível do desenvolvimento das regiões e dos países. Assim, as regiões Norte (23,97%), Central (28,78%) e Sul da África (23%) foram as que apresentaram as maiores taxas de investimento, sendo que o destaque foi a África Central, cujo comportamento foi puxado principalmente pela Guiné Equatorial, que teve um aumento expressivo da taxa de investimento entre 1995 a 2004 de mais de 100% do seu PIB. Por outro lado, a África Ocidental apresentou a menor taxa de FBKF (17,6%) dentre as regiões.

Quando se analisa o incremento médio dos investimentos em ativos fixos em relação ao PIB dos países africanos, os países com maiores taxas foram Guiné Equatorial (média de 99%), São Tomé e Príncipe e Lesoto (ambos com mais de 40%), enquanto os países com menores taxas médias foram Nigéria (10,55%), República Centro Africana (10,85%) e República Democrática do Congo (11,1%). Observa-se que existe grande discrepância entre os países nas taxas de FBKF, o que pode estar relacionado ao tipo de produto que compõe a

pauta exportadora e ao desempenho das economias, o que estimula a realização de maiores ou menores investimentos.

Os dados da Tabela A7 exibem os gastos dos governos (em % do PIB) dos países africanos para o período de 1990 a 2014. Acredita-se que o gasto público tem importante papel de impulsionar o crescimento da economia e contribuir para o processo de desenvolvimento econômico, e também atender às crescentes necessidades sociais, pois são tipos de gastos que pode contribuir para melhoria da vida de população, principalmente, para economias onde a atuação do setor privado ainda é considerada modesta, como no caso das economias africanas. No entanto, a forma como acontece os gastos públicos é alvo das críticas dos economistas e por parte das instituições internacionais, e estes gastos remetem ao tamanho dos estados e seus papéis.

Para o continente africano, os gastos públicos foram relativamente estáveis ao longo do tempo, chegando a atingir, em média 15,87% do PIB. Analisando as regiões, nota-se que a Sul e a Oriental apresentaram as maiores taxas médias, de 19,95% e 18,77%, respectivamente, enquanto África Central, com 11,03%, e Ocidental, com 12,91%, apresentaram as menores taxas médias e abaixo da média do continente. Alguns países apresentaram altas taxas médias de participação dos gastos públicos no PIB, o que pode estar relacionado com as políticas adotadas como forma de impulsionar as economias. Nesse sentido, destaca-se Lesoto, Eritreia e Djiboute, com taxas médias maiores do que 30% do produto. Em contraste, os países com menores taxas médias foram Chade, Guiné, Madagáscar e Nigéria, em torno de 9% do PIB, e bem abaixo da média do continente.

As taxas médias de inflação dos países africanos no período de 1990 a 2014 são apresentadas na Tabela A8. Percebe-se que a inflação, que sinaliza uma ideia de disciplina ou ajuste macroeconômico, ainda é preocupante na maioria dos países africanos. Apesar do maior controle inflacionário ao longo do tempo, as taxas médias encontradas para o continente africano ainda são altas, sendo que a média do período ficou em um pouco mais de 53%, o que contribui negativamente para o crescimento das economias africanas. Todavia, nos dois últimos períodos (década de 2000), as políticas monetárias parecem ter obtido maior eficácia no controle da inflação, e as taxas médias de inflação têm caído.

De acordo com a informação da Perspectiva Econômica em África (2015, p.17), a maioria dos países africanos vem desenvolvendo esforços para melhorar os mecanismos de transmissão da política monetária, para que esta possa combater a inflação e estimular as economias. Nesse sentido, vários países – como Ruanda e Sudão – tomaram medidas para melhorar as ligações entre a política monetária, os mercados financeiros e a economia real.

As políticas monetárias e cambial têm sido adotadas para atingir a estabilidade de preços, e vêm apresentando alívio nas pressões inflacionárias. Nesse sentido, a taxa média de inflação do continente teve tendência declinante e atingiu média 6,21% no último período. As regiões com maiores taxas médias de inflação foram África Central (178,39%) e Sul da África (62,22%), enquanto as regiões com menores taxas médias de inflação foram África do Norte (5,93%) e África Ocidental (8,46%). Os países com maiores taxas médias de inflação foram República Democrática do Congo (1.388,31%), Angola (465%) e Sudão (41%) e os de menores taxas médias foram Marrocos (2,76%), Níger (3,06%) e Mali (3,10%). Percebe-se que há grande diferença nas taxas médias de inflação, o que pode ser ocasionado em parte pelos preços dos principais produtos das exportações e em parte pelas políticas econômicas adotadas. Mas os dados apontam para estabilidade relativa nos últimos anos no continente africano.

A Tabela A9 ilustra os dados sobre os gastos do governo com educação (em % do PIB) dos 52 países africanos para o período de 1990 a 2014. Esta variável representa uma *proxy* para o investimento em capital humano, importante para explicar o processo de crescimento das economias. Observa-se que os gastos com educação representam uma parcela muito pequena do PIB dos países. A média do continente para o período não chega a 5%, sendo que as regiões com maiores médias foram Sul (6,36%) e Norte da África (5,15%), sendo que a África Central (2,76%) e Ocidental (3,76%) tiveram as menores médias.

Os países com maiores gastos em educação foram Lesoto, onde o indicador atingiu 11% do PIB, Namíbia (7,13%) e Djibouti (7,32%), enquanto os países com menores médias foram Guiné Equatorial (1,46%), República Centro Africano (1,62%) e Zâmbia (1,88%). Essa diferença nos gastos públicos com educação pode estar relacionada ao desempenho da economia e às políticas orçamentais, limitando despesas à receita, o que pode prejudicar o investimento no capital humano. Levando em consideração o baixo nível de capital humano disponível na maioria dos países africanos devido à grande proporção da população considerada analfabeta no continente, a manutenção de baixo investimento em educação compromete os processos de crescimento e de desenvolvimento econômicos nos países da África.

A Tabela A10 sintetiza a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), ressaltando as diferenças regionais e entre os países. O IDH é um índice que busca captar o nível de bem-estar (ou qualidade de vida) obtido pela população, envolvendo a avaliação dos níveis de renda média dos países (PIB *per capita*), indicadores de educação (taxa de matrícula e expectativa de anos na escola) e saúde (expectativa de vida ao nascer). O indicador de desenvolvimento humano africano de 1990 a 2013 mostra avanços significativos no

continente no decorrer do tempo, porém se mantém abaixo do ideal, pois a maioria das economias continua sendo caracterizada como países de baixo índice de desenvolvimento humano em comparação com outras regiões do mundo, e até mesmo com alguns outros países da África.

De acordo com dados, nota-se que apenas 17 dos 52 países (cerca de 33%) do continente africano atingiram níveis considerados médios ou elevados de desenvolvimento humano, e o restante dos países apresentaram índices considerados baixos, ou seja, a maioria dos países (67%) fazem parte dos considerados países menos desenvolvidos⁴.

Nesse sentido, as regiões com os maiores valores para o IDH foram África do Norte e Sul da África, que são as regiões que apresentam os melhores indicadores macroeconômicos e de crescimento econômico. As demais regiões se encontram no grupo de níveis baixos de desenvolvimento econômico. Considerado a média obtida para o continente, percebe-se que o índice geral do continente ainda é baixo, embora tenha demonstrado aparente melhora ao longo do período em análise.

Deste modo, os países com maiores índices de desenvolvimento humano foram Líbia, Argélia, Maurícias, Seychelles e Tunísia, enquanto os países com menores índices foram Níger, República Democrática do Congo, Moçambique, Serra Leoa e Burundi, com um índice de 0,3, aproximadamente. Mas vale salientar que, para maioria dos países e regiões, o cenário foi de progresso, apesar de ainda estar longe do ideal e abaixo da média mundial, que é de 0,60. De modo geral, os progressos no IDH podem estar associados ao crescimento da renda *per capita*, principalmente, nos países que até então apresentavam rendas baixas, e também com as melhorias nas condições de educação, como se observa pela análise das Tabelas A2, A4 e A9.

Em resumo, a análise do contexto macroeconômico e social dos países que compõem o continente africano mostrou que, durante o período 1990-2014, a economia africana, em geral, vem apresentando melhorias em termos de taxas médias de crescimento do PIB e do PIB *per capita*, sendo que a partir de 2000, tais indicadores apresentaram desempenhos relativamente melhores.

No mesmo sentido, a FBKF vem aumentando em proporção do PIB, o que significa, que cada vez mais parcela da renda está sendo reservada para investimento e aumento da produção futura nas economias. Além disso, os gastos do governo e as despesas com a educação parecem estar equilibrados no tempo, o que pode estar associado à gestão mais prudente adotada em muitas economias, mas, no caso dos gastos com educação, os valores

⁴ O IDH possui uma escala que vai de 0 a 1, sendo que quanto mais próximo de 1, melhor é a qualidade de vida do país ou região.

ainda correspondem a uma pequena parcela do PIB, o que deve ser melhorado, pois este gasto indica a preocupação com o capital humano no país.

Os dados da taxa média da inflação apontam redução da pressão inflacionária, apesar de uma média ainda alta no período. Contudo, se se considerar os valores a partir de 2000, a taxa média de inflação tem ficado abaixo de dois dígitos. O Índice de Desenvolvimento Humano aponta alguma melhoria na qualidade de vida para a população africana, apesar do indicador geral do continente situar-se abaixo da média mundial.

Assim, observando o contexto africano mais amplo, parece que tais economias, dentro de suas limitações, têm perseguido um cenário macroeconômico mais ajustado, aumentando cada vez mais as condições para um crescimento econômico mais sustentado no longo prazo.

2.2 Indicadores Comerciais dos Países Africanos⁵

Os diferentes estudos da literatura têm procurado entender os determinantes do processo de crescimento econômico por meio de diversas abordagens. Assim, percebe-se que o crescimento pode ser estimulado pelo lado da demanda, via exportações, dado que as vendas externas possibilitam a obtenção de receitas que financiam as importações, os gastos do governo e os investimentos, gerando emprego e renda.

O objetivo da presente seção é analisar o comportamento dos indicadores comerciais dos países africanos no período de 1990 a 2014, e observar como estes podem fornecer suporte para explicar a evolução da economia. Para tal, são apresentados dados sobre exportações, importações e saldo da balança comercial. Além disso, a composição das exportações torna-se elemento importante para entender o crescimento do produto africano.

Neste contexto, o argumento adotado nesse trabalho é o de que a elevação dos volumes exportados pelas economias pode não ser suficiente para dinamizar o processo de crescimento, sendo relevante analisar a composição da pauta exportadora, pois como ressalta a literatura⁶, os produtos manufaturados, em função das economias de escala, ganhos de produtividade, além dos efeitos de aprendizagem, teriam impactos mais expressivos sobre o crescimento do que a produção e a exportação de produtos primários.

A Tabela B1 apresenta os valores médios das exportações africanas (em US\$ milhões correntes) para o período de 1990 a 2014. Pode-se observar que os valores das exportações africanas apresentaram aumento significativo ao longo do período. As regiões com maiores

⁵ As Tabelas contendo os indicadores analisados nesta seção estão localizadas no Anexo B ao final deste trabalho.

⁶ Ver, por exemplo, a discussão de Kaldor (1966), em que a indústria é considerada o motor da atividade econômica, e Kaldor (1968), que destaca a importância das exportações do produto industrial para as economias.

aumentos foram África de Norte e Sul da África, as quais apresentaram indicadores macroeconômicos mais favoráveis, conforme visto na seção 2.1, enquanto a África Ocidental obteve os menores valores exportados. Dentre os países, em termos das exportações nominais, Nigéria, África do Sul, Argélia, Líbia e Guiné Equatorial foram os que apresentaram os valores maiores de exportação. Dentre os menores valores, destacam-se São Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau. Estas diferenças podem estar associadas ao fato do país ser um exportador de petróleo ou minério.

Conforme se observa na Tabela B2, em média, as importações africanas também aumentaram ao longo do período, o que pode estar relacionado à dinâmica econômica do continente e à necessidade de investimento, e também ao aumento de valor das exportações como apresentado anteriormente. As regiões que mais importaram também foram a Norte e o Sul da África, enquanto as regiões que menos importaram foram a África Central e Oriental. De acordo com os dados, observa-se que as médias das importações aumentaram, principalmente, a partir de 2000 e mantiveram-se nesse patamar mais alto ao longo do tempo para a maioria dos países, seguindo a tendência do continente. Os grandes importadores foram África do Sul, Egito e Nigéria. Na direção contrária, os que importaram menos foram São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Comores. Percebe-se que a diferença das importações entre os países tem relação com o tamanho destes e com o desempenho das economias.

A Tabela B3 expõe os resultados do saldo comercial dos países africanos no período de 1990 a 2014. A balança comercial do continente apresenta resultados oscilantes no tempo, ora deficitários, ora superavitários. Apesar de apresentar média positiva, em grande parte do período, o saldo comercial foi negativo. O melhor resultado para a balança comercial do continente, em média, foi verificado no período 2005-2009 (cujo superávit atingiu cerca de US\$ 1,3 bilhões). Em termos regionais, a África Ocidental foi a região que apresentou maior saldo na balança comercial, sendo que a África Oriental e do Norte apresentaram saldos médios negativos. A maioria dos países apresentou o saldo médio da balança comercial negativo, com exceção de 11 países.⁷ Um fato que pode estar relacionado com a balança positiva é a pauta comercial centrada na participação de petróleo e recursos minerais.

De acordo com Perspectivas Econômicas em África (2014), os altos preços do petróleo aumentaram os preços das importações e pressionaram a balança comercial de muitos países. Por isso, nos países importadores de petróleo, o déficit comercial contou com tendência de aumento, e nos países exportadores de petróleo, verificou-se um excedente

⁷ Durante o período em análise e através de dados médios, os países que apresentaram saldo na balança comercial positivo foram Argélia, Líbia, Costa do Marfim, Nigéria, Chade, República Democrática do Congo, República do Congo, Guiné Equatorial, Gabão, Botswana e Zâmbia.

comercial. Nos países com abundância de recursos naturais, a conta comercial registrou excedente ou equilíbrio.

Nesses termos, parece que ser exportador de petróleo ou de recursos naturais gera condições para se obter um saldo comercial positivo para a maioria dos países, principalmente em um contexto de alto preço daqueles produtos no mercado internacional vivido a partir de 2002. Porém, vale ressaltar que o saldo comercial negativo pode ter a ver com as diferenças de elasticidade-renda das importações e exportações. Outra explicação possível no comportamento da balança comercial é o valor agregado na pauta exportadora, pois, como sabido, as exportações africanas são caracterizadas pelo baixo valor agregado, enquanto as importações são compostas basicamente de produtos manufaturados e bens de maior valor.

A Tabela B4 oferece informações sobre a participação dos países africanos no total exportado pelo continente no período de 1990 a 2014. Essa participação permite ter uma visão do peso das exportações de cada país sobre o desempenho do continente africano. As regiões com maior participação média nas exportações do continente foram a Sul e a Norte de África, com mais de 33% cada, ou seja, as duas regiões são responsáveis por cerca de 67% de tudo que o continente exporta. Isso demonstra o peso de algumas economias que fazem parte dessas regiões, tais como a África do Sul (20,21%) e a Argélia (12,06%).

Vale ressaltar ainda o peso da Nigéria no total exportado pelo continente, que é responsável por 14% das exportações totais africanas. Deste modo, a África Ocidental vem elevando sua participação no total das exportações do continente, porém, todo o peso desse aumento deve ser atribuído ao desempenho exportador da Nigéria, pois os demais países têm exportações pouco significantes. Por outro lado, as regiões Sul e Norte vêm reduzindo suas participações lentamente. A região Central é a que menos contribui no total exportado pelo continente africano. Portanto, os dados de participação na pauta exportadora africana sinalizam que as economias mais ricas e desenvolvidas tiveram uma participação maior na exportação do continente.

A Tabela B5 informa a participação das regiões e dos países nas importações do continente africano. Os dados mostram que as regiões que mais importaram no período foram África do Norte (35,57%) e a Sul da África (34%), enquanto o que menos teve participação nas importações foi a África Central (com 5,08%). Quanto aos países, a África do Sul foi o país com maior participação (22%) nas importações do continente. Fica evidente a relação entre o ritmo de crescimento das importações e das exportações, principalmente nos países com maiores participações.

Para entender a relação entre o perfil exportador e o crescimento econômico, a Tabela B6 apresenta a composição das exportações dos países africanos em 2013⁸. O diagnóstico do perfil exportador é importante, uma vez que permite obter uma percepção melhor sobre o crescimento do produto em termos dos efeitos dinamizadores das exportações desagregadas. Assim, é possível observar que as exportações do continente africano são bastante concentradas nos setores de petróleo e derivados, minerais e produtos agrícolas. A maioria das economias africanas possui baixa diversificação da pauta, com poucos produtos sendo exportados, o que reflete o próprio perfil exportador do continente muito concentrado em produtos intensivos em recursos naturais. Além disso, a composição das exportações mostra baixa presença de produtos manufaturados pelo continente e na maioria dos países.

As exportações de petróleo corresponderam a 46,8% do total das vendas externas do continente africano em 2013. Nos países exportadores de petróleo e minérios, esses produtos chegaram a representar mais de 50% das exportações. A Tabela B6 revela que quanto mais dotado de recursos naturais (petróleo e metais preciosos) é o país, menos diversificada é a sua pauta exportadora. Essa característica também é semelhante para os países exportadores de produtos agrícolas, pois, geralmente, as pautas são concentradas em poucos produtos.

Verifica-se que a região Norte de África foi a que apresentou uma pauta exportadora mais diversificada no continente, tomando como *proxy* a quantidade dos produtos exportados que totalizam 75% das exportações de cada país. No caso dessa região, em média, foram 38 produtos exportados, e destaca-se o Egito e a Tunísia, com 80 e 78 produtos compondo suas pautas, respectivamente. Todavia, mesmo nesses países, o peso do petróleo na pauta exportadora é muito significativo, consistindo no principal produto exportado: no Egito, 24,5% das exportações são de petróleo, e na Tunísia, este valor é de 11,1%. Já países como Líbia e Argélia mostram baixa diversificação da exportação, sendo que o peso do petróleo na pauta é de 81,8% e 44,2%, respectivamente.

As demais regiões da África também possuem pautas exportadoras pouco diversificadas, majoritariamente representadas pelo petróleo e minerais. Para a região Sul da África, em média, 13 produtos são responsáveis por 75% do total exportado. Em alguns países da região, esta porcentagem chega a ser representada por um único produto, como caso de Angola, Botswana e São Tomé e Príncipe, e, na maioria dos países, menos de 20 produtos representam este total.

A África Ocidental possui em média 6,5 produtos sendo responsáveis pela maior parte das exportações, que são concentradas em produtos agrícolas e matérias-primas minerais.

⁸ A apresentação da composição da pauta exportadora se restringiu aos três principais produtos exportados por cada país e ficou restrita ao ano de 2013 por ser este o ano de divulgação mais recente dos dados desagregados.

Entretanto, Gana e Nigéria apresentam exportações com grande participação de petróleo, diferentemente dos outros países da região. Na Nigéria, o petróleo chega a representar mais de 80% das exportações do país em 2013. Para os outros países, a concentração é baseada em produtos agrícolas.

O perfil exportador da África Oriental é basicamente composto por produtos agrícolas e as exportações são representadas, em média, por 12 produtos. Todavia, alguns países da região apresentam perfil exportador com grande participação do petróleo e minerais, como caso de Sudão, Ruanda e Eritreia, cujos principais produtos foram petróleo, minerais de nióbio e ouro bruto. Nota-se que os países com perfil exportador diferente na região configuram entre os que apresentam pauta menos diversificada, sugerindo concentração da pauta exportadora em recursos naturais.

A África Central apresenta pauta exportadora mais concentrada entre todas as regiões do continente, com média de 5,6 produtos representando 75% do total exportado, sendo que petróleo é o principal produto. Com a exceção da República Central Africana, cujo principal produto exportado é madeira, todos os demais países da região exportam principalmente petróleo ou outros minerais. Os países da região com maior participação de petróleo na pauta foram Chade (96,1%); República do Congo (83,5%) e Gabão (73,8%).

Assim, observando as informações da Tabela B6, pode-se argumentar que, na África, a pouca diversificação da pauta exportadora está relacionada com a grande abundância dos recursos naturais. De acordo com dados do Banco Africano de Desenvolvimento (2013), o petróleo responde por 46,8% das exportações e gás natural por 20,6%, revelando alto peso do petróleo e derivados na economia do continente africano.

Em relação à composição da pauta conforme os produtos importados em 2013, a Tabela B7 mostra grande participação dos produtos manufaturados ou primários com maior valor agregado, envolvendo, sobretudo, automóveis, máquinas relacionadas à exploração de petróleo (como plataformas de perfuração) e medicamentos. Além disso, percebe-se que os países importam produtos primários ou com algum grau de transformação, tais como combustíveis (petróleo refinado) e bens alimentares (especialmente arroz). Outro fato relevante é a importação de petróleo cru, pois, mesmo nos países produtores, há certa participação desse produto na pauta importadora. Nesse sentido, as importações africanas são predominantes de produtos com maior valor agregado, o que contribui para a grande diferença na balança comercial, pois são produtos com alta elasticidade-renda da demanda. No entanto, as importações africanas mostram-se relativamente mais diversificadas em comparação com as exportações.

As Tabelas B8 e B9 informam, respectivamente, o destino das exportações e a origem das importações do continente africano com base no ano de 2013. A Tabela B8 destaca a significativa participação nas exportações africanas dos países europeus, dos Estados Unidos e da China, que são os principais compradores do mundo, principalmente de *commodities* energéticas. Observa-se ainda que as exportações africanas são muito dependentes de poucos destinos (compradores), o que as deixam bastante suscetíveis às instabilidades macroeconômicas dos parceiros comerciais.

Ainda sobre o destino das exportações africanas, percebe-se que as economias africanas conseguem acessar os grandes mercados internacionais, tendo como principais parceiros os países da União Europeia e os Estados Unidos, com o aumento da participação da China. O aumento da participação chinesa está associado ao crescimento da demanda desse país por matérias primas, o que tem impulsionando o comércio mundial. Vale salientar a participação de outros países emergentes (BRIC) e de alguns países africanos, revelando a existência de comércio intracontinental, com destaque para África do Sul e Nigéria.

Dentre as regiões, a África de Norte foi a que apresentou exportações menos concentradas em poucos parceiros. Naquela região, as vendas para os três principais parceiros comerciais ficaram abaixo de 50% das exportações dos países. As demais regiões apresentaram maior dependência de poucos compradores. Todavia, percebe-se que há diferenças entre os países, pois, enquanto a maioria dos países apresentam exportações concentradas em poucos destinos, os países mais ricos da África, como Nigéria, África do Sul, Egito e Argélia, têm exportações voltadas para um maior número de parceiros.

A Tabela B9 apresenta as origens das importações africanas e evidencia a menor concentração das compras externas do continente, o que pode ser vantajoso para aumentar o poder de barganha e na redução do valor das importações. Destaca-se a grande participação da China como uma das principais origens das importações para o continente. A África de Norte apresenta importações menos concentradas e o Sul da África apresentam importações mais concentradas, com predomínio da África do Sul como principal origem das importações dos países dessa última região, revelando a forte ocorrência de comércio intrarregional.

Cabe também destacar que a maioria dos países africanos possui entre seus principais parceiros comerciais os ex-colonizadores. Isto é, figuram como destino ou origem dos produtos, o país que foi colonizador ou exerceu influência durante o domínio colonial.

2.3 Conclusão

A partir da análise de algumas variáveis macroeconômicas importantes para entender a relação das exportações e de seu perfil para o crescimento econômico dos países que compõem o continente africano, pode-se concluir que os resultados designam dois momentos distintos na economia africana, que podem ser divididos em um primeiro período, que compreende 1990 a 1999, e o segundo período que vai de 2000 a 2014. O primeiro período foi caracterizado por baixo crescimento econômico, inflação alta e investimentos moderados nos países africanos em termos gerais. A partir do ano 2000, a economia africana começou a apresentar um novo cenário, com taxas médias de crescimentos maiores e mais estáveis, política monetária com maior capacidade de controlar a inflação, aumento da capacidade de produção futura e melhoras nos indicadores sociais. Contudo, o IDH ainda revela níveis preocupantes, pois a maioria dos países figuram entre os mais considerados de baixo desenvolvimento, o que demonstra a necessidade de haver mudanças para além dos atuais padrões socioeconômicos nos países africanos. As regiões Norte e Sul da África foram as que mais contribuíram para a obtenção de melhores resultados econômicos para o continente africano.

Quanto aos indicadores comerciais dos países africanos, é possível observar que os países com alta participação dos produtos primários na pauta exportadora (especialmente petróleo) foram os que apresentaram melhores resultados econômicos no período. Mas vale ressaltar que possuir um perfil exportador especializado e baseado no setor de produtos básicos, primários ou *commodities* pode ser perverso para as economias, principalmente pelo fato de que o aumento das exportações pode ter como consequência a deterioração dos preços internacionais dos produtos exportados. Além disso, são produtos que lidam com problema de baixas elasticidades de preço e renda da demanda, e, assim, o desempenho econômico passa a ficar cada vez mais dependente da dinâmica da economia global, o que pode comprometer os resultados comerciais no longo prazo em momentos de preços baixos. Por outro lado, as importações africanas mostraram-se mais diversificadas e compostas por produtos manufaturados, contribuindo para o saldo da balança comercial negativo observado na análise.

A análise revela também que os principais destinos e origens das exportações e importações africanas são os países da União Europeia, Estados Unidos e a China, com crescente participação dos países emergentes (BRICS) e a participação de alguns parceiros africanos. Dessa forma, a exemplo de outras economias em desenvolvimento, os países africanos têm conseguido alcançar os mercados mais importantes do comércio mundial. Além disso, destaca-se o desenvolvimento do comércio intracontinental, com a grande participação e domínio da África do Sul e da Nigéria, principalmente, nas suas respectivas regiões.

Salienta-se ainda que o destino das exportações está relacionado com o perfil exportador das economias africanas.

Nesse contexto, a grande dependência de recursos naturais pode não permitir o alcance de outros mercados e um perfil exportador pouco diversificado constitui elemento limitador no comércio internacional. Nessas condições, as economias ficam mais suscetíveis às instabilidades macroeconômicas dos principais parceiros e à volatilidade de preços dos produtos primários nos mercados internacionais, o que pode conduzir a um desempenho fraco da economia no longo prazo.

Assim, para tentar avaliar empiricamente os efeitos das exportações e da composição da pauta exportadora sobre o processo de crescimento das economias africanas, no próximo capítulo realiza-se uma análise de painel com base em dados daqueles países para o período 1990-2014.

CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA E RESULTADOS

Este capítulo tem por objetivo descrever a metodologia utilizada para a realização deste trabalho, além de apresentar e discutir os resultados estimados a partir de modelos de painel para crescimento dos países africanos com a variável explicativa exportações totais e segmentadas em produtos agrícolas e petróleo/minerais.

No capítulo 2, através da análise descritiva de dados, foi possível perceber que existe uma relação entre crescimento econômico e as exportações dos países, sendo que o tipo de produto exportado parece importante para explicar a dinâmica das economias.

Nesse contexto, para uma análise empírica da relação entre o perfil exportador e o crescimento econômico das economias africanas, o capítulo está dividido em três seções. Na seção 3.1 realiza-se uma descrição da metodologia utilizada na análise empírica. Na seção 3.2, apresenta-se a especificação do modelo estimado e a base de dados. Por fim, a seção 3.3 expõe os resultados encontrados a partir das estimativas por meio de dados em painel.

3.1 Metodologia

Este trabalho pretende, a partir da metodologia de dados em painel, avaliar a relação entre o perfil das exportações e a taxa de crescimento do produto das economias africanas. A utilização de modelos de dados em painel permite fazer análises utilizando dados de séries de tempo (*time-series*) e cortes seccionais (*cross-sections*), o que pode possibilitar a obtenção de resultados mesmo na ausência de algumas informações importantes, como no caso de muitos países africanos, onde a qualidade e a disponibilidade de dados é muito precária. De acordo com Wooldridge (2002), o modelo de dados em painel fornece muitas vantagens, sendo que a principal é a capacidade de controlar características não observáveis das variáveis escolhidas, além de resolver problemas de omissões de variáveis.

Os modelos de dados em painel estimados nesta pesquisa envolvem painel estático, que compreende análise por efeitos fixos ou aleatórios; e painel dinâmico, que consiste em estimações por GMM (Método dos Momentos Generalizados) em *Difference e System*.

3.1.1 Modelos de Painel Estático

Segundo Wooldridge (2002), os modelos de dados em painel estático dividem-se em Efeito Fixo e Efeito Aleatório. A sua forma básica com efeitos não observados se apresenta pela equação 1:

$$y_{it} = \sum_{k=1}^k \beta_{kit} x'_{kit} + \mu_i + \epsilon_{it}, i = 1, \dots, N, t = 1, \dots, T \quad (1)$$

Onde N é o número de indivíduos, T é o número de períodos ($t = 1, 2, \dots, T$), e x_{kit} representa as variáveis explicativas.

Assim, a equação 2 abaixo representa a equação geral do modelo estático:

$$y_{it} = \beta_1 x_{1it} + \beta_2 x_{2it} + \dots \beta_k x_{kit} + \mu_i + \epsilon_{it} \quad (2)$$

Onde y_{it} é a variável dependente, x_{itk} representa o conjunto de variáveis explicativas k, β_k é o coeficiente da variável explicativa, μ_i é um termo de efeitos individuais e constante no tempo, e ϵ_{it} é o termo de erro.

De acordo com Wooldridge (2011), o modelo de painel estático apresenta alguns problemas como heterogeneidade e endogeneidade. Isto é, pode haver problema de correlação entre o efeito não observado e a variável explicativa, deixando as estimativas inconsistentes e viesadas.

O Modelo de Efeito Fixo (EF) permite estimar a equação mesmo quando a covariância de x_{kit} e μ_i for diferente de zero através da eliminação dos efeitos não observados, presumindo que a esperança do termo seja igual a zero. As principais características são: necessidade de poucos pressupostos para ser consistente; não leva em consideração a variação entre grupos, o que deixa o estimador ineficiente; não ser possível estimar coeficientes para variáveis invariantes no tempo, e trata-se de estimador por Mínimos Quadrados Ordinário (MQO).

O Modelo de Efeito Aleatório (EA) assume que os termos de erros são distribuídos aleatoriamente com média zero e variância constante. As variáveis que não mudam no tempo são importantes como variáveis explicativas. Trata-se de estimador por Mínimos Quadrados Generalizado (GLS), assim, diferentemente do modelo de EF, que considera a existência de correlação entre as variáveis explicativas e os efeitos não observados, o modelo de EA assume ausência da correlação entre as variáveis explicativas e os efeitos não observados (WOOLDRIDGE, 2002).

No caso do painel estático, a definição do modelo mais adequado é feita através da realização de teste de Hausman, para o qual a hipótese nula é de não existência da correlação entre o resíduo e a variável explicativa, ou seja, os estimadores por EA são consistentes e a alternativa é que não sejam consistentes.

Cabe ressaltar que um dos problemas dos modelos de EF e EA é a limitação quanto à possível endogenia das variáveis explicativas. A superação desse problema passa pela realização das estimações a partir dos modelos dinâmicos de dados em painel por GMM.

3.1.2 Modelos de Painel Dinâmico

O modelo dinâmico de dados em painel é caracterizado pela estimação GMM (Método dos Momentos Generalizados), e consiste em encontrar um estimador consistente com mínimo de restrição sobre os momentos através da estimação por *GMM Difference* ou *GMM System*.

No modelo *GMM System* são incluídos variáveis em nível de defasagens e as variáveis em diferença de defasagens para explicar o estimador. Trata-se de um estimador expandido do modelo de painel dinâmico, e é utilizado quando existem problemas com omissão de variáveis. O modelo *GMM Difference* apresenta um sistema de equações onde os instrumentos estão disponíveis para valores defasados e, da mesma forma, se incluem defasagens para os diferentes níveis das variáveis endógenas. De acordo com Vieira et al. (2013), o método *GMM Difference*, desenvolvido por Arellano e Bond (1991), permite utilizar a variável dependente defasada (em *lags*) dentre as variáveis explicativas, diferentemente dos modelos estáticos, onde a inclusão da variável dependente defasada no regressor causa viés no coeficiente.

Nesse sentido, o modelo dinâmico permite controlar a possível existência de correlação entre os valores do período passado da variável dependente e os valores presente das variáveis explicativas, eliminando, assim, o viés relacionado à correlação. De acordo com Baum (2007), a relação de correlação existe porque há relação entre a variável dependente defasada do modelo com o termo de erro. Assim, o modelo apresenta problema de viés na estimação, mesmo depois da inclusão de mais regressores, uma vez que podem estar correlacionados com a variável dependente defasada.

O modelo dinâmico pode ser apresentado pela equação 3:

$$y_{it} = a + b_1 y_{it-1} + b_2 x_{it} + v_i + u_{it} \quad (3)$$

No modelo dinâmico, a $Cov(v_i, y_{it}) \neq 0$, visto que, y_{it-1} é função de v_i como pode ver na equação 4 abaixo:

$$y_{it-1} = a + b_1 y_{it-2} + b_2 x_{it-1} + v_i + u_{it-1} \quad (4)$$

A estimação dos modelos dinâmicos de dados em painel com variável dependente defasada pode ser desenvolvida pela transformação do modelo tomando suas primeiras diferenças:

$$(y_{it} - y_{it-1}) = b_1(y_{it-1} - y_{it-2}) + b_2(x_{it} - x_{it-1}) + (u_{it} - u_{it-1}) \quad (5)$$

$$\Delta y_{it} = b_1 \Delta y_{it-1} + b_2 \Delta x_{it} + \Delta u_{it} \quad (6)$$

Assim, elimina-se o erro individual v_i , a causa da endogeneidade, após as devidas manipulações algébricas. Este procedimento gera problemas de autocorrelação dos erros, o que pode ser equacionado pelo uso do método de estimação das variáveis instrumentais que sejam pertinentes para ΔY_{it-1} . De tal modo, tem-se que $Y_{it-2}, Y_{it-3}, \dots$ são considerados instrumentos válidos, de modo que $\Delta Y_{it-2}, \Delta Y_{it-3}, \dots, \Delta Y_{it-n}$, $n = (1, 2, \dots)$.

A utilização de análise de dados em painel dinâmico foi motivada por considerar alguns fatores como: dimensão temporal dos dados; efeitos individuais específicos não observáveis; possibilidade de incluir variável dependente defasada entre as variáveis explicativas; e também por possibilitar resolver problema de endogenia das variáveis explicativas.

Assim, como forme de eliminar possíveis problemas de estimativas viesadas e inconsistentes de α e β , o trabalho de Arellano e Bond (1991), sugere utilizar as condições de momentos existentes entre os valores defasados de $y_{i,t}$ e $x_{i,t}$ e os $v_{i,t}$.

$$\Delta y_{i,t} = \alpha \Delta y_{i,t-1} + \beta \Delta x_{i,t} + v_{i,t} \quad (7)$$

Dado que $y_{i,t-1}$ é fracamente exógeno, $x_{i,t}$ é endógeno, $\Delta y_{i,t-1} = y_{i,t-1} - y_{i,t-2}$ e $\Delta x_{i,t} = x_{i,t} - x_{i,t-1}$ são correlacionados com o termo de erro $\Delta v_{i,t} = v_{i,t} - v_{i,t-1}$, a obtenção de estimativas consistentes e assintoticamente eficientes de α e β passa pela utilização de variáveis instrumentais.

Conforme apresentado por Arellano e Bover (1995) e Blundell e Bond (1998), as estimações por GMM *Difference* às vezes são ineficazes, produzindo viés e imprecisão dos parâmetros α e β na equação do modelo estimado. Isto porque os níveis defasados $y_{i,t-1}$ e $x_{i,t}$ podem ser instrumentos fracos para equação em primeira diferença se as séries $y_{i,t-1}$ e $x_{i,t}$ forem altamente persistentes.

Assim, como forma de eliminar potencial viés e imprecisão associado ao estimador GMM *Difference*, Arellano e Bond (1995) e Blundell e Bond (1998) desenvolveram o estimador GMM *System*, com base nas condições de momento em um sistema empilhado compreendendo todas as equações em primeira diferença e todas equações em nível correspondendo aos períodos para os quais instrumentos são observados.

Os instrumentos para a equação em diferença são os valores defasados em níveis das variáveis explanatórias, Os instrumentos para equações em nível são valores defasados em diferença das variáveis explanatórias, dados pelas condições de momento.

A consistência do estimador GMM depende da validade das condições de momento. Para verificar tal consistência, serão utilizados dois testes de especificação baseados em Arellano e Bond (1991), Arellano e Bover (1995) e Blundell e Bond (1998). O teste Hansen, avalia as restrições de sobre-identificação, e possui como hipótese nula que os instrumentos são válidos, ou seja, não correlacionados com o termo de erro, e que os instrumentos que não foram incluídos são corretamente excluídos da equação estimada. Outro teste é o de Arellano-Bond, que testa a hipótese de nenhuma correlação serial de segunda ordem no termo de erro.

No sentido de melhorar a análise pelo modelo dinâmico, os trabalhos de Roodman (2009a, 2009b) realizam uma análise detalhada sobre proliferação de instrumentos quando se usa o GMM *Difference* e o GMM *System*. O autor analisa indícios da proliferação de instrumentos, revelando que, conforme a dimensão temporal aumenta, o número de instrumentos pode ser muito grande em comparação com o tamanho da amostra, e a implicação disso é a de que alguns resultados assintóticos e testes de especificação não são válidos. Muitos instrumentos podem se sobreajustar às variáveis endógenas e falhar em eliminar seus componentes endógenos, resultando em coeficientes viesados. Outro argumento é o de que os testes Hansen e Difference-in-Hansen podem ser fracos quando se usa GMM *Difference* e *System* na presença de muitos instrumentos.

Para não cair na armadilha do excesso de instrumentos, Roodman (2009b) recomenda a utilização da subopção *collapse* para o comando *xtabond2* no Stata. Assim, tem-se duas técnicas para limitar o número de instrumentos gerados no GMM *Difference* e *System*. A primeira é a utilização de algumas defasagens, e não de todas disponíveis para os instrumentos, limitando, assim, o número de instrumentos por período, de maneira que seja

linear a T. A segunda técnica é o uso de *Collapse* para reduzir o número de instrumentos. A principal ideia é combinar instrumentos por meio da adição de conjuntos menores, sem deixar de lado quaisquer defasagens, como a primeira técnica faz. A subpoção *Collapse* implica na criação de um instrumento para cada variável e distância de defasagem, ao invés de criar instrumento para cada tempo e período de tempo, variável e distância de defasagem, onde o resultado final é dividir as condições de momento do GMM em grupos e somar as condições em cada grupo para formar um conjunto menor de condições. No final, tem-se um conjunto de instrumentos colapsados para cada distância de defasagem, com zero substituído quaisquer valores faltosos e tornando o número de instrumentos linear T.

Assim, a equação em diferença nesse procedimento implica que a matriz de instrumentos colapsa para a equação em nível, resultando em matriz de instrumentos, ou seja, com este procedimento, consegue-se diminuir os números dos instrumentos.

3.2 Especificação dos Modelos Econométricos e Base de Dados

Para verificar a relação entre o perfil exportador e o crescimento das economias africanas, foi realizada estimação onde foi incluída a variável exportação, como também as variáveis de controle. Em outras palavras, buscou-se estimar a taxa do crescimento pelo setor externo para entender a dinâmica econômica dos países africanos.

Parece haver consolidação na literatura econômica quanto aos efeitos positivos das exportações sobre crescimento do produto. Acredita-se que as exportações possibilitam melhorias técnicas de produção, formação de mão de obra qualificada e o aumento da competitividade a partir da inserção internacional. Outro fato é de que as receitas resultante das exportações, principalmente em países ricos em recursos naturais, podem ser importantes financiadoras dos gastos públicos e dos investimentos, embora isso pode contribuir para alimentar o processo inflacionário.

Para se avaliar o papel das exportações para o crescimento das economias africanas, representado pela variável taxa de crescimento do PIB *per capita* real (TXCPIBPERCAPITA), foram utilizados dados das exportações totais em porcentagem do PIB (EXPORTPIB) e das exportações desagregadas em produtos baseados em recursos naturais (XRNPIB), produtos agrícolas (XPAPIB) e petróleo/minerais (XPETPIB), todas em expressas em porcentagem do PIB⁹.

⁹ A pauta exportadora africana é composta, principalmente, pela exportação dos produtos primários, com destaque para produtos agrícolas e petróleo e derivados, conforme observado no capítulo 2 deste trabalho.

O intuito de se desagregar as exportações por tipo de produto advém do fato de que a literatura econômica denominada Maldição dos Recursos Naturais pontua que exportações de produtos primários podem não ter o mesmo efeito sobre o crescimento econômico do que as exportações de bens manufaturados, uma vez que a atividade industrial possui teoricamente economias de escala, além de efeitos tecnológicos e de aprendizagem mais consistentes e robustos sobre os demais setores da economia, que estimulam a produtividade e o crescimento econômico.

Além da variável externa relacionada às exportações, os modelos estimados também incorporaram a taxa de inflação (INF), para captar a disciplina macroeconômica; os gastos públicos em proporção do PIB (GOVPIB), para captar a disciplina fiscal; a formação bruta de capital fixo em proporção do PIB (FBKFPiB), como *proxy* para a taxa de investimento; e os gastos públicos com educação em proporção do PIB (EDUCPIB), como *proxy* para o capital humano.

Inicialmente, a estimação dos modelos de crescimento com dados em painel foi realizada por meio dos modelos EF e EA. Levando em conta a limitação desses modelos, foram também estimados os modelos dinâmicos com dados em painel. Assim, a equação para a taxa de crescimento do PIB real *per capita* estimada será considerada os seguintes modelos de dados em painel:

$$TXCPIBPERCAPITA_{i,t} = PIBINICIAL_{i,t} + \beta_1 EXPORTPIB_{i,t} + \beta_2 EDUCPIB_{i,t} + \beta_3 GOVPIB_{i,t} + \beta_4 FBKFPiB_{i,t} + \beta_5 INF_{i,t} + \mu_i + \varepsilon_{it} \quad (8)$$

Onde μ_i são os efeitos fixos no tempo e ε_{it} é o termo de erro.

As variáveis de controle foram introduzidas na estimação duas a duas de forma a perceber os efeitos de cada uma delas.

Como forma de capturar a relação entre as exportações baseadas em recursos naturais e a dinâmica econômica, aquela variável (em proporção do PIB) foi incluída na estimação, conforme a seguinte equação:

$$TXCPIBPERCAPITA_{i,t} = PIBINICIAL_{i,t} + \beta_1 XRNPIB_{i,t} + \beta_2 EDUCPIB_{i,t} + \beta_3 GOVPIB_{i,t} + \beta_4 FBKFPiB_{i,t} + \beta_5 INF_{i,t} + \mu_i + \varepsilon_{it} \quad (9)$$

Portanto, justifica-se a desagregação das exportações totais do continente com a finalidade de captar a participação individual destes bens sobre o crescimento econômico.

Na perspectiva de entender a dinâmica de crescimento das economias africanas a partir do seu perfil exportador, isto é, como os produtos exportados pelas economias impactam o crescimento do produto africano, foram utilizadas como variáveis explicativas as exportações de petróleo/minerais e de produtos agrícolas, conforme pode ser visto nas equações abaixo:

$$TXCPIBPERCAPITA_{i,t} = PIBINICIAL_{i,t} + \beta_1 XPETPIB_{i,t} + \beta_2 EDUCPIB_{i,t} + \beta_3 GOVPIB_{i,t} + \beta_4 FBKFPPIB_{i,t} + \beta_5 INF_{i,t} + \mu_i + \varepsilon_{it} \quad (10)$$

$$TXCPIBPERCAPITA_{i,t} = PIBINICIAL_{i,t} + \beta_1 XPAPIB_{i,t} + \beta_2 EDUCPIB_{i,t} + \beta_3 GOVPIB_{i,t} + \beta_4 FBKFPPIB_{i,t} + \beta_5 INF_{i,t} + \mu_i + \varepsilon_{it} \quad (11)$$

Do mesmo modo foram estimado os modelos para o efeitos aleatórios a partir das equações acima apresentada. Continuando a especificação dos modelos estimados, os modelos dinâmicos podem ser apresentadas pelas seguinte equações:

$$PIBPERCAPITA_{it} = \delta + \beta PIBPERCAPITA_{i,t-1} + \beta_1 PIBPERINIC_{it} + \beta_2 EXPORTPIB + \beta_3 EDUCPIB_{it} + \beta_4 GOVPIB_{it} + \beta_5 FBKFPPIB_{it} + \beta_6 INF_{it} + DURENDA_{i,t} + u_{it} \quad (12)$$

$$PIBPERCAPITA_{it} = \delta + \beta PIBPERCAPITA_{i,t-1} + \beta_1 PIBPERINIC_{it} + \beta_2 XRNPIB + \beta_3 EDUCPIB_{it} + \beta_4 GOVPIB_{it} + \beta_5 FBKFPPIB_{it} + \beta_6 INF_{it} + DURENDA_{i,t} + u_{it} \quad (13)$$

$$PIBPERCAPITA_{it} = \delta + \beta PIBPERCAPITA_{i,t-1} + \beta_1 PIBPERINIC_{it} + \beta_2 XPETPIB + \beta_3 EDUCPIB_{it} + \beta_4 GOVPIB_{it} + \beta_5 FBKFPPIB_{it} + \beta_6 INF_{it} + DURENDA_{i,t} + u_{it} \quad (14)$$

$$PIBPERCAPITA_{it} = \delta + \beta PIBPERCAPITA_{i,t-1} + \beta_1 PIBPERINIC_{it} + \beta_2 XPAPIB + \beta_3 EDUCPIB_{it} + \beta_4 GOVPIB_{it} + \beta_5 FBKFPPIB_{it} + \beta_6 INF_{it} + DURENDA_{i,t} + u_{it} \quad (15)$$

Onde δ é um escalar, β é um vetor de coeficiente e o u_{it} é o termo de erro.

A variável explicativa exportações em porcentagem do PIB (EXPORTPIB) foi medida em dólares constantes de 2005. Assim, espera-se confirmar a relevância das exportações para o crescimento econômico. Além disso, pretende-se avaliar se a relação entre o perfil exportador com alta participação de recursos naturais (XRNPIB) é positiva ou negativa para o crescimento do produto *per capita* dos países africanos, e se existem efeitos distintos entre exportar produtos agrícolas (XPAPIB) ou petróleo e minerais (XPETPIB), dado que a literatura indica que os efeitos perversos das exportações intensivas em recursos naturais são mais recorrentes em países produtores e exportadores de petróleo e minerais valiosos e com

instituições fracas. Assim, havendo evidências da Maldição dos Recursos Naturais, espera-se que o sinal obtido para as variáveis relacionadas às exportações dos produtos primários seja negativo.

Para as estimações dos modelos, foram utilizados dados em média de cinco anos para o período de 1990 a 2014. Para a variável PIBINICIAL, foi utilizada a taxa de crescimento do PIB *per capita* real dos primeiros anos de cada período. O objetivo da investigação empírica, como já mencionado, é verificar o sinal das variáveis EXPORTPIB, XRNPIB, XPETPIB e XPAPIB. Assim, foram estimados quatro modelos para dados em painel, tendo sempre como variável dependente a taxa de crescimento do PIB real *per capita* dos países africanos. O Quadro 2 seguir sistematiza o conjunto de variáveis utilizadas nas estimações.

Quadro 2: Relação de variáveis, definições e fonte

Variáveis	Definição	Fonte
PIBPERCAPITA	Taxa de crescimento do PIB Real Per Capita U\$ de 2005 em (%)	WDI
PIBINICIAL	PIB Inicial Per Capita U\$ de 2005 - 1990, 1995, 2000, 2005, 2010	WDI
EXPORTPIB	Exportação total em % do PIB	WDI
XRNPIB	Exportações de recursos naturais em % do PIB	WDI
XPAPIB	Exportação agrícola em % do PIB	OMC
XPETPIB	Exportação de petróleo/minerais em % do PIB	OMC
INF	Taxa de Inflação medida pelo IPC em % anual	WDI
GOVPIB	Despesa total do governo em % do PIB	WDI
FBKFPB	Formação Bruta de Capital Fixa em % do PIB	WDI
EDUCPIB	Despesa total do governo com a educação expressa em % do PIB	WDI
DU9094, DU9599, DU0004, DU0509 DU1014	Dummies Temporais	
DURENDA	Dumme Renda	

Fonte: Elaboração própria.

Foram utilizadas *dummies* temporais nas estimações e também a *dummy* renda (DURENDA), em que para os países com renda real *per capita* média maior do que a média do continente africano foi atribuído o valor 1.

A amostra compreendeu 52 países do continente africano, sendo excluídos Sudão do Sul e Somália por falta de dados. Destaca-se ainda que o painel utilizado é desbalanceado, e as estimações foram realizadas por meio de software Stata 14..

3.3 Resultados

Os resultados das estimações por Efeitos Fixos e Aleatórios, apresentados na Tabela 1, mostram que o coeficiente da variável exportações totais (EXPORTPIB) é positivo e estatisticamente significativo no modelo de painel estático. Isto indica que as exportações

totais dos países africanos explicam positivamente o crescimento do produto real *per capita* do continente. A evidência vai ao encontro do que a maior parte da literatura sustenta, indicando que as exportações têm um efeito favorável sobre o crescimento do produto, como visto em Fosu (1990b) e Amavilah (2003) para países africanos. Além disso, este resultado é condizente com a análise descritiva feita no segundo capítulo desta dissertação, que mostra melhora do crescimento econômico nos países acompanhado de variação positiva na taxa das exportações.

Cabe destacar que, apesar dos coeficientes da variável exportação (EXPORTPIB) terem sido positivos e significantes, os valores obtidos foram baixos (menores do que 1), sugerindo que as exportações africanas têm pouco impacto relativo no crescimento do PIB *per capita* real.

Tabela 1: Modelo de crescimento com exportações totais e exportações de recursos naturais - Efeito Fixo (EF) ou Aleatório (EA), países da África

	EF	EF	EF	EF	EF	EF
Modelos	1	2	3	4	5	6
PIBINICIAL	-17.133*** (0.000)	-4.926** (0.002)	-17.131*** (0.000)	-13.755*** (0.000)	-10.400*** (0.000)	-12.781*** (0.000)
EXPORTPIB	0.179*** (0.000)	0.095*** (0.000)	0.070** (0.016)			
XRNPIB				-0.009 (0.858)	0.197*** (0.000)	0.175*** (0.000)
EDUCPIB		0.026 (0.832)	0.538* (0.014)		0.084 (0.462)	0.420** (0.035)
GOVPIB		-0.069 (0.263)	-0.104 (0.165)		-0.069 (0.270)	-0.092 (0.176)
FBKFPIB			0.113** (0.001)			0.072** (0.026)
INF			-0.045** (0.032)			-0.040** (0.042)
N.grupos	51	48	47	52	49	48
N.observações	248	178	165	255	183	170
Teste de Hausman	47.36	49.04	64.00	35.81	23.67	41.52
Prob. Hausman	0.0000	0.0000	0.0000	0.0000	0.0001	0.0000

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados do Stata 14

Nota: Os modelos estimados contêm uma constante

*, **e *** são níveis de significâncias estatística 10%, 5% e 1%

Prob. entre parêntesis

Os coeficientes para as exportações de recursos naturais (XRNPIB) também são positivos e significantes, com exceção do modelo 4, cujo coeficiente foi negativo e não significativo estatisticamente. Esta evidência se distancia do argumento de que a abundância de recursos naturais pode impactar negativamente no crescimento econômico no caso dos países africanos.

Os resultados da Tabela 1 revelam que os coeficientes do PIB inicial são negativos e estatisticamente significantes em todos os modelos estimados. Assim, pode-se argumentar que existe evidência de convergência de renda entre os países africanos quando utilizadas as variáveis exportações totais e recursos naturais, ou seja, países mais pobres têm crescido relativamente mais do que os países mais ricos do continente.

As variáveis de controle se comportaram de maneira distinta, entretanto, de acordo com os resultados obtidos, tais variáveis são relevantes para determinação da taxa de crescimento econômico. As estimações para gastos em educação (EDUCPIB) foram positivas, sendo estatisticamente significante nos modelos 3 e 6. Assim, pode-se alegar que os gastos com educação contribuem para o crescimento econômico na África. Os coeficientes para a variável formação bruta de capital fixo (FBKFPB) também foram positivos e significantes, enquanto os coeficientes estimados da variável taxa de inflação (INF) se revelaram negativos e significantes nos modelos estimados, indicando que elevadas taxas de investimento e o controle inflacionário são relevantes para se estimular o crescimento dos países africanos. A variável gasto público (GOVPIB), apesar de apresentar o coeficiente negativo esperado, não se mostrou estatisticamente significante nos modelos estimados.

A Tabela 2 apresenta as estimações dos modelos de crescimento a partir das exportações de petróleo e produtos agrícolas.

Tabela 2: Modelo de crescimento com exportações de petróleo/minerais e de produtos agrícolas - Efeito Fixo (EF) ou Aleatório (EA), países da África

	EF	EF	EF	EA	EF	EA
Modelos	1	2	3	4	5	6
PIBINICIAL	-3.738 (0.138)	-4.590 (0.130)	-7.246** (0.025)	-2.327 (0.382)	0.022 (0.974)	-0.778 (0.279)
XPETPIB	0.181*** (0.000)	0.180*** (0.004)	0.159** (0.012)			
XPAPIB				-0.084 (0.368)	-0.015 (0.770)	-0.028 (0.603)
EDUCPIB		0.031 (0.778)	0.266 (0.224)		0.027 (0.756)	0.133 (0.382)
GOVPIB		-0.194*** (0.006)	-0.187** (0.010)		-0.058 (0.186)	-0.066 (0.226)
FBKFPB			0.097** (0.015)			0.104** (0.001)
INF			-0.021 (0.264)			-0.005 (0.697)
N.grupos	48	44	42	48	43	41
N.observações	201	155	147	199	153	145
Teste de Hausman	13.95	16.67	12.57	1.04	10.69	6.77
Prob. Hausman	0.0009	0.0022	0.0505	0.5947	0.0303	0.3425

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados do Stata 14

Nota: Os modelos estimados contêm uma constante

*, **e *** são níveis de significância estatística 10%, 5% e 1%

Prob. entre parêntesis

Os resultados mostram que os coeficientes da variável exportação de petróleo e minerais (XPETPIB) são positivos e estatisticamente significantes em todos os modelos, indicando que um aumento das exportações de petróleo/minerais estimula a taxa do crescimento dos países africanos. Este resultado reforça as evidências encontradas a partir da análise descritiva realizada no segundo capítulo desta dissertação, segundo as quais os países africanos exportadores de petróleo desfrutaram de maior taxa média de crescimento econômico durante o período analisado.

As estimações da variável exportação de produtos agrícolas (XPAPIB) tiveram coeficientes negativos, embora estatisticamente não significativos, em todos os modelos. Neste contexto, pode-se deduzir que as exportações agrícolas têm impacto diferente de se exportar petróleo, ou seja, tais produtos não têm os efeitos desejáveis para o crescimento das economias africanas, com base nos modelos de efeito fixo e aleatório.

Os resultados expostos na Tabela 2 ainda mostram que, com a inclusão das variáveis XPETPIB e XPAPIB nos modelos estimados, as variáveis de controle se comportaram de maneira diferente dos resultados descritos na Tabela 1, com destaque para variável gastos públicos (GOVPIB), que tiveram coeficientes estimados negativos e significantes nos modelos 2 e 3, indicando que a falta de disciplina fiscal contribui para a obtenção de menores taxas de crescimento do PIB real *per capita* africano. As variáveis EDUCPIB e INF perderam significância estatística. O PIB inicial continuou com coeficientes negativos, porém obteve significância estatística apenas no modelo 3. A variável FBKFPPIB continuou positiva e estatisticamente significativa no modelo de crescimento dos países africanos, ressaltando a importância dos investimentos para o crescimento do produto.

Os resultados apresentados nas Tabelas 3 e 4 resumizam as evidências obtidas para as estimações por painel dinâmico dos modelos de crescimento do PIB real *per capita* dos países africanos. Os modelos foram estimados inicialmente pelo método GMM *System* sem restringir os instrumentos. Porém, devido ao elevado número de instrumentos em relação ao número de

observações, foram realizadas estimações dos modelos utilizando ferramentas adicionais para reduzir o número de instrumentos.¹⁰

As evidências dos modelos dinâmicos de dados em painel indicam que as exportações totais (EXPORTPIB) possuem uma relação positiva e estatisticamente significativa com a taxa de crescimento do produto *per capita* dos países africanos, corroborando assim as evidências encontradas por meio da análise descritiva, independentemente do modelo especificado. Isso indica que um aumento das exportações contribui para a taxa de crescimento das economias, ainda que os efeitos sejam de baixa magnitude. Deste modo, para economias em desenvolvimento ou com baixo grau de desenvolvimento, como no caso dos países africanos, o esforço exportador pode ser de grande importância.

Tabela 3: Modelo de Crescimento com exportações totais e exportações de recursos naturais - Estimação GMM System, países da África

Restrições ao Número de Instrumentos	Sem Restrição	Laglimits	Laglimits	Sem Restrição	Sem Restrição	Laglimits
Modelos	1	2	3	4	5	6
Crescimento $t-1$	0.186 (0.205)	0.295** (0.033)	0.262 (0.176)	0.289** (0.035)	0.451*** (0.000)	0.516*** (0.000)
PIBINICIAL	-10.877 (0.118)	-7.511 (0.180)	-6.519 (0.127)	-9.174 (0.276)	-2.218 (0.425)	-3.057 (0.452)
EXPORTPIB	0.149* (0.057)	0.120* (0.053)	0.156** (0.016)			
XRNPBIB				0.100 (0.102)	0.108** (0.003)	0.102 (0.255)
EDUCPIB		0.017 (0.969)	-0.002 (0.994)		0.203 (0.410)	-0.045 (0.937)
GOVPIB		-0.203 (0.047)	-0.254 (0.153)		-0.200*** (0.000)	0.017 (0.913)
FBKFPIB			0.185 (0.217)			0.099 (0.168)
INF			-0.002 (0.379)			0.004 (0.873)
AR (2)	0.698	0.186	0.609	0.460	0.171	0.187
Hansen	0.185	0.130	0.363	0.207	0.655	0.422
Hansen-Diff	0.690	0.166	0.420	0.190	0.568	0.568
Número dos Países	51	47	46	52	48	47
Número Instrumentos	35	35	47	35	53	47

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados do Stata 14

Nota: Foram utilizados dummies temporais e dummy renda

*, **e *** são níveis de significâncias estatística 10%, 5% e 1%

Prob. entre parêntesis

Os modelos estimados controlam o excesso de instrumentos – Comando Laglimits – Stata 14

Os coeficientes obtidos para as exportações de recursos naturais (XRNPBIB) são positivos e estatisticamente significantes apenas para o modelo 5. Além disso, os coeficientes

¹⁰ O processo de redução de instrumentos foi feito a partir de utilização de laglimits e collapse nas estimações.

também apresentaram valores baixos, sugerindo que tal variável apresenta baixa relevância para o crescimento econômico africano.

É possível ainda inferir que outra variável que exerce a influência sobre a taxa de crescimento é o PIB *per capita* passado, sendo que os coeficientes obtidos foram positivos em todos os modelos e estatisticamente significativos em quatro dos modelos estimados. Esse resultado mostra que os países africanos com maiores taxas de crescimento do PIB real *per capita* em períodos anteriores tendem a continuar aumentando a sua renda *per capita* no tempo.

Os resultados revelam que os coeficientes da variável PIB inicial são negativos, porém os resultados não foram estatisticamente significantes nos modelos estimados por painel dinâmico, assim, as evidências de convergência de renda entre os países africanos nos modelos dinâmicos não são robustas. Os coeficientes da variável EDUCPIB possuem sinais alternantes, porém não tiveram significância estatística em nenhum modelo estimado, comportando de maneira diferente em comparação com as estimações por efeitos fixos ou aleatórios. Os coeficientes obtidos para GOVPIB foram na maior parte negativos, mas com significância estatística apenas no modelo 5. De certa forma, nos modelos GMM *System*, o controle dos gastos públicos se mostra relevante para o crescimento dos países, assim como apontou as evidências encontradas nas estimações por efeitos fixo ou aleatório. Os coeficientes estimados para as variáveis FBKFPB e INF não se revelaram estatisticamente significativos.

Cabe ressaltar que as evidências também apontam que, em todos os modelos estimados, não existe problema de autocorrelação de segunda ordem, e o problema de excesso de instrumentos foram corrigidos com a estimação GMM *system laglimits* em alguns casos.¹¹

A Tabela 4 mostra que os coeficientes estimados para variável exportação de petróleo e minerais (XPETPIB) são positivos nos modelos 2 e 3, porém é estatisticamente significativa apenas neste último. Os coeficientes obtidos para as exportações agrícolas (XPAPIB) permanecem negativos e não significativos em todos modelos estimados a partir de GMM *System*. Sendo assim, as evidências empíricas são pouco robustas para corroborar que as exportações de petróleo e de produtos agrícolas são relevantes para o crescimento do PIB *per capita* dos países africanos nos modelos estimados por painel dinâmico.

Verifica-se ainda que o coeficiente da taxa de crescimento do PIB real *per capita* defasado foi positivo e significativo em todos os modelos estimados (exceto para o modelo 3),

¹¹ Ver os valores de AR(2) e Hansen e Hansen-Diff na Tabela 3.

permitindo novamente afirmar que o desempenho do PIB real *per capita* passado parece ter grande influência na taxa de crescimento da economia dos países africanos ao longo do tempo.

Tabela 4: Modelo Crescimento com Exportações de Petróleo/Minerais e Produtos Agrícolas - Estimação GMM System, Países da África

Restrições ao Número de Instrumentos	Sem Restrições	Laglimits	Collapse	Sem Restrições	Laglimits	Collapse
Modelos	1	2	3	4	5	6
Crescimento $t-1$	0.422*** (0.000)	0.278 * (0.055)	0.270 (0.226)	0.480** (0.003)	0.394** (0.018)	0.358* (0.095)
PIBINICIAL	-0.355 (0.911)	4.798** (0.035)	8.156* (0.072)	-0.187 (0.963)	3.527** (0.041)	4.132 (0.559)
XPETPIB	-0.011 (0.719)	0.056 (0.122)	0.081* (0.070)			
XPAPIB				-0.029 (0.766)	-0.109 (0.484)	-0.369 (0.156)
EDUCPIB		0.056 (0.122)	0.081* (0.070)		-0.058 (0.893)	0.338 (0.458)
GOVPIB		0.410 (0.269)	0.726 (0.137)		-0.075 (0.148)	-0.192 (0.423)
FBKFPIB			0.091 (0.153)			0.053 (0.328)
INF			-0.025 (0.510)			0.006 (0.874)
AR (2)	0.969	0.615	0.609	0.926	0.454	0.587
Hansen	0.184	0.266	0.280	0.243	0.291	0.279
Hansen-Diff	0.332	0.171	0.420	0.655	0.434	0.176
Número dos Países	47	43	41	47	42	40
Núm de Instrumentos	35	35	33	35	35	33

Fonte: Elaboração própria a partir dos resultados do Stata 14

Nota: Foram utilizados dummies temporais e dummy renda

*, **e *** são níveis de significâncias estatística 10%, 5% e 1%

Prob. entre parêntesis

Os modelos estimados controlam o excesso de instrumentos – Comando Laglimits – Stata 14

Os coeficientes do PIB inicial são positivos e significantes em três dos modelos (2, 3 e 5). Neste caso, não há evidência de convergência de renda entre os países africanos nas estimações por GMM System utilizando as variáveis exportação de petróleo/minerais e de produtos agrícolas. Os coeficientes estimados para EDUCPIB foram positivos nos modelos 2 e 3, sendo estatisticamente significantes apenas neste último. As variáveis GOVPIB, FBKFPIB e INFL não tiveram relevância estatística em nenhum dos modelos especificados. Apenas a variável FBKFPIB manteve o sinal positivo em todas as estimações, sendo que as outras duas variáveis oscilaram os sinais obtidos. Portanto, os resultados da estimação por painel dinâmico não permitem confirmar que a taxa de investimento, a taxa de inflação e o controle fiscal sejam relevantes para explicar a taxa de crescimento do PIB real *per capita*

africano, quando se toma as exportações de petróleo/minerais ou de produtos agrícolas como principais variáveis explicativas.

Novamente, cabe ressaltar que, para todos modelos estimados, não existem problemas de autocorrelação de segunda ordem. Os possíveis problemas de instrumentos foram resolvidos com a estimação por GMM *System laglimits e collapse*, sugerindo que os instrumentos utilizados são válidos.

3.4 Conclusão

Neste capítulo, realizou-se uma análise empírica acerca da relação entre o perfil das exportações e o crescimento das economias africanas. O objetivo foi analisar se as exportações totais e, principalmente, de petróleo/minerais e de produtos agrícolas contribuem para explicar a taxa de crescimento do produto africano. Para isso, a metodologia utilizada foi baseada nas estimações de painel estático (Efeito Fixo e Efeito Aleatório) e também dinâmico (GMM *System*) como forma de obter estimativas consistentes e assintoticamente eficientes dos parâmetros.

Os resultados obtidos apontam que existe uma relação positiva entre as exportações e o crescimento econômico, ou seja, as taxas de crescimento das economias africanas podem ser estimuladas pela expansão da participação das exportações no PIB. Os coeficientes estimados são positivos e estatisticamente significativos tanto na estimação pelo efeito fixo, como pela estimação por GMM *System*. Os resultados corroboram com o resultado da maioria dos trabalhos revisados no primeiro capítulo dessa dissertação, revelando que as exportações são importante determinante da renda nos países africanos.

Levando em conta a grande dependência das exportações africanas em relação aos recursos naturais (especialmente do petróleo), procurou-se verificar se o perfil exportador é relevante para explicar o desempenho econômico do continente. Assim, foi tomada como variável explicativa as exportações baseadas em recursos naturais em proporção do PIB e os resultados obtidos a partir da estimação por efeito fixo apontam relação positiva entre tais variáveis. Os resultados por GMM *System* também revelam relação positiva, mas não significativa em dois de três modelos estimados. Isso sugere que ser um país com grande quantidade de recursos naturais não necessariamente impacta negativamente a taxa de crescimento do produto, ao contrário do que supõe a hipótese da Maldição dos Recursos Naturais.

A estimação dos modelos de crescimento por efeitos fixo ou aleatório indica uma relação direta e estatisticamente significativa entre exportação de petróleo/minerais e a taxa de crescimento dos países africanos. Todavia, pelas estimações via *GMM System*, os resultados obtidos foram pouco robustos. Por outro lado, a relação entre exportação de produtos agrícolas e a taxa de crescimento das economias foi negativa e estatisticamente não significativa. Este resultado sugere que o perfil das exportações no caso das economias africanas é importante na determinação da renda, sendo que os produtos agrícolas não apresentam contribuição para o crescimento econômico do continente, enquanto a influência do petróleo/minerais é favorável. O presente resultado vai ao encontro dos resultados observados a partir da análise descritiva realizada no segundo capítulo dessa dissertação, isto é, os países africanos exportadores de petróleo/minerais tiveram uma taxa de crescimento maior do que os não exportadores desses bens.

Em linhas gerais, a partir dos resultados das estimações por efeito fixo ou aleatório, percebe-se que as variáveis de controle utilizadas se comportaram de maneira distinta de acordo com a variável explicativa utilizada. Por exemplo, a variável PIB inicial foi negativa e estatisticamente significativa nos modelos estáticos, sugerindo alguma convergência da renda entre os países africanos. Para a mesma variável, todavia, a estimação por *GMM System* nos modelos com petróleo/minerais foi positiva, indicando não convergência de renda.

Em determinados modelos, as variáveis gastos com educação, gastos do governo e taxa de inflação foram relevantes para explicar a taxa de crescimento do PIB real *per capita* africano, sugerindo que o maior investimento em capital humano, a disciplina fiscal ou a melhor qualidade do gasto público, e a disciplina macroeconômica em termos de controle inflacionário configuram condições importantes para o desempenho econômico dos países africanos. As estimações ainda revelaram que a formação bruta de capital fixa possui relação positiva e significativa com a taxa de crescimento econômico nos modelos por efeitos fixo ou aleatório, no entanto, os resultados perderam significância estatística nas estimações por *GMM system*. Por último, observa-se que a taxa de crescimento passada é importante determinante da renda.

Os resultados dos modelos estimados apontam a importância das exportações totais e de recursos naturais para a determinação da taxa de crescimento do produto das economias. Os bens exportados são relevantes para se entender a dinâmica das economias, sendo que há evidências de que exportar petróleo contribui mais do que exportar produtos agrícolas para o desempenho dos países. Sendo assim, os resultados obtidos para o caso das economias

africanas parecem não corroborar com os argumentos da literatura denominada Maldição dos Recursos Naturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de dissertação pretendeu avaliar a relação entre o perfil de exportação e a taxa de crescimento do produto das economias africanas, bem como buscou verificar se o desempenho dessas economias está relacionado com a estrutura produtiva e exportadora dos países muito dependente dos recursos naturais. Para isso, realizou uma investigação empírica, com ênfase na análise do perfil das exportações africanas, a partir da avaliação de dados macroeconômicos e de comércio internacional referentes ao período 1990 a 2014 das economias africanas.

Deste modo, para atingir o objetivo do estudo, a dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo foi visto que a literatura, em linhas gerais, aponta que as exportações têm uma relação positiva com o crescimento econômico. Entretanto, percebe-se que esta relação depende do padrão produtivo, por isso, foi necessário incorporar a abordagem sobre abundância de recursos naturais para o crescimento econômico, pois o padrão produtivo e exportador das economias africanas é fortemente ligado aos produtos primários. A abordagem sobre abundância dos recursos naturais e crescimento econômico teve como precursores os trabalhos de Sachs e Warner (1995, 1997, 2001), sendo que, para os autores, países dotados de recursos naturais estão propensos a desfrutar de crescimento baixo, e esta situação foi conceituada na literatura como a “Maldição dos Recursos Naturais”. Em contraponto a esta argumentação, alguns trabalhos mostraram que ter recursos naturais não é “maldição”, e têm como exemplo nações que conseguiram se desenvolver a partir de uma matriz produtiva baseada em recursos naturais. Os autores que trataram sobre o caso da África mostraram que as exportações possuem relação positiva com a taxa de crescimento, porém o perfil exportador das economias não fornece bases para desfrutar de um crescimento sustentado, ou seja, o crescimento da economia depende do perfil exportador africano.

No segundo capítulo foi realizada uma análise descritiva de indicadores econômicos e de comércio internacional dos países africanos ao longo dos anos 1990 a 2014. De modo geral, os resultados convergem com a literatura para economia africana revisada neste trabalho, pois a análise evidencia relação positiva entre o aumento das exportações e a taxa de crescimento, porém o perfil das exportações foi fundamental para o desempenho. Isso se argumenta pelo fato de que os países que apresentaram crescimento mais elevado no período foram os que tiveram elevada participação de recursos naturais (especialmente petróleo) na pauta exportadora. Este resultado preliminar nega as evidências apontadas pela teoria da

Maldição dos Recursos Naturais no caso das economias africanas. Também foi possível perceber, com base nos dados utilizados nesta dissertação, que as economias africanas vêm apresentado melhorias econômicas, com políticas macroeconômicas e monetárias mais eficazes, possibilitando o controle da inflação e a obtenção de taxas de crescimento em torno de 5%. Além disso, os países africanos conseguiram se inserir no comércio global, mas apresentam perfil exportador não diversificado, com alta participação de produtos primários, enquanto as importações são constituídas por produtos manufaturados, de maior valor agregado. Quanto ao destino das exportações, percebe-se que as economias africanas mantêm como principais parceiros comerciais as grandes potências econômicas, isto é, as exportações dependem da União Europeia, EUA e China, mas vale ressaltar a existência de comércio entre os países africanos.

Por fim, o capítulo 3 foi dedicado à análise empírica, com base em dados de 52 países da África para os anos de 1990 a 2014, através de método de dados em painel. Os resultados encontrados assinalam que as exportações totais são importantes para estimular o crescimento econômico africano, comprovando as evidências apontadas pelo arcabouço teórico desse trabalho e também os resultados indicados a partir da análise descritiva do capítulo 2. As exportações intensivas em recursos naturais tiveram efeito positivo sobre o crescimento das economias, especialmente quando se considera as exportações de petróleo/minerais. Para os produtos agrícolas, os resultados foram negativos e não significativos, sugerindo que tais bens não têm sido importantes para explicar o crescimento africano. Assim, conforme os resultados da análise descritiva dos dados no capítulo 2, o perfil exportador é relevante para explicar a taxa de crescimento da renda nos países africanos.

Os resultados apontados acima não confirmam, portanto, o argumento da literatura da Maldição dos Recursos Naturais, pois, no período analisado, os países que apresentaram taxas de crescimento mais elevadas foram os que exportaram mais e que tiveram alta participação de petróleo/minerais nas exportações totais. Porém, vale destacar que por serem produtos não renováveis, o esgotamento dos recursos naturais impactará negativamente o crescimento econômico nesses países. Outro fato é a questão da sustentabilidade das explorações dos recursos naturais, que vem estabelecendo uma nova ordem econômica.

Nesse contexto, uma forma dos países africanos ricos em recursos naturais dinamizarem suas economias consiste em aproveitar o momento de alta dos preços e de demanda daqueles bens para aumentar o investimento em setores vitais para crescimento econômico, tais como infraestrutura, tecnologia e educação (capital humano). Outra forma seria utilizar a receita dos recursos naturais para diversificar a economia, com estímulo aos

setores produtivos mais dinâmicos, tornando as exportações menos vulneráveis às variações dos preços, além de aumentar a elasticidade-renda dos produtos, reduzindo a dependência de condições favoráveis aos setores exportadores de *commodities* primárias.

REFERÊNCIAS

ABOUT-STAIT, F. **Are Export the Engine of Economic Growth? An Application of Cointegration and Causality Analysis for Egipt, 1977-2003.** African Development Bank, Economic Research Working Paper No 76. 2005. Disponível em: <<http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/00363566-EN-ERWP-76.PDF>>. Acesso em Set. 2014.

ADENUGBA, A. A.; DIPO, S. O. Non-Oil Exports in the Economic Growth of Nigeria: A Study of Agricultural and Mineral Resources. **Journal of Educational and Social Research**, v.3 (2), p. 403-418. 2013.

AFRICAN BANK. **Africa's Natural Resources: The Paradox of Plenty.** 2007. Disponível em:<<http://www.afdb.org/fileadmin/uploads/afdb/Documents/Publications/%28E%29%20AfricanBank%202007%20Ch4.pdf>>. Acesso em Nov. 2014.

AFRICAN ECONOMIC OUTLOOK. **Statistics Economic and Social.** Disponível em: <<http://www.africaneconomicoutlook.org/po/estatisticas>>. Acesso em Jan. 2015.

AJMI, A. N.; AYE, G. C.; BALCILAR, M.; GUPTA, R. **Causality Between Exports and Economic Growth in South Africa: Evidence from Linear and Nonlinear Tests.** Working Paper Series, n. 39. University of Pretoria. 2013. Disponível em:<https://web.up.ac.za/sitefiles/file/40/677/WP_2013_39.pdf>. Acesso em Set. 2014.

AKPAN, E. S.; RIMAN, H. B.; DUKE, J; MBOTO, H. W. Industrial Production and Non-oil Export: Assessing the long run implication on economic growth in Nigeria. **International Journal of Economics and Finance**, v. 4, n. 2, p. 252-259, 2012.

AMAVILAH, V. H. **Export and Economic Growth in Namibia, 1968-1992.** Economic Working Paper Series. Econ WPA, 2003, Disponível em: <econwpa.repec.org/eps/dev/papers/0307/0307004.pdf>. Acesso em Ago. 2015.

ARELLANO, M.; BOND, S. Some Test of Specification Panel Data: Monte Carl Evidence and an Application to Employment Equations. **Review of Economic Studies**, v. 58, n. 2, p. 277-297, 1991.

ARELLANO, M.; BOVER, O. Another Look at the Instrumental-Variable Estimation of Error-Components Models. **Journal of Economics**, v. 68, n. 1, p. 29-51, 1995.

BANCO AFRICANO DE DESENVOLVIMENTO. **As perspectivas Econômicas em África: Transformação Estrutural e Recursos Naturais**. 2013. Disponível em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/fileadmin/uploads/aeo/2014/PDF/Regional_Editions/Edition_Lusophone_web.pdf>. Acesso em Dez. 2014.

BAUM, C. F. **An Introduction to Modern Econometrics Using Stata**. Stata Press, 2007.

BLUNDELL, R.; BOND, S. Initial conditions and moment restrictions in dynamic panel data models. **Journal of Econometrics**, v. 87, n. 1, p.115-143, 1998.

BRAZILIAN, M. ; ONYEJI, I. ; AQRAWI, P. ; SOVACOOOL, B. K. ; OFORI, E. ; KAMMEN, D. M. ; GRAAF, T. V. Oil, Energy Proverty and Resource Dependence in West Africa. **Journal of Energy & Natural Resources Law**, v. 31, n.1. 2013.

CELINA C, U.; ENYIM, O. B. Exports and Nigerian's Economic Growth: A Co-Integration Analysis. **Asian Economic and Financial Review**, v. 2, n. 2, pp. 429-444.2012.

CUARESMA, J. C.; WÖRZ, J. On Export Composition and Growth. **Review of World Economics**, v. 141, n. 1, p. 33-49. 2005.

DAYA, Y.; STEENKAMP, E. **South African Agricultural Exports: Trends, Composition, Direction and Potential**. Trade Research Desk. 2002. Disponível em: <<http://www.daff.gov.za/researchP/SAagricExp.pdf>>. Acesso em Out. 2014.

FOSU, A. K. Export Composition and the Impact of Exports on Economic Growth of Developing economies. **Economics Letters**, v. 34, n.1, p. 67-71. 1990a.

FOSU, A. K. Exports and Economic Growth: The African case. **World Development**, v. 18, n. 6, p. 831 – 835. 1990b.

FRANKEL, J. A. **The Natural Resource Curse: A Survey**. Working Paper Series, n. 15836. 2010. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w15836>>. Acesso em Nov. 2014.

HERZER, D.; NOWAK-LEHMANN D. F. **Export Diversification, Externalities and Growth**. Discussion paper, n. 99, Ibero America Institute for Economic Research, Gottinger, Germany, 2004. Disponível em: < <http://www.econstor.eu/handle/10419/23861>>. Acesso em Jul. 2015.

HESSE, H. **Export Diversification and Economic Growth**. Commission on Growth and Development, Working Paper, n. 21. 2008.

HUSSAIN, M. N. The Balance of Payment Constraint and Growth Rate Differences among African and East Asian Economies, **African Development Review**, n.11, p.103-137. 1999.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. **World Economic and Financial Surveys**: World Economic Outlook Database. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2015/01/weodata/index.aspx>>. Acesso em Jul. 2015.

IYOHA, M. A. **Enhancing Africa's Trade: From Marginalization to an Export-led Approach to Development**. Economic Research Working Paper Series, n. 77. 2005. Disponível em: <http://www.afdb.org>. Acesso em Jul. 2015.

JORDAAN, A. C.; EITA, J. H. Testing the Export-led Growth Hypothesis for Botswana: A Causality Analysis. **African Journal Online**, v. 6, n. 10. Disponível em: <<http://www.ajol.info/index.php/boje/article/view/60205>>. Acesso em Jul. 2015.

KALDOR, N. **Causes of the slow rate of economic growth of the United Kingdom**. Cambridge University Press. 1966.

KALDOR, N. **Productivity and Growth in Manufacturing Industry: a reply**. *Economia*, Novembro, 1968.

MEYERSSON, E.; MIQUEL, G. P.; QIAN, N. **The Rise of China and the Natural Resource Curse in Africa**. 2008. Disponível em: <http://personal.lse.ac.uk/padro/older-working-papers/meyersonpadroqian_20080407_all.pdf>. Acesso em Out. 2014.

MUTENYO, J. **Driving Africa's Growth through Expanding Exports**. Foresight Africa. 2011. Disponível em: <<http://www.brookings.edu/~media/research/files/reports/2011/1/africa>>. Acesso em Out. 2014.

OBSERVATORY OF ECONOMIC COMPLEXITY. **World trade data**. Disponível em: <<http://atlas.media.mit.edu/pt/profile/country>>. Acesso em Set. 2015.

OECD. ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA PARA COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO. **African Economies: Basic Indicators**. Disponível em: <<http://www.oecd.org/statistics/>>. Acesso em Out. 2014.

OLADIPO, O. S. Export Instability and Economic Growth in Nigeria: A Time Series Analysis. **International Journal of Economics and Business Research**, v. 7, n. 4, p.476-501, 2014.

PERSPECTIVAS ECONÔMICAS EM ÁFRICA. **As Cadeias de Valor Globais e a Industrialização de África**. 2014. Disponível em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/po/>. Acesso em Out. 2015.

PERSPECTIVAS ECONOMICAS EM ÁFRICA. **Desenvolvimento Territorial e Inclusão Espacial**. 2015. Disponível em: <http://www.africaneconomicoutlook.org/po/outlook/forecast/>. Acesso em Out. 2015.

RODRIK, D. **What's So Special about China's Exports?** NBER Working Paper Series, n. 11947, January, 2006.

ROODMAN, D. A Note on the Theme of Too Many Instruments. **Oxford Bulletin of Economics and Statistics**, v. 71, n. 1, p. 135-158, 2009b.

ROODMAN, D. How to do xtabond2: An Introduction to Difference and System GMM in Stata. **Stata Journal**, v. 9, n. 1, p. 86-136, 2009a.

SACHS, J. D.; WARNER, A. M. **Natural Resource Abundance and Economic Growth**. Working Paper Series, n. 5398, 1995. Disponível em: <<http://www.nber.org/papers/w5398>>. Acesso em Nov. 2014.

SACHS, J. D.; WARNER, A. M. **Natural Resource Abundance and Economic Growth**. November, Harvard University, Cambridge, MA. 1997.

SACHS, J. D.; WARNER, A. M. Natural Resource and Economic Development the Course of Natural Resource. **European economic Review**, 45(2001), p 827-838. 2001.

SANJUÁN-LOPEZ, A. I.; DAWSON, P. J. Agricultural Exports and Economic Growth in Developing Countries: A Panel Co-Integration Approach. **Journal of Agricultural Economics**, v.61, n. 3, P. 565-583, 2010.

SANNASSE, R. V.; SEETANAH, B.; LAMPORT, M. J. **Export Diversification and Economic Growth: The Case of Maurities**. Connecting to Global Markets, WTO, 2014. Disponível em: <www.wto.org/english/res_e/booksp_e/cmark_chap1_e.pdf>. Acesso em Jul. 2015.

SAVVIDES, A. Economic Growth in Africa. **World Development**, v. 23, n. 3, p. 449-458, 1995.

STIJNS, J. P. C. Natural Resource Abundance and Economic Growth Revisited. **Resources Policy**, v. 30, p. 107-130, 2000.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT. **Data Center: international trade in goods and service, economic trends**. Disponível em: <<http://unctadstat.unctad.org/wds/ReportFolders/reportFolders.aspx>>. Acesso em Jul. 2015.

VAN DER PLOEG, F. Natural Resource: Curse or Blessing? Resource and Environment Economics, **Journal of Economic Literature**, v. 49, n.2 p. 366-420. 2011. Disponível em: <<http://www.econstor.eu/bitstream/10419/38934/1/631864989.pdf>>. Acesso em Dez. 2014.

VIEIRA, F. V.; AVELLAR, A. P. M.; VERÍSSIMO, M. P. Industria e Crescimento: Uma Análise para os Estados Brasileiros. **Revista de Economia Política** (Impresso), v.34, p. 485-502, 2013.

WAMBOYE, E.; MOOKERJEE, R. Financial Development and Manufactured Exports: The African Experience. **Munich Personal RePEc Archive Paper**, n. 46472, April de 2013. Disponível em: <<http://mpa.ub.uni-muenchen.de/46474/>>; Acesso em Set. 2014.

WOOLDRIDGE, J. M. **Econometric Analysis of Cross Section and Panel Data**. MIT Press: Cambridge, 2002, 752 p.

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à Econometria**: Uma abordagem Moderna. 4ª. Ed., Editora Thomson, 2011.

WORLD BANK. **Indicators**. Disponível em:<<http://data.worldbank.org>>. Acesso em Jan. 2015.

WTO. WORLD TRADE ORGANIZATION. **Time Series on international trade in merchandise and commercial services**. Disponível em: <<http://stat.wto.org/StatisticalProgram/WSDBStatProgramSeries.aspx?Language=E>>. Acesso em Set. 2015.

ANEXO A – INDICADORES MACROECONOMICOS DOS PAÍSES AFRICANOS

Tabela A1: PIB real (US\$ milhões), média, 1990-2014

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	101,94	128,17	172,68	249,18	310,86	192,57
Argélia	179,28	215,78	288,89	401,09	499,25	316,86
Egito	237,42	325,47	453,82	659,85	878,59	511,03
Líbia	85,64	84,92	101,06	155,96	123,51	110,22
Mauritânia	4,05	5,23	6,48	10,23	13,50	7,90
Marrocos	71,29	90,60	120,78	174,31	234,58	138,31
Tunísia	33,96	47,01	65,08	93,62	115,70	71,07
África Ocidental	18,37	24,95	33,72	54,53	82,04	42,72
Benin	5,04	6,95	9,68	13,22	17,40	10,46
Burkina Faso	5,55	8,05	11,64	17,67	25,67	13,72
Cabo Verde	0,66	1,02	1,61	2,51	3,12	1,78
Costa do Marfim	24,82	35,07	40,12	47,93	60,48	41,68
Gâmbia	1,01	1,24	1,69	2,22	2,88	1,81
Gana	20,34	27,84	38,43	57,62	92,84	47,41
Guiné	4,98	6,77	8,83	11,41	14,01	9,20
Guiné-Bissau	1,03	1,26	1,42	1,83	2,37	1,58
Libéria	...	...	1,75	2,15	3,26	2,39
Mali	7,04	9,46	12,96	18,91	24,79	14,63
Níger	4,86	5,62	7,41	10,79	15,39	8,82
Nigéria	166,36	226,95	344,27	594,91	918,78	450,25
Senegal	9,83	12,51	16,90	23,81	30,64	18,74
Serra Leoa	1,93	1,76	3,79	6,29	10,00	4,75
Togo	3,72	4,76	5,27	6,69	8,90	5,87
África Oriental	12,00	15,97	24,67	37,76	54,21	28,92
Burundi	3,67	3,39	4,05	5,55	7,47	4,83
Comores	0,51	0,60	0,73	0,91	1,09	0,77
Djibouti	1,17	1,14	1,34	1,84	2,52	1,60
Eriteia	2,79	4,55	5,25	5,85	7,13	5,12
Etiópia	19,42	26,83	37,20	65,73	117,44	53,32
Quênia	39,46	48,71	59,26	83,06	116,37	69,37
Rwanda	3,68	3,83	6,18	10,42	16,17	8,05
Seychelles	0,72	0,99	1,19	1,56	2,13	1,32
Sudão	16,77	34,38	81,66	122,16	149,64	80,92
Tanzânia	26,34	33,57	47,73	73,77	109,37	58,16
Uganda	11,31	17,74	26,84	44,47	66,96	33,46
África Central	11,19	12,64	16,45	23,80	31,22	19,06
Camarões	20,42	25,37	34,43	45,72	59,38	37,06
Rep. Centro Africana	1,96	2,44	2,75	3,38	3,57	2,82
Chade	5,15	6,46	9,84	17,70	25,53	12,94
Rep. Dem do Congo	27,26	23,07	22,01	32,40	48,01	30,55
Rep. do Congo	8,72	10,05	12,78	17,84	25,03	14,89
Guiné Equatorial	0,26	1,63	12,24	24,95	28,14	13,45
Gabão	13,14	16,97	18,47	21,93	28,90	19,88
Madagáscar	12,61	15,17	19,06	26,43	31,23	20,90
Sul da África	29,14	35,83	45,03	65,64	85,09	52,15
Angola	25,05	31,49	45,83	103,18	155,03	72,12
Botswana	8,67	11,84	15,84	22,80	30,98	18,02
Lesoto	1,57	2,08	2,65	3,60	5,00	2,98
Malawi	4,95	6,76	8,15	11,86	17,33	9,81
Maurícia	6,02	8,46	11,72	16,13	21,31	12,73
Moçambique	4,11	6,42	10,39	17,28	26,39	12,92
Namíbia	6,46	8,44	11,18	15,62	20,72	12,48
São Tomé e Príncipe	0,19	0,22	0,28	0,41	0,56	0,33
África do Sul	246,32	303,51	385,30	538,11	657,42	426,13
Suazilândia	3,49	4,50	5,70	7,92	9,72	6,26
Zâmbia	13,75	15,19	20,58	33,19	52,90	27,12
Zimbábwe	...	25,47	22,80	17,55	23,68	22,38
África	34,53	43,51	58,51	86,18	112,68	67,08

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de FMI, 2015

Tabela A2: PIB real per capita (US\$), média, 1990-2014

Países/ Regiões	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
África de Norte	6538	6784	7999	10963	11031	8663
Argélia	6827	7426	9177	11791	13293	9703
Egito	4431	5463	6811	8923	10631	7252
Líbia	19197	17253	18892	26946	20423	20542
Mauritânia	1919	2154	2310	3330	3901	2723
Marrocos	2849	3313	4135	5644	7207	4630
Tunísia	4004	5096	6671	9140	10731	7128
África Ocidental	1088	1267	1464	1873	2292	1597
Benin	934	1090	1301	1514	1728	1313
Burkina Faso	596	751	943	1238	1554	1016
Cabo Verde	1768	2436	3503	5187	6198	3818
Costa do Marfim	1993	2342	2362	2478	2746	2384
Gâmbia	1019	1044	1224	1391	1575	1251
Gana	1348	1627	1979	2613	3709	2255
Guiné	737	819	974	1132	1222	977
Guiné-Bissau	971	1079	1069	1230	1422	1154
Libéria	...	...	551	623	818	664
Mali	843	996	1185	1481	1666	1234
Níger	605	588	648	784	952	715
Nigéria	1734	2064	2728	4116	5560	3240
Senegal	1227	1363	1622	1995	2228	1687
Serra Leoa	480	446	830	1162	1662	916
Togo	974	1093	1044	1156	1336	1121
África Oriental	1819	2147	2511	3163	3966	2721
Burundi	645	549	582	709	850	667
Comores	1109	1174	1292	1440	1492	1301
Djibouti	2252	1943	1987	2368	2824	2275
Eriteia	815	1260	1225	1127	1160	1118
Etiópia	388	458	545	832	1368	718
Quênia	1687	1797	1899	2321	2854	2112
Rwanda	575	644	748	1122	1532	924
Seychelles	10047	12726	14453	18308	23127	15732
Sudão	613	1166	2485	3276	4144	2337
Tanzânia	1000	1103	1376	1854	2433	1553
Uganda	599	801	1029	1439	1839	1142
África Central	2808	3401	5768	8284	8880	5828
Camarões	1647	1768	2091	2420	2760	2137
Rep. Centro Africana	642	712	730	822	792	740
Chade	868	929	1204	1862	2370	1447
Rep. Dem do Congo	647	473	395	501	639	531
Rep. do Congo	3679	3747	4149	5017	6127	4544
Guiné Equatorial	652	3371	21872	38907	38224	20605
Gabão	13305	15150	14566	15380	18728	15426
Madagáscar	1027	1056	1138	1361	1399	1196
Sul da África	3003	3452	4099	5540	6933	4605
Angola	1978	2126	2666	5161	6723	3731
Botswana	5912	7120	8755	11808	15051	9729
Lesoto	931	1126	1417	1914	2631	1604
Malawi	479	604	639	818	1039	716
Maurícia	5541	7351	9722	13013	16973	10520
Moçambique	284	378	535	777	1043	603
Namíbia	4442	4963	5980	7794	9659	6567
São Tomé e Príncipe	1552	1691	1905	2489	2959	2119
África do Sul	6371	7077	8414	11042	12544	9089
Suazilândia	3848	4465	5267	7478	8992	6010
Zâmbia	1693	1626	1930	2726	3741	2343
Zimbábwe	...	2170	1954	1458	1836	1854
África	3051	3410	4368	5965	6620	4683

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de FMI 2015

Tabela A3: Taxa de crescimento do PIB real (%), média, 1990-2014

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	2,57	4,16	4,00	5,00	3,12	3,77
Argélia	-0,32	3,46	4,78	2,92	3,32	2,83
Egito	3,62	5,05	3,71	6,05	2,69	4,22
Líbia	...	...	3,69	5,32	1,97	3,66
Mauritânia	0,94	4,42	2,79	6,14	5,44	3,95
Marrocos	3,58	2,73	4,72	4,76	3,65	3,89
Tunísia	5,01	5,16	4,33	4,81	2,48	4,36
África Ocidental	0,02	6,29	4,33	4,63	5,08	4,07
Benin	4,80	5,08	4,51	3,78	4,46	4,53
Burkina Faso	2,70	7,55	5,01	6,17	6,43	5,57
Cabo Verde	8,18	12,08	7,23	7,09	2,06	7,33
Costa do Marfim	-0,14	5,03	-0,75	2,16	5,31	2,32
Gâmbia	2,64	3,58	4,39	3,20	2,53	3,27
Gana	4,13	4,40	4,60	6,13	8,55	5,56
Guiné	3,84	4,34	2,98	2,38	2,36	3,18
Guiné-Bissau	3,52	-0,91	1,99	3,26	2,82	2,14
Libéria	-31,02	33,22	1,55	7,06	6,30	3,42
Mali	1,37	5,79	5,82	5,68	3,50	4,43
Níger	0,03	3,73	2,82	4,46	6,80	3,57
Nigéria	3,12	2,14	11,52	6,34	5,74	5,77
Senegal	0,88	4,55	4,20	3,83	3,44	3,38
Serra Leoa	-2,78	-2,46	8,32	5,30	10,72	3,82
Togo	-1,01	6,25	0,75	2,65	5,12	2,75
África Oriental	1,28	4,42	3,88	5,57	5,34	4,10
Burundi	-0,11	-2,75	1,85	3,92	4,25	1,43
Comores	1,19	1,91	3,92	1,73	2,86	2,32
Djibouti	-2,96	-1,21	2,42	4,77	4,67	1,54
Eritreia	17,34	4,36	1,48	-0,57	4,19	5,36
Etiópia	0,65	4,68	5,46	10,74	10,56	6,42
Quênia	1,56	2,92	2,59	4,55	6,02	3,53
Rwanda	-11,48	15,65	7,78	8,24	7,12	5,46
Seychelles	4,46	5,27	-1,66	5,12	5,85	3,81
Sudão	2,84	5,98	6,18	8,02	1,13	4,83
Tanzânia	2,49	4,04	6,56	6,45	6,73	5,25
Uganda	6,04	7,73	6,07	8,30	5,41	6,71
África Central	0,41	9,02	7,25	3,95	3,43	4,81
Camarões	-3,78	4,66	4,09	2,72	4,69	2,48
Rep. Centro Africana	-0,78	3,36	1,24	2,58	-4,92	0,30
Chade	1,36	3,07	13,52	5,70	7,10	6,15
Rep. Dem do Congo	-8,57	-2,37	1,25	5,36	7,73	0,68
Rep. do Congo	-0,09	1,76	4,05	5,09	5,19	3,20
Guiné Equatorial	11,93	56,70	30,60	5,85	-0,21	20,98
Gabão	3,17	1,78	0,59	0,51	5,78	2,37
Madagáscar	0,01	3,23	2,63	3,80	2,03	2,34
Sul da África	2,33	4,79	3,43	4,99	5,10	4,13
Angola	-5,92	7,91	7,44	15,56	4,64	5,93
Botswana	4,54	6,26	3,13	3,96	6,64	4,90
Lesoto	5,10	2,69	3,38	4,17	4,70	4,01
Malawi	1,31	6,96	1,73	6,35	4,73	4,22
Maurícia	5,47	4,85	4,62	3,93	3,60	4,49
Moçambique	3,24	7,85	7,32	6,89	7,19	6,50
Namíbia	3,51	3,59	5,19	3,83	5,18	4,26
São Tomé e Príncipe	...	...	4,12	5,87	4,34	4,78
África do Sul	0,19	2,58	3,62	3,58	2,44	2,48
Suazilândia	6,30	3,47	1,97	2,58	2,23	3,31
Zâmbia	-0,82	3,44	5,54	8,10	7,22	4,70
Zimbábwe	2,76	3,05	-6,66	-4,90	8,30	0,51
África	1,32	5,74	4,58	4,83	4,41	4,17

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de WDI 2015

Tabela A4: Taxa de crescimento do PIB real per capita (%), média, 1990-2014

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	0,40	2,26	2,35	3,00	1,62	1,93
Argélia	-2,63	1,73	3,38	1,21	1,42	1,02
Egito	1,83	3,43	2,05	4,28	1,00	2,52
Líbia	...	...	1,50	3,87	1,55	2,31
Mauritânia	-1,87	1,18	0,25	1,16	3,07	0,76
Marrocos	1,78	1,25	3,59	3,74	2,21	2,51
Tunísia	2,88	3,69	3,31	3,77	1,41	3,01
África Ocidental	-2,56	3,36	1,98	2,17	2,31	1,45
Benin	1,11	1,92	1,18	0,64	1,63	1,30
Burkina Faso	-0,03	4,60	2,18	2,51	3,45	2,54
Cabo Verde	5,64	9,67	5,38	6,55	1,25	5,70
Costa do Marfim	-3,36	2,56	-2,58	0,41	2,87	-0,02
Gâmbia	-0,64	0,71	1,23	0,01	-0,68	0,13
Gana	1,29	1,97	2,01	3,54	6,35	3,03
Guiné	-1,56	1,56	1,21	-0,08	-0,24	0,18
Guiné-Bissau	1,20	-3,10	-0,23	1,03	0,41	-0,14
Libéria	-30,26	25,06	4,97	7,84	7,14	2,95
Mali	-0,89	3,07	2,72	2,38	0,42	1,54
Níger	-3,18	0,06	-0,85	0,66	2,54	-0,16
Nigéria	0,54	-0,39	8,73	3,54	2,85	3,05
Senegal	-2,13	1,94	1,50	1,01	0,35	0,53
Serra Leoa	-2,59	-2,86	4,02	2,50	3,79	0,97
Togo	-3,48	3,61	-1,83	0,03	2,44	0,15
África Oriental	-0,76	1,58	1,17	2,77	2,74	1,50
Burundi	-2,39	-4,07	-0,92	0,39	0,95	-1,21
Comores	-1,24	-0,60	1,30	-0,87	0,38	-0,20
Djibouti	-5,38	-2,90	0,93	3,30	3,10	-0,19
Eritreia	16,74	1,90	-2,62	-4,00	0,86	2,58
Etiópia	-2,77	1,57	2,48	7,77	7,75	3,36
Quênia	-1,66	0,19	-0,11	1,79	3,20	0,68
Rwanda	-7,36	9,05	4,30	5,48	4,18	3,13
Seychelles	3,15	3,52	-2,18	3,95	4,16	2,52
Sudão	-0,18	3,06	3,23	4,07	0,06	2,05
Tanzânia	-0,79	1,33	3,85	3,90	3,69	2,39
Uganda	2,47	4,39	2,59	4,71	1,82	3,20
África Central	-3,45	5,99	4,36	1,71	0,82	1,88
Camarões	-6,53	1,86	1,41	0,11	2,07	-0,22
Rep. Centro Africana	-3,97	1,13	-0,51	3,97	-6,06	-1,09
Chade	-2,14	-0,36	9,32	2,32	3,60	2,55
Rep. Dem do Congo	-11,77	-4,68	-1,45	2,41	4,81	-2,13
Rep. do Congo	-4,13	-1,04	1,49	2,05	2,45	0,16
Guiné Equatorial	7,47	51,73	26,63	2,84	-2,95	17,15
Gabão	-1,79	-0,79	-1,61	-0,84	3,42	-0,32
Madagáscar	-4,77	0,03	-0,44	0,87	-0,79	-1,02
Sul da África	-0,06	2,53	1,60	3,08	2,94	2,02
Angola	-8,79	4,92	3,89	11,71	1,41	2,63
Botswana	1,66	3,94	1,64	2,40	4,95	2,92
Lesoto	3,13	1,38	2,58	3,34	3,68	2,82
Malawi	-0,31	4,63	-0,92	3,25	1,72	1,67
Maurícia	4,23	3,71	3,62	3,23	3,22	3,60
Moçambique	0,32	4,85	4,39	4,09	4,64	3,66
Namíbia	0,14	0,62	3,62	2,44	3,28	2,02
São Tomé e Príncipe	...	...	2,09	2,98	1,60	2,22
África do Sul	-1,87	0,27	1,74	2,35	1,11	0,72
Suazilândia	3,66	1,33	1,09	1,16	0,12	1,47
Zâmbia	-3,17	0,75	2,89	5,16	3,88	1,90
Zimbábwe	0,38	1,41	-7,13	-5,20	5,65	-0,98
África	-1,29	3,14	2,29	2,55	2,08	1,76

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de WDI 2015

Tabela A5: Taxa de crescimento populacional (%), média, 1990-2014

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	2,20	1,85	1,64	1,62	1,52	1,76
Argélia	2,32	1,63	1,29	1,52	1,90	1,73
Egito	2,15	1,82	1,84	1,78	2,15	1,95
Líbia	2,16	1,84	1,67	1,70	0,16	1,51
Mauritânia	2,82	2,97	3,06	2,67	2,51	2,80
Marrocos	1,76	1,36	1,00	1,05	1,35	1,30
Tunísia	1,98	1,47	0,98	1,00	1,04	1,29
África Ocidental	2,63	2,87	2,82	2,80	2,73	2,77
Benin	3,59	3,05	3,23	3,08	2,74	3,14
Burkina Faso	2,69	2,78	2,88	3,04	2,96	2,87
Cabo Verde	2,49	2,52	1,76	0,74	1,09	1,72
Costa do Marfim	3,45	2,91	1,96	2,01	2,37	2,54
Gâmbia	3,25	2,81	3,13	3,23	3,25	3,13
Gana	2,76	2,36	2,51	2,58	2,44	2,53
Guiné	5,36	2,75	1,81	2,48	2,72	3,02
Guiné-Bissau	3,40	3,40	3,33	3,08	2,98	3,24
Libéria	-1,13	6,12	2,99	3,65	2,80	2,89
Mali	2,40	2,69	3,00	3,28	3,02	2,88
Níger	3,28	3,60	3,66	3,74	3,97	3,65
Nigéria	2,53	2,50	2,54	2,64	2,68	2,58
Senegal	3,03	2,53	2,63	2,75	3,07	2,80
Serra Leoa	-0,10	0,46	4,20	2,96	2,24	1,95
Togo	2,53	2,54	2,68	2,72	2,69	2,63
África Oriental	2,15	2,57	2,53	2,51	2,41	2,43
Burundi	2,35	1,54	2,91	3,52	3,37	2,74
Comores	2,92	2,71	2,46	2,43	2,43	2,59
Djibouti	3,02	1,79	1,54	1,32	1,32	1,80
Eriteia	0,36	1,71	3,40	2,44	2,13	2,01
Etiópia	3,52	3,07	2,87	2,71	2,56	2,95
Quênia	3,21	2,60	2,56	2,63	2,66	2,73
Rwanda	-3,77	4,70	3,04	2,54	2,47	1,80
Seychelles	1,27	1,68	0,51	1,13	0,95	1,11
Sudão	4,21	2,82	2,58	2,48	2,17	2,85
Tanzânia	3,26	2,65	2,71	3,07	3,17	2,97
Uganda	3,27	3,03	3,27	3,36	3,28	3,24
África Central	3,02	2,87	2,76	2,76	2,70	2,82
Camarões	2,90	2,71	2,60	2,55	2,52	2,66
Rep. Centro Africana	2,50	2,32	1,75	1,79	1,93	2,06
Chade	3,21	3,44	3,77	3,40	3,32	3,43
Rep. Dem do Congo	3,79	2,74	2,98	3,23	3,19	3,19
Rep. do Congo	2,63	2,69	2,37	2,93	2,63	2,65
Guiné Equatorial	3,40	3,40	3,33	3,08	2,98	3,24
Gabão	2,66	2,55	2,28	2,24	2,26	2,40
Madagáscar	3,03	3,15	3,03	2,86	2,80	2,97
Sul da África	2,36	2,14	1,79	1,89	2,10	2,05
Angola	3,12	2,87	3,39	3,42	3,32	3,22
Botswana	2,77	2,09	1,44	1,79	2,01	2,02
Lesoto	1,89	1,29	0,77	0,80	1,16	1,18
Malawi	1,39	2,25	2,62	2,88	3,06	2,44
Maurícia	1,14	1,09	0,76	0,43	0,22	0,73
Moçambique	3,06	2,92	2,88	2,83	2,81	2,90
Namíbia	3,31	2,91	1,51	1,44	2,20	2,27
São Tomé e Príncipe	2,04	1,75	2,13	2,21	2,17	2,06
África do Sul	2,09	2,29	1,70	1,38	1,52	1,79
Suazilândia	2,49	2,09	0,87	1,39	1,57	1,68
Zâmbia	2,59	2,68	2,57	2,83	3,03	2,74
Zimbábwe	2,39	1,51	0,78	1,28	2,11	1,61
África	2,47	2,46	2,31	2,32	2,29	2,37

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de WDI 2015

Tabela A6: Formação bruta de capital fixo (% PIB), média, 1990-2014

Países/ Regiões	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
África de Norte	22,75	19,84	20,92	26,74	29,62	23,97
Argélia	27,06	25,42	23,24	27,87	33,31	27,38
Egito	21,44	19,31	17,44	19,74	15,72	18,73
Líbia	13,67	11,44	11,59	22,85		14,89
Mauritânia	24,26	16,14	23,68	35,78	44,97	28,97
Marrocos	23,92	22,85	25,49	30,16	30,54	26,59
Tunísia	26,16	23,88	24,06	22,93	21,99	23,80
África Ocidental	16,92	15,22	14,58	19,11	22,24	17,61
Benin	13,82	17,27	18,82	20,01	22,96	18,58
Burkina Faso	20,34	22,11	18,11	20,85	28,96	22,07
Cabo Verde	...	...	...	41,76	45,96	43,86
Costa do Marfim	9,29	14,14	9,32	11,06	12,82	11,33
Gâmbia	15,49	5,70	12,50	28,60	21,96	16,85
Gana	17,86	21,62	24,06	22,57	25,92	22,41
Guiné	20,81	19,08	17,79	15,60	14,52	17,56
Guiné-Bissau	32,39	19,50	5,05	5,63	6,38	13,79
Libéria	...	...	6,29	23,54	24,59	18,14
Mali	23,34	21,70	23,88	21,15	20,53	22,12
Níger	8,43	9,59	13,54	26,45	37,82	19,17
Nigéria	13,09	7,66	7,78	8,68	15,52	10,55
Senegal	18,89	20,83	22,74	25,08	23,67	22,24
Serra Leoa	9,74	3,96	9,14	10,00	24,93	11,55
Togo	16,44	14,69	15,14	15,28	20,75	16,46
África Oriental	16,58	17,40	18,06	21,98	23,33	19,47
Burundi	11,68	6,71	5,88	23,57	28,61	15,29
Comores	15,46	13,84	9,88	13,26	4,37	11,36
Djibouti	12,56	9,58	12,53	28,67	...	15,83
Eriteia	16,65	31,84	26,72	13,73	9,65	19,72
Etiópia	17,76	19,98	29,89	29,78	35,38	26,56
Quênia	18,41	16,81	16,84	19,09	21,03	18,44
Rwanda	14,21	13,91	13,89	19,30	24,25	17,11
Seychelles	23,63	34,74	26,09	...	...	28,15
Sudão	11,83	9,42	20,25	22,66	19,03	16,64
Tanzânia	25,61	17,48	18,22	29,38	31,05	24,35
Uganda	14,73	17,08	19,77	22,86	28,01	20,49
África Central	24,68	37,13	30,34	24,30	27,46	28,78
Camarões	14,87	14,18	18,48	17,43	19,69	16,93
Rep. Centro Africana	11,58	9,76	8,83	11,30	12,75	10,85
Chade	6,66	15,35	37,72	22,94	30,95	22,73
Rep. Dem do Congo	6,00	8,88	10,02	13,24	20,12	11,65
Rep. do Congo	27,87	27,71	23,42	20,53	27,13	25,33
Guiné Equatorial	95,92	179,98	103,62	54,61	60,14	98,86
Gabão	22,72	28,17	22,78	23,88	28,70	25,25
Madagáscar	11,81	13,02	17,82	30,44	17,86	18,19
Sul da África	24,03	24,66	21,68	21,80	22,82	23,00
Angola	14,65	31,24	11,89	13,82	14,32	17,18
Botswana	29,20	26,19	26,88	29,10	32,82	28,84
Lesoto	65,93	61,78	34,17	23,60	29,88	43,07
Malawi	18,81	11,52	14,00	22,93	15,77	16,60
Maurícia	28,99	24,84	22,35	24,35	22,45	24,60
Moçambique	20,16	21,22	24,36	15,23	16,07	19,41
Namíbia	17,25	19,92	19,02	23,12	25,59	20,98
São Tomé e Príncipe	...	...	40,20	50,10	46,49	45,60
África do Sul	16,77	17,19	15,74	20,37	19,43	17,90
Suazilândia	16,52	16,81	19,25	12,31	10,66	15,11
Zâmbia	11,72	...	...	...	25,90	18,81
Zimbábwe	21,22	16,76	10,60	4,87	16,53	14,00
África	20,99	22,85	21,11	22,78	25,09	22,57

Fonte: Elaboração Própria a partir de dados de WDI 2015

Tabela A7: Gasto do governo (% PIB), média, 1990-2014

Países/ Regiões	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
África de Norte	16,91	16,41	17,00	15,75	17,40	16,69
Argélia	16,40	16,73	14,48	12,74	19,37	15,94
Egito	10,70	11,03	12,11	11,72	11,53	11,42
Líbia	25,04	22,90	15,76	10,97	...	18,67
Mauritânia	15,76	13,88	24,29	23,13	19,69	19,35
Marrocos	17,26	17,76	18,42	18,29	18,56	18,06
Tunísia	16,30	16,18	16,92	16,50	17,88	16,76
África Ocidental	13,47	12,17	11,73	12,75	14,44	12,91
Benin	16,08	13,46	12,37	12,05	11,51	13,10
Burkina Faso	22,38	22,69	21,66	21,64	20,78	21,83
Cabo Verde	...	...	...	17,51	18,48	17,99
Costa do Marfim	15,62	12,74	14,13	12,46	12,95	13,58
Gâmbia	13,38	10,92	9,87	8,17	8,79	10,22
Gana	11,81	11,53	10,69	12,21	16,08	12,47
Guiné	9,15	7,23	7,55	8,39	10,77	8,62
Guiné-Bissau	8,81	8,01	15,65	14,34	11,84	11,73
Libéria	...	...	6,67	13,68	16,17	12,17
Mali	12,94	12,49	8,99	12,93	13,34	12,14
Níger	16,16	13,83	13,91	15,49	13,58	14,59
Nigéria	8,05	11,21	7,03	9,69	8,37	8,87
Senegal	16,75	13,34	13,02	13,80	15,62	14,51
Serra Leoa	9,37	9,81	12,80	9,79	25,64	13,48
Togo	14,67	11,01	9,91	10,81	12,10	11,70
África Oriental	17,65	19,24	21,43	19,18	16,37	18,77
Burundi	15,75	18,22	16,36	25,16	25,38	20,17
Comores	22,74	17,85	14,22	14,40	25,01	18,85
Djibouti	34,43	30,27	28,83	26,73	...	30,07
Eriteia	27,70	46,89	44,06	26,65	22,48	33,56
Etiópia	12,16	13,61	18,87	13,75	9,17	13,51
Quênia	16,15	15,51	16,82	15,45	14,04	15,59
Rwanda	12,44	11,07	13,09	16,19	14,44	13,45
Seychelles	29,01	28,92	42,85	33,11	26,65	32,11
Sudão	6,43	5,83	11,49	13,32	8,86	9,19
Tanzânia	18,57	11,05	13,79	17,40	14,69	15,10
Uganda	9,78	12,39	15,30	12,41	9,52	11,88
África Central	14,63	11,29	9,84	9,14	10,26	11,03
Camarões	12,12	9,10	10,01	10,35	11,50	10,62
Rep. Centro Africana	16,17	13,62	12,98	7,62	8,24	11,73
Chade	9,26	6,85	7,08	5,72	6,85	7,15
Rep. Dem do Congo	14,55	6,59	4,59	8,81	12,49	9,41
Rep. do Congo	24,74	17,75	15,27	13,61	12,89	16,85
Guiné Equatorial	18,12	16,33	5,63	3,54	6,14	9,95
Gabão	14,09	12,21	14,65	13,64	13,87	13,69
Madagáscar	7,96	7,86	8,49	9,83	9,77	8,78
Sul da África	21,90	20,00	20,46	18,00	19,37	19,95
Angola	41,48	...	28,42	17,67	19,80	26,84
Botswana	26,27	28,38	22,66	19,11	18,37	22,96
Lesoto	30,19	34,43	35,85	36,84	36,71	34,80
Malawi	17,15	16,12	13,81	15,67	20,83	16,72
Maurícia	13,82	14,14	14,06	13,71	13,94	13,93
Moçambique	11,88	7,48	9,70	14,84	21,25	13,03
Namíbia	24,95	24,93	22,08	21,67	25,58	23,84
São Tomé e Príncipe	...	...	23,74	18,74	14,06	18,85
África do Sul	19,82	18,78	18,76	18,79	20,15	19,26
Suazilândia	15,50	18,75	16,28	14,07	18,90	16,70
Zâmbia	21,07	...	...	...	9,44	15,26
Zimbábwe	18,27	16,97	19,76	6,92	15,18	15,42
África	16,91	15,82	16,09	14,97	15,57	15,87

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de WDI 2015

Tabela A8: Taxa de inflação (%), média, 1990-2014

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	11,20	5,95	2,04	5,25	5,23	5,93
Argélia	24,76	12,36	2,84	3,59	4,70	9,65
Egito	14,08	6,90	4,69	10,38	9,60	9,13
Líbia	9,18	4,23	-5,18	4,64	6,75	3,92
Mauritânia	7,17	5,59	5,48	7,04	4,91	6,04
Marrocos	6,17	2,72	1,59	2,20	1,10	2,76
Tunísia	5,85	3,89	2,80	3,67	4,77	4,20
África Ocidental	13,81	10,84	5,36	7,15	5,13	8,46
Benin	19,49	5,78	2,60	4,11	2,33	6,86
Burkina Faso	5,08	3,98	1,70	4,36	1,22	3,27
Cabo Verde	6,51	6,32	0,41	3,59	2,07	3,78
Costa do Marfim	6,67	5,26	2,93	3,12	2,19	4,03
Gâmbia	7,69	3,16	9,04	4,25	5,15	5,86
Gana	23,04	32,19	22,44	14,51	11,14	20,66
Guiné	...	...	...	22,40	14,73	18,56
Guiné-Bissau	44,69	30,23	2,53	3,74	1,88	16,61
Libéria	...	...	10,77	10,90	7,55	9,74
Mali	3,82	4,54	1,02	4,20	1,93	3,10
Níger	4,36	4,21	1,64	3,96	1,14	3,06
Nigéria	35,83	25,45	13,54	10,92	10,66	19,28
Senegal	6,03	2,87	1,30	2,64	1,14	2,80
Serra Leoa	...	...	...	11,91	12,66	...
Togo	8,19	6,05	1,66	4,40	2,00	4,46
África Oriental	28,05	14,60	5,50	10,57	9,31	13,61
Burundi	8,47	18,54	10,16	11,95	9,30	11,68
Comores	...	...	4,34	3,38	1,95	3,23
Djibouti	...	...	1,87	5,04	3,61	3,51
Eritéia	...	...	...	...	...	...
Etiópia	12,51	2,55	3,02	19,07	15,92	10,61
Quênia	28,00	6,85	7,82	14,00	7,99	12,93
Rwanda	11,43	5,81	5,79	9,77	4,71	7,50
Seychelles	2,45	1,64	3,91	14,92	2,60	5,10
Sudão	104,63	56,19	7,47	9,85	27,92	41,21
Tanzânia	29,15	17,04	5,29	8,35	9,78	13,92
Uganda	10,04	5,55	3,47	9,39	9,29	7,55
África Central	809,76	45,37	26,20	6,49	4,12	178,39
Camarões	6,61	4,56	1,87	3,29	2,21	3,71
Rep. Centro Africana	3,57	4,25	2,29	4,66	2,52	3,46
Chade	6,53	4,47	2,87	5,44	2,01	4,26
Rep. Dem do Congo	6424,99	309,38	184,45	14,28	8,44	1388,31
Rep. do Congo	8,93	7,86	1,07	4,98	3,25	5,22
Guiné Equatorial	6,09	7,15	6,55	4,82	6,81	6,28
Gabão	4,63	2,76	1,06	2,90	2,11	2,69
Madagáscar	16,77	17,89	9,46	11,55	7,40	12,62
Sul da África	88,38	181,12	24,00	10,33	7,27	62,22
Angola	677,72	1478,31	145,64	14,94	10,86	465,50
Botswana	12,84	8,75	7,87	9,60	6,65	9,14
Lesoto	13,57	9,30	8,40	7,12	5,00	8,68
Malawi	21,12	40,92	17,61	10,89	17,60	21,63
Maurícia	8,59	6,63	4,94	6,99	4,01	6,23
Moçambique	46,16	22,93	12,93	8,43	6,51	19,39
Namíbia	...	...	5,64	6,47	5,51	5,87
São Tomé e Príncipe	...	37,97	10,65	22,05	9,76	20,11
África do Sul	12,44	7,34	5,49	6,76	5,35	7,47
Suazilândia	11,08	8,01	8,18	7,65	6,29	8,24
Zâmbia	121,66	30,73	21,81	12,77	7,26	38,84
Zimbábwe	...	...	...	...	2,33	2,33
África	190,24	51,58	12,62	7,96	6,21	53,72

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de WDI 2015

Tabela A9: Despesa do governo com educação (% PIB), média, 1990-2014

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	5,18	4,99	5,27	5,40	4,90	5,15
Argélia	...	...	...	4,34	...	4,34
Egito	4,29	4,64	4,81	4,06	...	4,45
Líbia	...	2,67	...	...	...	2,67
Mauritânia	...	2,60	3,41	3,42	3,97	3,35
Marrocos	4,76	5,23	5,67	5,95	6,22	5,57
Tunísia	5,95	6,42	6,35	6,43	6,21	6,27
África Ocidental	3,43	3,56	3,56	4,02	4,24	3,76
Benin	...	2,79	3,43	3,99	5,21	3,86
Burkina Faso	3,45	1,44	...	4,50	4,14	3,38
Cabo Verde	...	6,60	7,68	5,69	5,18	6,29
Costa do Marfim	6,02	4,03	4,19	4,24	...	4,62
Gâmbia	2,59	2,23	1,29	2,05	4,05	2,44
Gana	...	4,11	6,45	5,86	6,84	5,81
Guiné	2,04	2,36	2,37	2,50	3,19	2,49
Guiné-Bissau	...	5,25	...	...	...	5,25
Libéria	...	...	...	3,26	2,82	3,04
Mali	...	2,98	3,78	4,12	4,18	3,77
Níger	3,02	2,89	2,88	3,89	4,16	3,37
Nigéria	...	...	...	...	...	...
Senegal	...	3,18	3,44	5,12	5,60	4,34
Serra Leoa	...	...	3,69	2,65	2,80	3,04
Togo	5,68	4,19	4,11	3,66	4,48	4,42
África Oriental	4,68	4,42	5,05	4,92	4,41	4,70
Burundi	3,81	4,17	3,07	5,05	6,01	4,42
Comores	...	3,78	3,88	7,79	...	5,15
Djibouti	...	7,63	8,81	8,35	4,49	7,32
Eriteia	...	3,84	3,57	2,13	...	3,18
Etiópia	2,35	2,77	3,77	5,22	4,65	3,75
Quênia	6,15	5,32	5,97	7,19	5,51	6,03
Rwanda	...	4,58	4,88	4,04	4,86	4,59
Seychelles	9,02	6,68	5,28	4,75	3,63	5,87
Sudão	...	...	1,36	1,99	...	1,67
Tanzânia	2,14	2,39	4,65	4,42	4,62	3,64
Uganda	...	...	3,71	3,25	2,47	3,14
África Central	3,36	3,08	2,33	2,52	2,53	2,76
Camarões	3,09	...	2,79	3,17	3,11	3,04
Rep. Centro Africana	2,26	1,69	1,57	1,39	1,22	1,63
Chade	...	2,38	2,22	2,00	2,12	2,18
Rep. Dem do Congo	...	...	...	...	1,53	1,53
Rep. do Congo	6,37	4,49	2,78	1,84	6,22	4,34
Guiné Equatorial	...	2,19	0,74	...	...	1,46
Gabão	2,81	3,25	3,83	...	...	3,29
Madagáscar	2,14	2,16	3,04	3,32	2,53	2,64
Sul da África	8,24	6,41	5,85	5,68	5,62	6,36
Angola	...	2,59	2,61	2,82	3,48	2,87
Lesoto	9,01	12,46	12,59	13,88	...	11,99
Malawi	3,27	4,80	4,66	...	5,80	4,63
Maurícia	3,33	3,94	3,81	3,54	3,56	3,64
Moçambique	...	2,99	4,46	5,10	6,42	4,74
Namíbia	...	7,22	6,70	6,26	8,35	7,13
São Tomé e Príncipe	...	...	3,12	6,46	9,48	6,35
África do Sul	5,77	5,73	5,12	5,04	6,01	5,53
Suazilândia	5,31	5,23	5,86	7,52	7,40	6,26
Zâmbia	2,14	1,91	2,13	1,36	...	1,88
Zimbábwe	26,37	...	...	...	1,97	14,17
África	4,98	4,58	4,41	4,51	4,34	4,56

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do WDI 2015

Tabela A10: Índice de Desenvolvimento Humano, 1990-2013

	1990	1995	2000	2005	2010	2013	Média
Países/Regiões							
África de Norte	0,533	0,563	0,602	0,634	0,663	0,668	0,610
Argélia	0,576	0,653	0,634	0,675	0,709	0,717	0,661
Egito	0,546	0,605	0,621	0,645	0,678	0,682	0,630
Líbia	0,684	...	0,745	0,772	0,799	0,784	0,757
Mauritânia	0,367	0,418	0,433	0,455	0,475	0,487	0,439
Marrocos	0,459	0,518	0,526	0,569	0,603	0,617	0,549
Tunísia	0,567	0,620	0,653	0,687	0,715	0,721	0,661
África Ocidental	0,362	0,411	0,387	0,407	0,438	0,450	0,409
Benin	0,342	0,388	0,391	0,432	0,467	0,476	0,416
Burkina Faso	0,290	0,300	0,310	0,321	0,367	0,388	0,329
Cabo Verde	0,626	0,678	0,573	0,589	0,622	0,636	0,621
Costa do Marfim	0,380	0,416	0,393	0,407	0,439	0,452	0,415
Gâmbia	0,334	0,375	0,383	0,414	0,440	0,441	0,398
Gana	0,502	0,525	0,487	0,511	0,556	0,573	0,526
Guiné	...	...	0,414	0,366	0,380	0,392	0,388
Guiné-Bissau	0,304	0,331	0,349	0,387	0,401	0,396	0,361
Libéria	...	...	0,339	0,335	0,393	0,412	0,370
Mali	0,232	0,346	0,309	0,359	0,398	0,407	0,342
Níger	0,218	0,252	0,262	0,293	0,323	0,337	0,281
Nigéria	0,425	0,448	0,462	0,466	0,492	0,504	0,466
Senegal	0,384	0,400	0,413	0,451	0,483	0,485	0,436
Serra Leoa	0,263	...	0,297	0,329	0,353	0,374	0,323
Togo	0,404	0,476	0,430	0,442	0,460	0,473	0,448
África Oriental	0,338	0,368	0,407	0,443	0,476	0,491	0,420
Burundi	0,291	0,280	0,290	0,319	0,381	0,389	0,325
Comores	0,404	0,406	0,411	0,464	0,479	0,488	0,442
Djibouti	...	...	0,400	0,412	0,452	0,467	0,433
Eritéia	...	...	...	...	0,373	0,381	0,377
Etiópia	0,297	0,308	0,284	0,339	0,409	0,435	0,345
Quênia	0,471	0,423	0,455	0,479	0,522	0,535	0,481
Rwanda	0,238	0,335	0,329	0,391	0,453	0,506	0,375
Seychelles	...	...	0,743	0,757	0,763	0,756	0,755
Sudão	0,342	0,362	0,385	0,423	0,463	0,473	0,408
Tanzânia	0,354	0,426	0,376	0,419	0,464	0,488	0,421
Uganda	0,310	0,404	0,392	0,429	0,472	0,484	0,415
África Central	0,444	0,476	0,423	0,445	0,475	0,481	0,457
Camarões	0,440	0,499	0,433	0,457	0,493	0,504	0,471
Rep. Centro Africana	0,310	0,369	0,314	0,327	0,355	0,341	0,336
Chade	0,322	0,335	0,301	0,324	0,349	0,372	0,334
Rep. Dem do Congo	0,319	...	0,274	0,292	0,319	0,338	0,308
Rep. do Congo	0,553	0,511	0,501	0,525	0,565	0,564	0,537
Guiné Equatorial	0,553	0,582	0,476	0,517	0,559	0,556	0,541
Gabão	0,619	0,625	0,632	0,644	0,662	0,674	0,643
Madagáscar	0,434	0,411	0,453	0,470	0,494	0,498	0,460
Sul da África	0,483	0,510	0,477	0,500	0,541	0,558	0,511
Angola	...	...	0,377	0,446	0,504	0,526	0,463
Botswana	0,583	0,620	0,560	0,610	0,672	0,683	0,621
Lesoto	0,493	0,472	0,443	0,437	0,472	0,486	0,467
Malawi	0,283	0,303	0,341	0,368	0,406	0,414	0,353
Maurícia	0,621	0,646	0,686	0,722	0,753	0,771	0,700
Moçambique	0,216	0,311	0,285	0,343	0,380	0,393	0,321
Namíbia	0,577	0,529	0,556	0,570	0,610	0,624	0,578
São Tomé e Príncipe	...	...	0,495	0,520	0,543	0,558	0,529
África do Sul	0,619	0,724	0,628	0,608	0,638	0,658	0,646
Suazilândia	0,538	0,620	0,498	0,498	0,527	0,530	0,535
Zâmbia	0,407	0,413	0,423	0,471	0,530	0,561	0,468
Zimbábwe	0,488	0,463	0,428	0,412	0,459	0,492	0,457
África	0,432	0,466	0,459	0,486	0,519	0,530	0,482

Fonte: Relatório do Índice de Desenvolvimento Humano – 2014

ANEXO B – INDICADORES DE COMÉRCIO INTERNACIONAL DOS PAÍSES AFRICANOS

Tabela B1: Exportações (US\$ milhões), média, 1990-2014

Países/ Regiões	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
África de Norte	5512,39	6200,25	9858,00	25080,94	28968,71	15124,06
Argélia	11226,40	12027,32	22886,06	57050,12	66067,52	33851,48
Egito	3172,75	3515,92	6543,11	19629,90	28389,14	12250,16
Líbia	9961,60	8505,40	13719,88	43527,86	38622,91	22867,53
Mauritânia	428,80	430,60	359,89	1319,47	2412,31	990,21
Marrocos	4354,80	7090,08	8225,64	14734,57	21300,95	11141,21
Tunísia	3930,00	5632,21	7413,41	14223,69	17019,41	9643,74
África Ocidental	1242,72	1573,06	2375,10	5706,03	9509,90	4081,36
Benin	346,98	440,20	464,71	973,62	1602,85	765,67
Burkina Faso	99,45	263,16	295,71	654,53	2203,31	703,23
Cabo Verde	5,20	11,48	11,88	24,92	63,17	23,33
Costa do Marfim	2796,16	4171,48	5163,20	9312,02	12439,84	6776,54
Gâmbia	45,72	17,11	13,02	22,37	99,34	39,51
Gana	1034,29	1710,11	2002,24	4366,61	12253,17	4273,28
Guiné	590,42	684,85	691,85	1096,08	1380,78	888,80
Guiné-Bissau	32,05	35,72	64,04	104,05	160,12	79,20
Libéria	512,40	554,80	169,14	176,11	438,12	370,11
Mali	365,28	512,40	809,69	1615,59	2284,00	1117,39
Níger	286,99	301,10	324,60	714,05	1390,00	603,35
Nigéria	11414,06	13482,68	23931,40	63762,87	103400,00	43198,20
Senegal	726,64	976,14	1151,22	1806,75	2542,44	1440,64
Serra Leoa	133,09	23,84	64,31	216,22	1123,22	312,14
Togo	252,09	410,90	469,47	744,60	1268,13	629,04
África Oriental	264,95	418,73	639,84	1601,82	2239,88	1033,04
Burundi	84,26	70,20	40,63	59,99	115,44	74,10
Comores	19,61	7,55	18,99	11,45	22,18	15,96
Djibouti	16,44	25,86	34,89	59,77	110,89	49,57
Eriteia	45,47	57,91	25,15	11,80	403,80	108,83
Etiópia	245,27	490,98	519,11	1288,62	3322,10	1173,22
Quênia	1288,10	1951,06	2177,87	4093,35	5804,44	3062,96
Rwanda	72,35	63,95	73,03	190,27	558,26	191,57
Seychelles	51,40	114,69	240,51	381,10	499,42	257,43
Sudão	383,66	629,17	2354,94	7857,55	6960,77	3637,22
Tanzânia	411,84	670,20	1051,96	2385,36	4678,06	1839,48
Uganda	216,40	524,40	501,17	1280,72	2163,30	937,20
África Central	913,75	1049,67	1600,19	4280,89	6108,32	2790,56
Camarões	1809,20	1638,84	2028,66	3892,19	4407,69	2755,32
Rep. Centro Africana	122,85	155,60	142,37	146,67	154,00	144,30
Chade	168,60	244,60	669,80	3413,53	4040,00	1707,31
Rep. Dem do Congo	1524,20	1358,00	1222,80	3221,50	6260,00	2717,30
Rep. do Congo	1043,43	1422,74	2586,80	6176,44	9731,70	4192,22
Guiné Equatorial	53,75	400,54	2469,77	9959,76	13300,00	5236,76
Gabão	2234,73	2646,20	2864,21	6349,19	9312,42	4681,35
Madagáscar	353,20	530,80	817,12	1087,86	1660,79	889,95
Sul da África	2979,68	3595,48	4603,99	10550,58	16274,24	7600,79
Angola	3571,00	4488,63	9153,20	41021,86	63929,00	24432,74
Botswana	1795,86	2444,42	2786,62	4507,08	6390,80	3584,96
Lesoto	102,77	181,66	408,44	746,36	958,83	479,61
Malawi	388,91	461,33	448,78	822,54	1251,29	674,57
Maurícia	1267,16	1633,12	1775,50	2206,50	2690,34	1914,52
Moçambique	143,20	220,00	885,17	2275,33	3841,74	1473,09
Namíbia	1237,84	1326,32	1332,02	2785,02	4371,37	2210,51
São Tomé e Príncipe	5,40	4,50	4,51	8,01	12,85	7,05
África do Sul	23959,60	28234,00	34318,26	64408,77	97350,59	49654,24
Suazilândia	651,27	920,59	1316,77	1760,00	1889,80	1307,69
Zâmbia	1005,81	1015,80	1078,44	3921,67	9171,26	3238,60
Zimbábwe	1627,31	2215,33	1740,20	2143,78	3432,96	2231,92
África	2182,70	2567,44	3815,42	9444,05	12620,21	6125,96

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de UNCTADSTAT, 2015

Tabela B2: Importações (US\$ milhões), média, 1990-2014

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	6037,31	7856,18	9170,26	20658,86	33348,88	15414,30
Argélia	8757,77	9288,07	12325,86	29643,40	50291,20	22061,26
Egito	8744,22	14031,36	13924,83	36035,25	61363,04	26819,74
Líbia	5147,20	5402,40	4636,20	8172,33	18734,87	8418,60
Mauritânia	371,86	419,89	563,21	1493,20	2648,31	1099,30
Marrocos	7229,35	9920,04	13301,57	30405,33	43109,46	20793,15
Tunísia	5973,44	8075,31	10269,89	18203,64	23946,43	13293,74
África Ocidental	1071,21	1345,56	1642,65	4246,94	6918,83	3045,04
Benin	417,39	713,29	749,27	1727,32	2422,66	1205,99
Burkina Faso	478,35	619,76	840,20	1665,57	3056,83	1332,14
Cabo Verde	165,01	239,14	304,44	652,95	790,08	430,32
Costa do Marfim	2114,19	2881,46	3124,56	6642,42	9536,99	4859,92
Gâmbia	216,61	227,70	173,39	293,19	345,16	251,21
Gana	1823,46	2479,43	3226,83	7695,42	15337,89	6112,61
Guiné	726,80	635,68	660,00	1083,96	1979,21	1017,13
Guiné-Bissau	96,64	84,41	65,71	177,66	204,91	125,87
Libéria	436,00	533,00	316,28	528,08	990,89	560,85
Mali	578,69	773,61	1071,80	2274,68	3603,66	1660,49
Níger	385,09	415,38	529,47	1387,43	2167,17	976,91
Nigéria	7007,53	8392,08	10574,26	33192,75	53447,05	22522,74
Senegal	1107,13	1448,45	2094,17	4656,12	6084,79	3078,13
Serra Leoa	150,98	122,45	237,11	446,56	1471,75	485,77
Togo	364,27	617,53	672,25	1279,98	2343,33	1055,47
África Oriental	648,16	926,79	1198,52	3213,23	5456,13	2288,57
Burundi	225,57	151,68	149,90	364,80	718,52	322,09
Comores	58,06	56,73	60,56	148,46	268,39	118,44
Djibouti	211,08	182,84	219,83	422,11	627,62	332,70
Eriteia	396,27	510,00	469,03	537,30	947,45	572,01
Etiópia	842,52	1342,79	2044,92	6211,06	12659,49	4620,15
Quênia	1972,76	3049,61	3564,07	8679,64	15583,97	6570,01
Rwanda	266,42	265,97	256,99	846,30	2105,68	748,27
Seychelles	199,16	354,03	429,48	834,41	1066,06	576,63
Sudão	900,40	1535,11	2582,74	8529,65	9528,06	4615,19
Tanzânia	1484,42	1481,73	1949,45	5396,25	10905,90	4243,55
Uganda	479,80	1264,20	1456,80	3375,61	5606,23	2436,53
África Central	570,85	696,61	993,21	2439,26	4292,68	1798,52
Camarões	1184,20	1319,60	1954,27	4133,97	6416,00	3001,61
Rep. Centro Africana	131,48	146,69	122,65	239,29	286,97	185,42
Chade	230,80	340,60	877,00	1620,00	3500,00	1313,68
Rep. Dem do Congo	1051,80	880,00	1219,76	3436,40	5800,00	2477,59
Rep. do Congo	575,94	934,39	724,40	2359,29	5348,39	1988,48
Guiné Equatorial	56,23	297,07	754,20	3016,85	6540,00	2132,87
Gabão	810,78	977,35	1128,20	2083,36	3429,80	1685,90
Madagáscar	525,60	677,20	1165,22	2624,94	3020,30	1602,65
Sul da África	2708,12	3782,13	4538,99	10177,12	15722,95	7385,86
Angola	1566,00	2258,60	4258,20	14886,70	23055,23	9204,95
Botswana	1836,48	2085,66	2282,90	4050,54	7249,71	3501,06
Lesoto	820,09	1038,95	985,65	1659,62	2361,66	1373,19
Malawi	610,28	613,65	701,75	1595,02	2555,64	1215,27
Maurícia	1689,25	2154,86	2297,47	3812,31	5179,12	3026,60
Moçambique	921,20	826,20	1510,33	3219,84	7689,22	2833,36
Namíbia	1266,62	1659,37	1788,48	3660,32	6874,85	3049,93
São Tomé e Príncipe	28,71	24,56	34,29	83,40	139,80	62,15
África do Sul	20064,00	29932,80	36084,76	81032,40	119341,92	57291,18
Suazilândia	774,17	1059,47	1315,87	1809,00	1806,00	1352,90
Zâmbia	894,77	854,41	1359,59	3706,26	8202,22	3003,45
Zimbábwe	2025,83	2877,00	1848,56	2610,00	4220,00	2716,28
África	2207,13	2921,45	3508,73	8147,08	13147,89	5986,46

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de UNCTADSTAT, 2015

Tabela B3: Saldo comercial (US\$ milhões), média, 1990-2014

Países/ Regiões	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
África de Norte	-524,92	-1655,92	687,74	4422,08	-4380,18	-290,24
Argélia	2468,63	2739,25	10560,20	27406,72	15776,32	11790,22
Egito	-5571,47	-10515,44	-7381,72	-16405,35	-32973,90	-14569,58
Líbia	4814,40	3103,00	9083,68	35355,52	19888,04	14448,93
Mauritânia	56,94	10,71	-203,33	-173,73	-236,00	-109,08
Marrocos	-2874,55	-2829,96	-5075,92	-15670,76	-21808,50	-9651,94
Tunísia	-2043,44	-2443,10	-2856,48	-3979,96	-6927,02	-3650,00
África Ocidental	171,51	227,51	732,45	1459,09	2591,07	1036,33
Benin	-70,41	-273,09	-284,56	-753,71	-819,82	-440,32
Burkina Faso	-378,90	-356,60	-544,49	-1011,04	-853,53	-628,91
Cabo Verde	-159,81	-227,67	-292,57	-628,03	-726,91	-407,00
Costa do Marfim	681,97	1290,02	2038,64	2669,59	2902,84	1916,61
Gâmbia	-170,89	-210,59	-160,37	-270,82	-245,82	-211,70
Gana	-789,16	-769,32	-1224,59	-3328,81	-3084,73	-1839,32
Guiné	-136,38	49,18	31,85	12,12	-598,43	-128,33
Guiné-Bissau	-64,59	-48,69	-1,67	-73,60	-44,79	-46,67
Libéria	76,40	21,80	-147,14	-351,97	-552,77	-190,74
Mali	-213,41	-261,21	-262,11	-659,09	-1319,66	-543,10
Níger	-98,10	-114,28	-204,87	-673,38	-777,17	-373,56
Nigéria	4406,53	5090,60	13357,14	30570,12	49952,95	20675,47
Senegal	-380,50	-472,31	-942,95	-2849,36	-3542,36	-1637,49
Serra Leoa	-17,89	-98,62	-172,80	-230,34	-348,53	-173,63
Togo	-112,18	-206,63	-202,78	-535,38	-1075,20	-426,44
África Oriental	-383,22	-508,07	-558,68	-1611,42	-3216,25	-1255,53
Burundi	-141,32	-81,48	-109,27	-304,81	-603,09	-247,99
Comores	-38,45	-49,18	-41,57	-137,01	-246,22	-102,49
Djibouti	-194,64	-156,98	-184,94	-362,34	-516,73	-283,13
Eriteia	-350,80	-452,09	-443,88	-525,50	-543,65	-463,18
Etiópia	-597,24	-851,81	-1525,81	-4922,44	-9337,38	-3446,94
Quênia	-684,66	-1098,55	-1386,20	-4586,29	-9779,53	-3507,05
Rwanda	-194,07	-202,02	-183,96	-656,02	-1547,42	-556,70
Seychelles	-147,75	-239,34	-188,97	-453,31	-566,64	-319,20
Sudão	-516,74	-905,94	-227,80	-672,09	-2567,29	-977,97
Tanzânia	-1072,57	-811,53	-897,49	-3010,89	-6227,84	-2404,07
Uganda	-263,40	-739,80	-955,63	-2094,89	-3442,93	-1499,33
África Central	342,89	353,05	606,98	1841,63	1815,64	992,04
Camarões	625,00	319,24	74,40	-241,78	-2008,31	-246,29
Rep. Centro Africana	-8,63	8,91	19,72	-92,62	-132,97	-41,12
Chade	-62,20	-96,00	-207,20	1793,53	540,00	393,63
Rep. Dem do Congo	472,40	478,00	3,04	-214,90	460,00	239,71
Rep. do Congo	467,50	488,36	1862,40	3817,15	4383,31	2203,74
Guiné Equatorial	-2,48	103,48	1715,57	6942,90	6760,00	3103,89
Gabão	1423,94	1668,86	1736,01	4265,82	5882,62	2995,45
Madagáscar	-172,40	-146,40	-348,09	-1537,07	-1359,52	-712,70
Sul da África	271,56	-186,65	65,01	373,46	551,29	214,93
Angola	2005,00	2230,03	4895,00	26135,16	40873,78	15227,79
Botswana	-40,62	358,76	503,72	456,54	-858,91	83,90
Lesoto	-717,32	-857,28	-577,21	-913,26	-1402,84	-893,58
Malawi	-221,37	-152,32	-252,98	-772,48	-1304,36	-540,70
Maurícia	-422,09	-521,74	-521,97	-1605,81	-2488,78	-1112,08
Moçambique	-778,00	-606,20	-625,17	-944,51	-3847,48	-1360,27
Namíbia	-28,78	-333,05	-456,46	-875,30	-2503,48	-839,41
São Tomé e Príncipe	-23,31	-20,06	-29,78	-75,39	-126,95	-55,10
África do Sul	3895,60	-1698,80	-1766,50	-16623,63	-21991,33	-7636,93
Suazilândia	-122,90	-138,88	0,91	-49,00	83,80	-45,21
Zâmbia	111,04	161,39	-281,15	215,40	969,04	235,15
Zimbábwe	-398,52	-661,67	-108,36	-466,22	-787,04	-484,36
África	-24,43	-354,02	306,70	1296,97	-527,68	139,51

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de UNCTADSTAT, 2015

Tabela B4: Participação das exportações dos países no total exportado pelo continente (%)

	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
Países/ Regiões						
África de Norte	33,89	31,81	34,82	36,30	29,70	33,30
Argélia	11,50	10,28	13,47	13,76	11,29	12,06
Egito	3,25	3,01	3,85	4,74	4,85	3,94
Líbia	10,21	7,27	8,08	10,50	6,60	8,53
Mauritânia	0,44	0,37	0,21	0,32	0,41	0,35
Marrocos	4,46	6,06	4,84	3,55	3,64	4,51
Tunísia	4,03	4,82	4,36	3,43	2,91	3,91
África Ocidental	19,10	20,18	20,97	20,65	24,37	21,05
Benin	0,36	0,38	0,27	0,23	0,27	0,30
Burkina Faso	0,10	0,23	0,17	0,16	0,38	0,21
Cabo Verde	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01	0,01
Costa do Marfim	2,86	3,57	3,04	2,25	2,13	2,77
Gâmbia	0,05	0,01	0,01	0,01	0,02	0,02
Gana	1,06	1,46	1,18	1,05	2,09	1,37
Guiné	0,60	0,59	0,41	0,26	0,24	0,42
Guiné-Bissau	0,03	0,03	0,04	0,03	0,03	0,03
Libéria	0,53	0,47	0,10	0,04	0,07	0,24
Mali	0,37	0,44	0,48	0,39	0,39	0,41
Níger	0,29	0,26	0,19	0,17	0,24	0,23
Nigéria	11,69	11,53	14,09	15,38	17,67	14,07
Senegal	0,74	0,83	0,68	0,44	0,43	0,63
Serra Leoa	0,14	0,02	0,04	0,05	0,19	0,09
Togo	0,26	0,35	0,28	0,18	0,22	0,26
África Oriental	2,89	3,94	4,14	4,25	4,21	3,89
Burundi	0,09	0,06	0,02	0,01	0,02	0,04
Comores	0,02	0,01	0,01	0,00	0,00	0,01
Djibouti	0,02	0,02	0,02	0,01	0,02	0,02
Eriteia	0,03	0,05	0,01	0,00	0,07	0,03
Etiópia	0,25	0,42	0,31	0,31	0,57	0,37
Quênia	1,32	1,67	1,28	0,99	0,99	1,25
Rwanda	0,07	0,05	0,04	0,05	0,10	0,06
Seychelles	0,05	0,10	0,14	0,09	0,09	0,09
Sudão	0,39	0,54	1,39	1,90	1,19	1,08
Tanzânia	0,42	0,57	0,62	0,58	0,80	0,60
Uganda	0,22	0,45	0,30	0,31	0,37	0,33
África Central	7,49	7,18	7,54	8,26	8,35	7,76
Camarões	1,85	1,40	1,19	0,94	0,75	1,23
Rep. Centro Africana	0,13	0,13	0,08	0,04	0,03	0,08
Chade	0,17	0,21	0,39	0,82	0,69	0,46
Rep. Dem do Congo	1,56	1,16	0,72	0,78	1,07	1,06
Rep. do Congo	1,07	1,22	1,52	1,49	1,66	1,39
Guiné Equatorial	0,06	0,34	1,45	2,40	2,27	1,31
Gabão	2,29	2,26	1,69	1,53	1,59	1,87
Madagáscar	0,36	0,45	0,48	0,26	0,28	0,37
Sul da África	36,64	36,89	32,53	30,54	33,37	33,99
Angola	3,66	3,84	5,39	9,90	10,92	6,74
Botswana	1,84	2,09	1,64	1,09	1,09	1,55
Lesoto	0,11	0,16	0,24	0,18	0,16	0,17
Malawi	0,40	0,39	0,26	0,20	0,21	0,29
Maurícia	1,30	1,40	1,05	0,53	0,46	0,95
Moçambique	0,15	0,19	0,52	0,55	0,66	0,41
Namíbia	1,27	1,13	0,78	0,67	0,75	0,92
São Tomé e Príncipe	0,01	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
África do Sul	24,55	24,14	20,20	15,54	16,63	20,21
Suazilândia	0,67	0,79	0,78	0,42	0,32	0,60
Zâmbia	1,03	0,87	0,63	0,95	1,57	1,01
Zimbabwe	1,67	1,89	1,02	0,52	0,59	1,14
África	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de UNCTADSTAT, 2015

Tabela B5: Participação das importações dos países no total importado pelo continente (%)

Países/ Regiões	1990-94	1995-99	2000-04	2005-09	2010-14	Média
África de Norte	37,64	36,69	35,44	33,99	34,09	35,57
Argélia	9,10	7,23	7,94	8,13	8,57	8,19
Egito	9,09	10,92	8,97	9,88	10,46	9,86
Líbia	5,35	4,21	2,99	2,24	3,19	3,59
Mauritânia	0,39	0,33	0,36	0,41	0,45	0,39
Marrocos	7,51	7,72	8,57	8,34	7,35	7,90
Tunísia	6,21	6,29	6,61	4,99	4,08	5,64
África Ocidental	16,70	15,71	15,87	17,47	17,68	16,69
Benin	0,43	0,56	0,48	0,47	0,41	0,47
Burkina Faso	0,50	0,48	0,54	0,46	0,52	0,50
Cabo Verde	0,17	0,19	0,20	0,18	0,13	0,17
Costa do Marfim	2,20	2,24	2,01	1,82	1,62	1,98
Gâmbia	0,23	0,18	0,11	0,08	0,06	0,13
Gana	1,89	1,93	2,08	2,11	2,61	2,13
Guiné	0,76	0,49	0,43	0,30	0,34	0,46
Guiné-Bissau	0,10	0,07	0,04	0,05	0,03	0,06
Libéria	0,45	0,41	0,20	0,14	0,17	0,28
Mali	0,60	0,60	0,69	0,62	0,61	0,63
Níger	0,40	0,32	0,34	0,38	0,37	0,36
Nigéria	7,28	6,53	6,81	9,10	9,11	7,77
Senegal	1,15	1,13	1,35	1,28	1,04	1,19
Serra Leoa	0,16	0,10	0,15	0,12	0,25	0,16
Togo	0,38	0,48	0,43	0,35	0,40	0,41
África Oriental	7,15	7,94	8,49	9,69	10,23	8,70
Burundi	0,23	0,12	0,10	0,10	0,12	0,13
Comores	0,06	0,04	0,04	0,04	0,05	0,05
Djibouti	0,22	0,14	0,14	0,12	0,11	0,15
Eriteia	0,25	0,40	0,30	0,15	0,16	0,25
Etiópia	0,88	1,05	1,32	1,70	2,16	1,42
Quênia	2,05	2,37	2,30	2,38	2,66	2,35
Rwanda	0,28	0,21	0,17	0,23	0,36	0,25
Seychelles	0,21	0,28	0,28	0,23	0,18	0,23
Sudão	0,94	1,19	1,66	2,34	1,62	1,55
Tanzânia	1,54	1,15	1,26	1,48	1,86	1,46
Uganda	0,50	0,98	0,94	0,93	0,96	0,86
África Central	4,75	4,34	5,12	5,35	5,85	5,08
Camarões	1,23	1,03	1,26	1,13	1,09	1,15
Rep. Centro Africana	0,14	0,11	0,08	0,07	0,05	0,09
Chade	0,24	0,27	0,56	0,44	0,60	0,42
Rep. Dem do Congo	1,09	0,68	0,79	0,94	0,99	0,90
Rep. do Congo	0,60	0,73	0,47	0,65	0,91	0,67
Guiné Equatorial	0,06	0,23	0,49	0,83	1,11	0,54
Gabão	0,84	0,76	0,73	0,57	0,58	0,70
Madagáscar	0,55	0,53	0,75	0,72	0,51	0,61
Sul da África	33,77	35,33	35,08	33,49	32,15	33,96
Angola	1,63	1,76	2,74	4,08	3,93	2,83
Botswana	1,91	1,62	1,47	1,11	1,24	1,47
Lesoto	0,85	0,81	0,63	0,46	0,40	0,63
Malawi	0,63	0,48	0,45	0,44	0,44	0,49
Maurícia	1,76	1,68	1,48	1,05	0,88	1,37
Moçambique	0,96	0,64	0,97	0,88	1,31	0,95
Namíbia	1,32	1,29	1,15	1,00	1,17	1,19
São Tomé e Príncipe	0,03	0,02	0,02	0,02	0,02	0,02
África do Sul	20,85	23,30	23,24	22,22	20,33	21,99
Suazilândia	0,80	0,82	0,85	0,50	0,31	0,66
Zâmbia	0,93	0,67	0,88	1,02	1,40	0,98
Zimbabwe	2,11	2,24	1,19	0,72	0,72	1,39
África	100	100	100	100	100	100

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de UNCTADSTAT, 2015

Tabela B6: Composição das exportações dos países africanos (%), 2013

Países/Regiões		Produtos e a representação na exportação					Produtos	
							Total	até 75%
África de Norte							38	
Argélia	Petróleo Bruto	44,2	Gás Natural em estado gasoso	19,9	Óleo Leves	9,0	73,1	4
Egito	Petróleo Bruto	24,5	Gás Natural	7,1	Petróleo Ref	6,3	37,9	80
Líbia	Petróleo Bruto	81,8	Petróleo	10,0	Gás Natural em estado gasoso	6,0	97,8	1
Mauritânia	Minérios de ferro	50,8	Minérios de Cobre	14,2	Crude Petróleo	10,1	75,1	3
Marrocos	Fios Isolados para velas de	8,3	Ácidos Fosfórico e Polifosfóricos	6,3	Hidrogenio Ortofosfato de	4,1	18,7	62
Tunísia	Petróleo Bruto	11,1	ios Isolados para velas de igniçã	6,8	Calças/Vestuario	4,7	22,6	78
África Ocidental							7	
Benin	Algodão em rama	22,0	Castanha de caju natural	15,5	Sementes e Frutas oleoginosas	11,0	48,5	7
Burkina Faso	Algodão	65,4	Outros Sementes	8,3	Ouro Bruto	5,0	78,7	3
Cabo Verde	Embarcações Marítima	41,3	Peixe Congelado	9,9	Peixe processado	8,6	59,8	6
Costa do Marfim	Cacau bruto em amêndoas	31,1	Petróleo óleo e bruto	10,3	Pasta de Cacau	7,2	48,6	11
Gâmbia	Madeira em bruto	42,2	Tecidos trama	25,9	Minérios de titânio concentrados	7,2	75,3	3
Gana	Petróleo Bruto	37,1	Ouro bruto	30,0	Cacau em amêndoas	6,0	73,1	7
Guiné	Alumínio	43,1	Petróleo Bruto	34,8	Peixe Congelado	5,0	82,9	2
Guiné-Bissau	Castanha de caju natural	66,5	Peixe Congelado	9,6	Áspero Madeira	4,3	80,4	2
Libéria	Minérios de ferro	32,8	Navios de Cruzeiro	21,0	Borracha Natural	12,6	66,4	5
Mali	Algodão em rama	59,7	Mineral fertilizante (nitrogénio)	12,4	Semente/Farinha de gergelim	5,4	77,5	3
Níger	Tabaco/Cigarro	73,4	Petróleo óleo	15,5	Óleos leves	5,7	94,6	2
Nigéria	Petróleo Bruto	83,4	Gás Natural/Petróleo	10,6	Petróleo refinado	3,2	97,2	1
Senegal	Peixe Congelados	12,5	Ácidos Fosfórico e Polifosfóricos	8,0	Navios de Cruzeiro	4,5	25,0	31
Serra Leoa	Minérios de ferro	72,5	Diamante Bruto	8,7	Minérios de titânio	7,0	88,2	2
Togo	Ouro Bruto	12,5	Óleo e Petróleo leves	10,6	Energia Elétrica	7,6	30,7	13
África Oriental							12	
Burundi	Café não torrado	48,9	Chá	13,4	Minérios de	12,9	75,2	3
Comores	Cloves	52,0	Baunilha	12,9	Navios e outras estruturas	11,1	76,0	3
Djibouti	Carvão Vegetal	22,9	Ovinos Vivos	10,6	Cabrinos Vivos	10,6	44,1	13
Eritreia	Ouro bruto	55,7	Minérios de cobre	26,3	Prata bruta	4,7	86,7	2
Etiópia	Café	31,5	Semente Oleaginosas	19,5	Flores cortadas	11,5	62,5	7
Quênia	Chá	16,8	Flores cortadas	11,8	Petróleo óleo e crude	10,4	39,0	49
Rwanda	Minério de Nióbio/Tântalo	43,0	Minério de Estanho	16,5	Café	15,1	74,6	4
Seychelles	Peixe Processado	56,7	Peixe Congelado	8,4	Atum patudo	8,2	73,3	4
Sudão	Petróleo Bruto	63,9	Ovinos Vivos	9,8	Sementes e farinha de gergelim	9,3	83,0	3
Tanzânia	Tabaco	9,9	Ouro bruto	7,7	Café	5,3	22,9	28
Uganda	Café	28,5	Tabaco	6,2	Filetes de peixe	4,7	39,4	20
África Central							6	
Camarões	Petróleo Bruto	43,2	Cacau em amêndoas	8,9	Madeira	7,1	59,2	6
Rep. Centro Africana	Madeira bruto	32,9	Algodão em rama	16,8	Diamantes	14,5	64,2	4
Chade	Petróleo Bruto	96,1	Algodão em rama	1,4	Resinas de insetos	1,2	98,7	1
Rep. Dem do Congo	Cathodes/Cobalto	39,3	Minérios de Cobre	22,6	Petróleo Bruto	1,6	63,5	3
Rep. do Congo	Petróleo Bruto	83,5	Cathodes/Cobalto	5,7	Petróleo óleo excluído crude	4,4	93,6	1
Guiné Equatorial	Petróleo Bruto	66,5	Gás Natural	19,3	Álcoois Acíclicos	3,6	89,4	2
Gabão	Petróleo Bruto	73,8	Minérios de Manganês	8,5	Navios de Cruzeiro	5,3	87,6	2
Madagáscar	Níquel	18,5	Baunilha	6,8	Camarão	5,7	31,0	26
Sul da África							13	
Angola	Petróleo Bruto	94,0	Plataforma de perfuração	1,5	Petróleo refinado	1,3	96,8	1
Botswana	Diamantes bruto	76,0	Diamante	6,5	Níquel	6,4	88,9	1
Lesoto	Diamantes bruto	32,2	Calças/Vestuario	12,3	Fibras Sintéticas	7,3	51,8	13
Malawi	Tabaco	54,5	Chá	8,1	Açúcar bruto	7,6	70,2	5
Maurícia	Peixe Processado	15,2	Açúcar bruto	11,9	Malhas camisetas	6,8	33,9	36
Moçambique	Alumínio em forma bruta	26,7	Óleos leves e preparações	13,4	Carvão natural	7,3	47,4	10
Namíbia	Diamantes bruto	20,2	Filetes de peixe	7,8	Zinco/Cobre em forma bruta	6,1	34,1	19
São Tomé e Príncipe	Cacau em amêndoas	80,1	Peças de veículos	4,5	Máquinas de engarrafameto	2,3	86,9	1
África do Sul	Ouro bruto	16,6	Minérios de ferro	9,9	Platina	8,2	34,7	35
Suazilândia	Soluções alcóolicas	25,7	Cana de Açúcar (Bruto)	16,9	Produtos químicos e preparações	10,5	53,1	20
Zâmbia	Cobre	63,6	Tabaco	4,3	Cobalto	2,1	70,0	5
Zimbabwe	Tabaco	36,3	Conteiner	7,0	Ouro e metal precioso	6,4	49,7	14
África								
Petróleo óleo e óleo obt. de								
minerais bruto		46,8	Gás Natural liquidificado	3,8	Gás Natural em estado gasoso	2,8	53,4	26

Fonte: Elaboração própria a partir de dados do BAD, 2015

Tabela B7: Composição das importações dos países africanos (%), 2013

Países/ Regiões		Produtos e representação nas importações					Total
África de Norte							
Argélia	Carros	7,0	Petróleo refinado	6,4	Caminhão	4,0	17,4
Egito	Petróleo refinado	9,4	Trigo	3,6	Crude Petróleo	3,0	16,0
Líbia	Petróleo refinado	13,0	Carros	5,0	Turbinas a gás	2,4	20,4
Mauritânia	Petróleo refinado	19,0	Plataforma de Perfuração	16,0	Açucar Bruto	3,3	38,3
Marrocos	Petróleo refinado	9,2	Crude Petróleo	8,6	Petróleo	4,8	22,6
Tunísia	Petróleo	11,0	Petróleo refinado	7,5	Carros	3,0	21,5
África Ocidental							
Benin	Arroz	14,0	Plataforma de Perfuração	13,0	Carros	7,5	34,5
Burkina Faso	Petróleo refinado	20,0	Medicamento Embalado	4,2	Cimento	2,4	26,6
Cabo Verde	Petróleo refinado	19,0	Arroz	3,1	Cimento	2,5	24,6
Costa do Marfim	Crude Petróleo	20,8	Plataforma de Perfuração	20,6	Arroz	3,7	45,1
Gâmbia	Tecido Algodão	18,1	Arroz	6,0	Açucar bruto	4,7	28,8
Gana	Plataforma de perfuração	10,0	Petróleo refinado	4,6	Carros	4,2	18,8
Guiné	Petróleo refinado	26,0	Arroz	4,1	Calçado de borracha	3,5	33,6
Guiné-Bissau	Petróleo refinado	19,0	Arroz	11,0	Cimento	4,0	34
Libéria	Navios de Cruzeiro	50,0	Plataforma de Perfuração	17,5	Petróleo refinado	12,0	79,5
Mali	Petróleo refinado	12,4	Tecido de algodão	5,7	Medicamentos embalados	5,3	23,4
Níger	Arroz	8,5	Carros	4,7	Medicamentos embalados	4,4	17,6
Nigéria	Petróleo refinado	18,0	Carros	3,5	Trigo	3,0	24,5
Senegal	Petróleo refinado	25,0	Crude Petróleo	7,5	Arroz	5,2	37,7
Serra Leoa	Arroz	7,6	Petróleo refinado	6,7	Medicamentos embalados	3,3	17,6
Togo	Petróleo refinado	49,0	Motocicletas	2,4	Tecido de Algodão	2,0	53,4
África Oriental							
Burundi	Medicamentos embalados	7,2	Telefones	6,0	Sangue humano/animal	5,2	18,4
Comores	Medicamentos embalados	4,8	Arroz	4,7	Carros	3,9	13,4
Djibouti	Óleo de Palma	8,9	Amônia	4,2	Trigo	3,9	17,0
Eriteia	Veículo de Construção	6,1	Macarrão	5,3	Caminhão de entrega	4,9	16,3
Etiópia	Petróleo refinado	11,0	Caminhão de entrega	4,1	Medicamentos embalados	3,0	18,1
Quênia	Petróleo refinado	18,0	Carros	3,4	Ferro laminados	2,6	24,0
Rwanda	Carros	8,0	Petróleo refinado	4,6	Cimento	3,6	16,2
Seychelles	Peixe congelado	18,0	Iates	6,8	Equipamento de transmissão	3,2	28,0
Sudão	Trigo	8,7	Açucar bruto	5,9	Medicamentos embalados	3,3	17,9
Tanzânia	Petróleo refinado	34,8	Carros	2,3	Trigo	1,9	39,0
Uganda	Petróleo refinado	20,0	Medicamentos embalados	5,1	Carros	3,4	28,5
África Central							
Camarões	Crude Petróleo	15,3	Plataforma de perfuração	4,3	Arroz	4,2	23,8
Rep. Centro Africana	Petróleo refinado	51,0	Medicamentos embalados	6,3	Tampas de plástico	4,1	61,4
Chade	Maquinas de Terraplanagem	5,8	Medicamentos embalados	4,1	Veículos de construção	3,7	13,6
Rep. Dem do Congo	Petróleo refinado	4,1	Ácido Sulfúrico	3,9	Cimento	3,4	11,4
Rep. do Congo	Plataforma de perfuração	22,9	Navio Cruzeiro	20,0	Outros transp. Maritimas	4,6	47,5
Guiné Equatorial	Veículos de construção	18,0	Estruturas de ferro	4,2	Petróleo refinado	4,1	26,3
Gabão	Plataforma de perfuração	8,4	Máquinas de Terraplanagem	3,2	Petróleo refinado	3,0	14,6
Madagáscar	Petróleo refinado	20,0	Arroz	5,3	Açucar	2,0	27,3
Sul da África							
Angola	Plataforma de perfuração	5,0	Petróleo refinado	4,6	Válvulas	2,3	11,9
Botswana	Diamante bruto	40,0	Carros	2,0	Medicamentos	2,0	44,0
Lesoto	...	...	...	...	...	...	...
Malawi	Petróleo refinado	12,0	Fertilizante Nitrogenados	6,2	Medicamentos embalados	5,3	23,5
Maurícia	Petróleo refinado	17,0	Peixe congelado	5,9	Carros	3,1	26,0
Moçambique	Petróleo refinado	23,0	Petróleo	5,2	Caminhão de entrega	3,0	31,2
Namíbia	Cobre	8,0	Est. Flutuante especial	7,0	Carros	4,0	19,0
São Tomé e Príncipe	Petróleo refinado	22,0	Telefones	4,6	Vinho	3,2	29,8
África do Sul	Crude Petróleo	13,0	Petróleo refinado	6,2	Carros	5,2	24,4
Suazilândia	...	...	...	...	...	...	...
Zâmbia	Minério de cobre	13,2	Petróleo refinado	8,6	Caminhão de entrega	3,4	25,2
Zimbabwe	Petróleo refinado	19,9	Caminhão de entrega	4,0	Carros	3,7	27,6
África							

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de OCE-MIT /COMTRADE,2015.

Tabela B8: Destino das exportações dos países africanos (%), 2013

Regiões/Países			Destino			Total em %	
África de Norte							
Argélia	Espanha	16,0	Itália	11,0	Reino Unido	9,5	36,5
Egito	Italia	9,0	Índia	7,4	Arábia Saudita	6,9	23,3
Líbia	Italia	26,0	Alemanha	15,0	França	10,0	51,0
Mauritânia	China	50,0	Suiça	14,0	Itália	6,4	70,4
Marrocos	França	21,0	Espanha	18,0	Brasil	6,0	45,0
Tunísia	França	26,0	Itália	18,0	Alemanha	9,0	53,0
África Ocidental							
Benin	China	20,0	Índia	12,0	Nígeria	7,3	39,3
Burkina Faso	Suiça	52,0	China	5,2	Cingapura	5,2	62,4
Cabo Verde	Espanha	67,0	Portugal	16,0	Itália	4,4	87,4
Costa do Marfim	Gana	15,0	Holanda	7,5	Alemanha	6,2	28,7
Gâmbia	Mali	34,0	Emirados	32,0	Senegal	17,0	83,0
Gana	África do sul	22,0	Guiné	13,0	Suiça	9,3	44,3
Guiné	Índia	31,0	Coreia do Sul	9,2	Espanha	9,0	49,2
Guiné-Bissau	Índia	48,0	Vietnã	22,0	Gana	16,0	86,0
Libéria	Polônia	33,0	China	12,0	EUA	8,3	53,3
Mali	China	27,0	Índia	14,2	Burkina Faso	14,0	55,2
Níger	Nigéria	52,0	França	26,0	Burkina Faso	4,6	82,6
Nigéria	Índia	13,0	EUA	11,0	Brasil	10,0	34,0
Senegal	Índia	10,0	França	9,9	Costa do Marfim	8,1	28,0
Serra Leoa	China	81,0	Bélgica	2,4	EUA	2,0	85,4
Togo	Líbano	12,2	Gana	12,0	Burkina Faso	10,0	34,2
África Oriental							
Burundi	Alemanha	13,0	Suécia	12,0	China	12,0	37,0
Comores	Espanha	20,0	França	14,0	Turquia	11,0	45,0
Djibouti	Arábia Saudita	46,0	Egito	7,7	Índia	6,2	59,9
Eriteia	Canadá	62,0	China	19,0	Coreia do Sul	6,9	87,9
Etiópia	Somália	17,0	Arábia Saudita	10,0	China	8,6	35,6
Quênia	Zâmbia	13,0	Uganda	10,0	Holanda	9,4	32,4
Ruanda	Tanzânia	27,0	Rep.D.Congo	14,0	China	12,0	53,0
Seychelles	França	27,0	Reino Unido	19,0	Itália	11,0	57,0
Sudão	China	49,0	Arábia Saudita	13,0	Japão	11,0	73,0
Tanzânia	África do sul	17,0	Índia	14,0	China	9,3	40,3
Uganda	Quênia	11,0	Rep.D.Congo	10,0	Sudão	8,9	29,9
África Central							
Camarões	Portugal	21,0	Espanha	12,0	Holanda	8,3	41,3
Rep. Centro Africana	China	33,0	Bélgica	16,0	Indonésia	11,0	60,0
Chade	EUA	81,0	Japão	6,1	Índia	4,4	91,5
Rep. Dem do Congo	China	37,0	Zâmbia	25,0	Itália	9,7	71,7
Rep. do Congo	China	41,0	EUA	8,9	Angola	7,3	57,2
Guiné Equatorial	China	17,0	Japão	14,0	Reino Unido	13,0	44,0
Gabão	Japão	23,0	Rep.D.Congo	12,0	EUA	11,0	46,0
Madagáscar	França	23,0	EUA	8,7	China	6,6	38,3
Sul da África							
Angola	China	47,0	EUA	13,0	Índia	10,0	70,0
Botswana	Reino Unido	72,5	Noruega	6,0	Bélgica	5,4	83,9
Lesoto	EUA	49,0	Bélgica	43,0	Botswana	2,0	94,0
Malawi	Canadá	20,0	EUA	6,7	África do Sul	6,0	32,7
Maurícia	Reino Unido	15,0	França	13,0	EUA	9,4	37,4
Moçambique	África do sul	21,0	Holanda	17,0	Índia	11,0	49,0
Namíbia	Reino Unido	20,7	Bélgica	14,0	Botswana	13,4	48,1
São Tomé e Príncipe	Bélgica	18,0	Polônia	14,0	Holanda	11,0	43,0
África do Sul	China	9,2	EUA	7,6	Reino Unido	7,5	24,3
Suazilândia	África do sul	56,0	Índia	6,0	EUA	4,2	66,2
Zâmbia	Suiça	32,0	China	23,0	Rep.D.Congo	9,3	64,3
Zimbabwe	África do sul	40,0	China	13,0	Moçambique	9,5	62,5
África							

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de OCE-MIT/COMTRADE, 2015

Tabela B9: Origem das importações dos países africanos (%), 2013

Regiões/Países			Origens				Total em %
África de Norte							
Argélia	França	13,0	China	12,0	Itália	10,0	35,0
Egito	China	11,0	EUA	7,6	Itália	5,5	24,1
Líbia	Itália	16,0	China	12,0	Turquia	12,0	40,0
Mauritânia	Hungria	20,0	França	9,4	Bélgica	8,8	38,2
Marrocos	França	13,0	Espanha	11,0	China	6,9	30,9
Tunísia	França	17,0	Itália	13,0	Alemanha	7,1	37,1
África Ocidental							
Benin	Índia	11,0	França	11,0	China	10,0	32,0
Burkina Faso	China	9,3	França	8,2	Costa do Marfim	5,2	22,7
Cabo Verde	Portugal	39,0	Espanha	6,5	Holanda	3,6	49,1
Costa do Marfim	Nigéria	23,0	Bahamas	12,0	China	11,0	46,0
Gâmbia	China	31,0	Brasil	11,0	Senegal	5,2	47,2
Gana	China	18,0	EUA	9,8	Bélgica	7,1	34,9
Guiné	China	25,0	Holanda	21,0	Reino Unido	6,9	52,9
Guiné-Bissau	Portugal	42,0	Índia	7,5	Espanha	5,4	54,9
Libéria	Coreia do Sul	57,0	China	15,0	Polônia	5,5	77,5
Mali	França	16,0	Costa do Marfim	14,0	China	11,0	41,0
Níger	China	19,0	França	11,0	Índia	6,1	36,1
Nigéria	China	22,0	EUA	11,0	Holanda	6,7	39,7
Senegal	China	12,0	França	11,0	Holanda	10,9	33,9
Serra Leoa	China	12,0	Reino Unido	9,3	Índia	9,0	30,3
Togo	Bélgica	20,0	China	19,0	Holanda	9,6	48,6
África Oriental							
Burundi	China	14,0	Uganda	13,0	Bélgica	12,0	39,0
Comores	França	49,0	China	17,0	Paquistão	4,0	70,0
Djibouti	China	35,0	Índia	10,0	Indonésia	9,8	54,8
Eritéia	China	33,0	Egito	15,0	Alemanha	9,5	57,5
Etiópia	China	21,0	Índia	9,0	Arábia Saudita	8,3	38,3
Quênia	Índia	25,0	China	20,0	Japão	5,6	50,6
Rwanda	China	14,0	Uganda	11,0	Japão	8,9	33,9
Seychelles	Espanha	17,0	França	12,0	Índia	7,8	36,8
Sudão	China	31,0	Índia	11,0	Egito	6,7	48,7
Tanzânia	Índia	19,0	China	13,0	Suiça	12,0	44,0
Uganda	Índia	25,0	China	11,0	Quênia	9,3	45,3
África Central							
Camarões	China	20,0	Nigéria	20,0	França	12,0	52,0
Rep. Centro Africana	Coreia do Sul	23,0	Holanda	20,0	Cingapura	12,0	55,0
Chade	China	34,0	França	14,0	Índia	7,0	55,0
Rep. Dem do Congo	África do Sul	23,0	Zâmbia	17,0	China	14,0	54,0
Rep. do Congo	Angola	13,0	Gabão	11,0	Gana	7,8	31,8
Guiné Equatorial	EUA	26,0	Espanha	16,0	China	13,0	55,0
Gabão	França	25,0	China	11,0	Bélgica	7,0	43,0
Madagáscar	Emirados Árabes	19,0	China	14,0	França	7,3	40,3
Sul da África							
Angola	Portugal	19,0	China	18,0	África do Sul	6,6	43,6
Botswana	África do Sul	39,0	Reino Unido	17,0	Nigéria	14,0	70,0
Lesoto	China	47,0	Índia	9,0	Hong Kong	8,0	64,0
Malawi	África do Sul	21,0	Moçambique	11,0	China	9,3	41,3
Maurícia	Índia	23,0	China	15,0	França	8,3	46,3
Moçambique	África do Sul	23,0	China	8,2	Emirados Árabes	8,0	39,2
Namíbia	África do Sul	56,0	China	11,0	Alemanha	4,3	71,3
São Tomé e Príncipe	Portugal	52,0	Angola	21,0	China	3,2	76,2
África do Sul	China	15,0	Alemanha	8,5	Arábia Saudita	7,4	30,9
Suazilândia	África do Sul	85,0	Qatar	3,0	China	1,5	89,5
Zâmbia	África do Sul	30,0	Rep.D.Congo	18,0	China	9,7	57,7
Zimbábwe	África do Sul	44,0	Reino Unido	19,0	China	7,0	70,0
África							

Fonte: Elaboração própria a partir de dados de OCE-MIT/COMTRADE, 2015